



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE



Maria Luana dos Santos

MALINCHE:
O 'NOVO MUNDO' É FEITO DE REPRESENTAÇÕES

DOURADOS/MS

2015

Maria Luana dos Santos

MALINCHE:

O 'NOVO MUNDO' É FEITO DE REPRESENTAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura e práticas culturais

Linha de pesquisa: Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Alexandra Santos Pinheiro

DOURADOS/MS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237m	Santos, Maria Luana dos. Malinche : o 'novo mundo' é feito de representações. / Maria Luana dos Santos. – Dourados, MS : UFGD, 2015. 121f. Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. <i>Malinche</i> . 2. Literatura mexicana. 3. Interferência social. 4. América Latina. I. Título. CDD – 863
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE



Dissertação intitulada "Malinche: o 'Novo mundo' é feito de representações", de autoria da
mestranda Maria Luana dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelas
seguintes professoras:

Prof.ª Dr.ª Alexandra Santos Pinheiro
FACALE/UGD - Orientadora

Prof.ª Dr.ª Leoné Astride Barzotto
FACALE/UGD

Prof.ª Dr.ª Ximena Antonia Diaz Merino
CECA/UNIÓESTE

Prof.ª Dr.ª RUTE IZABEL SIMÕES CONCEIÇÃO
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras:
Literatura e Práticas Culturais
FACALE/UGD

Dourados, 30 de março de 2015.

Dedico este trabalho a todos aqueles que são frutos do mundo híbrido, e que possuem uma causa pela qual lutem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de algum modo para a consolidação desse trabalho, mas em especial a algumas pessoas.

Primeiramente, a Deus por toda a força e sabedoria que tem me proporcionado ao longo da vida, sempre me orientando para as melhores decisões possíveis.

Agradeço a toda minha família, mas de modo especial às mulheres de minha vida: Maria, minha mãe; Fran e Gil, minhas irmãs, que sempre toleraram meus momentos de nervosismo, crises de ansiedade, e, lágrimas nos momentos de desespero. Muito obrigada por não me deixar desistir.

Também recebo um obrigado especial Kátia e Cris, as amigas do mestrado, sempre me auxiliando com materiais e carona nos momentos de crise financeira, assim como as palavras: “Sim, você é capaz”. Sim, vocês possuem parte cativa nesse trabalho.

Como esquecer minha orientadora? A professora Alexandra, sempre manteve diálogos comigo, sem aquela postura autoritária adotada por muitos orientadores. Esses diálogos e seu conhecimento compartilhado foram muito importantes não apenas para esse projeto, mas também para minha vida.

Suzana, a secretária do PPG-Letras, socorrendo a todos no momento de desespero, sempre com a informação precisa para nossas dúvidas, impossível não agradecer-lá. Muito obrigada!

Agradeço, também, ao meu amigo Osmar Ferreira Luiz, e sua esposa, Alessandra Narciso Simão, ele por me incentivar a participar do processo de seleção, ela por me ajudar, fornecendo grande parte da bibliografia básica.

E, por último, mas não menos importante, ao órgão financiador dessa pesquisa: a FUNDECT/CAPES. Sem o auxílio financeiro grande parte da experiência e oportunidades (viagens para congressos e eventos) a qual tive acesso não teria sido possível.

A todos vocês, minha gratidão! Muito obrigada!

*Todo es cuestión de despertar su
ánima.*

Gabriel García Márquez
(1927-2014)

RESUMO

Analisamos a obra *Malinche* (2006), da escritora mexicana Laura Esquivel (1950), visando compreender como se deu o processo de construção do “Novo Mundo”. Adotamos, para isso, como marco teórico não uma teoria, mas perspectivas teóricas diversas que pudessem contribuir para a análise do texto, dentre elas destacamos: a metaficção historiográfica, a análise do discurso, as relações de gênero e reflexões pós-coloniais. Pautamo-nos em frentes de investigação, sobretudo, do espaço literário, sem deixar de considerar as contribuições filosófico-sociológicas e historiográficas. Como metodologia de trabalho, partimos do texto literário como mote orientador de leitura, isto é, *Malinche* (2006) exigia as teorias e autores empregados, dentre estes cabe destacar: Achugar (2006), Bhabha (1995), Bakhtin (1998), Hutcheon (1991), Paz (1998), Ricouer (2007), Santiago (2000) e Todorov (2003). No decorrer da leitura, fomos levados a percorrer caminhos inesperados e, ao invés de nos depararmos com a construção social de um mundo novo, percebemos uma produção literária com alto teor de interferência social, além de ser representativa de uma sociedade resultante do contato cultural de civilizações com características díspares. Por meio do enredo em questão, detectamos a estruturação das identidades que começavam a se formar na região correspondente ao atual estado mexicano, uma “nação” híbrida por excelência. Ademais, compreendemos a obra como um código que lê, a partir do século XXI, o seu passado histórico, fato que auxilia sobremaneira na elaboração de um discurso mexicano, mas, primordialmente, um discurso para/do “Novo Mundo”.

Palavras-chave: *Malinche*; Literatura mexicana; Interferência social; América Latina.

RESUMEN

Analizamos la obra *Malinche* (2006), de la escritora mexicana Laura Esquivel (1950), con el propósito de comprender como ocurrió el proceso de construcción del “Nuevo Mundo”. Nos apropiamos, para eso, no de una teoría como hito teórico, sino de perspectivas teóricas que pudieran contribuir al análisis del texto, podemos mencionar: metaficción historiográfica, análisis del discurso, relaciones de género y reflexiones post-coloniales. Nos orientamos según el espacio literario sin dejar de considerar las contribuciones filosófico-sociológicas e historiográficas. Como metodología de trabajo, partimos del texto literario como mote orientador de lectura, o sea, *Malinche* (2006) que exigía teorías y autores, como: Achugar (2006), Bhabha (1995), Bakhtin (1998), Hutcheon (1991), Paz (1998), Ricouer (2007), Santiago (2000) e Todorov (2003). En el trascurso de la lectura, fuimos conducidos a recorrer caminos inesperados y, en lugar de depararnos con la construcción social de un mundo nuevo, percibimos una producción literaria con altos grados de interferencia social, además de ser representativa de una sociedad resultante del contacto cultural de civilizaciones con rasgos distintos. A través del enredo en cuestión, detectamos la estructuración de identidades que empezaban a formarse en la región correspondiente al actual estado mexicano, una “nación” híbrida por excelencia. Comprendemos, aun, la obra como un texto que lee, del siglo XXI, su pasado histórico, hecho que ayuda de sobremanera en la elaboración de un discurso mexicano, pero, primordialmente, un discurso para/del “Nuevo Mundo”.

Palabras clave: *Malinche*; Literatura mexicana; Interferencia social; América Latina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Capítulo I: AS DIFERENTES FACES PARA AS REPRESENTAÇÕES	20
1.1. Malinche em suas relações.....	23
1.2. Nas sendas do romance.....	28
1.3. A força da dominação simbólica no “Novo Mundo”.....	37
Capítulo II: ACONTECIMENTOS TRANSFORMADOS EM DISCURSOS	48
2.1. Que HISTÓRIA é essa?.....	51
2.2. Um discurso situado [que situa].....	61
2.3. A detecção de uma voz.....	77
Capítulo III: O CONTATO SEMPRE POSSÍVEL	83
3.1. Relações de gênero como contato presumido.....	85
3.2. Diálogo entre culturas.....	94
3.3. Uma aproximação que distancia.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

Tudo possui uma história, não haveria de ser diferente com esse trabalho. Trata-se de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida já há algum tempo. O objeto de estudo já foi abordado em trabalho de conclusão de curso (TCC), em 2011, quando cursava o terceiro ano do curso de Letras habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nesse ano, o enfoque estava pautado, predominantemente, na crítica feminista como aclaradora da condição feminina na sociedade mexicana. Em 2013, logo após concluir a graduação, apresentei¹ à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) um projeto de pesquisa para dar continuidade às investigações, vez que considerava Malinche (obra e personagem) objeto capaz de suscitar múltiplas discussões pertinentes ao desenvolvimento da sociedade/humanidade.

Logo, as considerações desenvolvidas ao longo deste trabalho estão pautadas na obra *Malinche* (2006), da escritora mexicana Laura Esquivel. A autora nasceu em 30 de setembro de 1950, na capital mexicana, iniciando suas atividades, ainda na década de 80, como roteirista. Ficou internacionalmente conhecida, entre fins dos anos 80 e início dos noventa, após a publicação do romance *Como agua para chocolate* (1989), obra traduzida para mais de trinta idiomas. Foi adaptado para o cinema, com o mesmo título, em 1992, pelo seu esposo na época, o ator Alfonso Arau. Escreveu obras e programas infantis para a televisão pública mexicana, fato decorrente de sua formação como educadora e da falta de materiais para esse público². Sua intenção inicial não era a publicação de romances, mas sim escrever roteiros para filmes. No entanto, como produções cinematográficas possuem um custo elevado, foi encorajada a escrever literatura. Dentre a sua produção é possível destacar: *Como agua para chocolate* (1989), *La ley del amor* (1995), *Íntimas succulencias* (1998), *Estrellita Marinera* (1999), *El libro de las emociones* (2000), *Tan veloz como el deseo* (2001), *Malinche* (2006) e *Escribiendo la nueva historia* (2013)³.

A obra mais famosa de Esquivel reúne a tradição e amor pela gastronomia. Em *Como agua para chocolate* (1989), para narrar o enlace amoroso entre Tita e Pedro, a autora fará uso da tradição mexicana, que perdurou no espaço rural até o início do século XX, de que a

¹ A primeira pessoa serve como meio para a introdução do leitor ao caminho percorrido até chegarmos a esse momento, afinal nada vem do nada, tudo possui um princípio. A alteração da pessoa do discurso que se segue é decorrente da adequação à linguagem científica.

² A autora percebe a carência desse tipo de material em seu país e decide fazer algo a respeito, ou seja, decide enveredar por esse caminho.

³ Todas as obras foram traduzidas para mais de um idioma, no entanto, cabe mencionar que todas foram traduzidas para a Língua Portuguesa, o que demonstra a boa aceitação da autora em território nacional.

filha mais jovem não deve se casar para poder cuidar dos pais até a morte, associando esse fato à rica culinária mexicana. Tita, a filha mais nova de uma viúva, se apaixona por Pedro, mas não podendo casar-se, o rapaz contrai matrimônio com a irmã mais velha, assim poderia permanecer perto de sua paixão. Ao fim, serão os pratos preparados por Tita que atuarão como elo entre o casal. Os alimentos irão além da simples união de sabores, alcançando a manifestação dos sentimentos da personagem principal que serão transmitidos por meio das refeições por ela preparada para aqueles que as saboreiam. O relacionamento amoroso se concretiza após vinte anos, com um envolvimento que, de tão intenso, converte-se em fogo e eternidade.

Cronologicamente, segue *La ley del amor*, publicado em 1995, uma inovação em termos literários. A obra é uma produção “intermediática” que combina texto, ilustrações e um CD com canções que acompanham o desenvolvimento da narrativa. A história abarca sete séculos de desencontros amorosos que serão desvendados após o terremoto que leva à ruína a casa que serve de cenário para a narrativa. O enredo é marcado por um duplo triângulo amoroso sobre o qual a narrativa se estrutura, com relacionamentos ardentes motivados pela casa que foi construída sobre um templo asteca dedicado ao amor. Já a obra *Íntimas succulencias*, posta em circulação em 1998, coloca em relevo um misto de autobiografia, ensaio, livro de contos e um conglomerado de receitas mexicanas. Configura-se como um livro singular, quase que de modo a estabelecer um contato íntimo com o leitor. As reflexões desenvolvidas em meio ao fogão, panelas e aromas retomam as raízes e tradições nacionais/identitárias.

Em 1999, publicou o livro de contos para crianças *Estrellita marinera*, que entrelaça a vida de dois meninos que estão prestes a receber uma herança. A obra acaba por constituir-se como uma fábula atual, com ilustrações e um colorido que remetem ao universo mágico do circo. Ao modo de toda fábula, poderíamos considerar a tentativa de resgate de alguns valores extremamente humanos e quase que perdidos em nosso tempo, são eles: a bondade, a sabedoria, o amor e a compaixão. Configura-se, assim, como uma obra que retoma as bases da produção inicial de Laura Esquivel, voltada para o público infanto-juvenil, mas que não deixa de ter algum valor para qualquer faixa etária.

El libro de las emociones, trazido ao público em 2000, enfoca de uma maneira diferente o modo pelo qual se concebe a natureza humana. O ensaio situa no mesmo nível o plano das razões e emoções, até o ponto em que ambos tornam-se indissociáveis. Trata-se de um livro com suas particularidades. Possibilita ao leitor refletir acerca de sua própria

personalidade, bem como, sobre quais setores incidem diretamente na consolidação de sua identidade, se fatores racionais, emocionais, públicos ou privados.

Tan veloz como el deseo, publicado um ano depois, possui como temática a magia do estabelecimento de comunicação conciliadora por meio da linguagem. Concretização que ocorre no enredo de maneira personificada por meio das ações de Don Júbilo, o telegrafista que nasceu sorrindo e morreu sorrindo, mesmo tendo sido suplantado pelo progresso da comunicação. A personagem em questão possui o poder conciliador da palavra, por isto, altera minimamente as mensagens recebidas e enviadas da pequena localidade do interior mexicano. O conciliador morre enfermo, recordando as mais belas anedotas de seus anos de atividade.

Escrito sete anos após a obra que será investigada nesse trabalho, *Escribiendo la nueva historia o cómo dejar de ser víctima em doce lecciones* aborda a reflexão sobre o que queremos fazer de nossas vidas quando perdemos o rumo, realizando a proposição de um método para que se consiga ter a vida sob controle novamente, este, por sua vez, envolve o roteiro cinematográfico. A obra se concentra em uma reflexão e reedição dos indivíduos de maneira particular, assim, a tônica do ensaio vigora no fato de que só se transforma o outro, o mundo e a sociedade quando transformamos a nós mesmos. Para tanto, seria preciso a reescrita da história individual de cada sujeito para que ele decida o que pretende manter ou mudar de seu passado, o roteiro cinematográfico auxiliaria nesse processo. Contudo, o mais importante para essa transformação pessoal e, conseqüentemente social, é a vontade de mudar, se não há uma vontade vibrante/intensa nada sucede.

Diante das inovações no campo literário, como se percebe na síntese das obras de Esquivel, não causa espanto o reconhecimento e a larga premiação recebida pela autora. Cinco dessas honrarias resultado de seu mais aclamado romance *Como agua para chocolate*, que lhe rendeu prêmios pela produção literária e, também, pelo roteiro cinematográfico, são eles: Ariel e Silver Hugo (Chicago International Film Festival) ambos em 1992, ABBY (American Booksellers Book of the Year) em 1993, Conde de los Andes em 1994 e Cine Gourland em 2006. Ademais, foi agraciada com as seguintes premiações: La mujer del año (1992), Casita María (1995), Giuseppe Acerbi da Universidad de Verona (2004), Smithsonian Legacy Award (2007), Orden al Mérito Artístico y Cultural Pablo Neruda (2010), e, Orden Caballero Águila – as medalhas Jaime Sabines e Omecíhuatl (2011).

Um reconhecimento possível não apenas pelas transformações que promoveu no campo literário, mas também por uma produção marcada por representações com matizes

predominantemente femininos e posicionamentos que revelam sua maneira de se colocar perante a sociedade enquanto cidadã e personalidade pública. Adota uma postura extremamente politizada quando está em voga a constituição das raízes culturais de seu país, quiçá, seja essa uma das grandes motivações para que as cores locais de sua nação sejam pintadas de maneira intensa, bem como, os sabores e aromas imensamente salientados em sua produção.

É interessante constatar, em algumas entrevistas de Laura Esquivel, o fascínio que a cozinha exerce sobre si, assim como, o evidente interesse por tratar do universo feminino. Em uma dessas entrevistas, ela afirma que a cozinha é um espaço que possibilita a transformação social do universo feminino, isso porque é preciso mudar os sujeitos individuais primeiro, para depois conseguir mudar a sociedade. Antes, a autora até podia pensar que as transformações ocorreriam com a participação ativa das mulheres no ambiente público. Com o passar do tempo, percebeu que alterações ocorrem quando as estruturas primárias sofrem um abalo. O que não significa dizer que ações no espaço público não sejam bem vindas e positivas, mas, para mudar, é preciso que se queira e se haja em prol.

A autora parece acreditar em uma literatura como um instrumento capaz de curar as obsessões dos sujeitos sociais, não apenas de modo particular, mas também coletivo. Nestes termos, caberia considerar a interferência da literatura nos mais variados setores sociais, dentre eles, parece possuir maior relevância na produção de Esquivel, a constituição dos indivíduos enquanto sujeitos, a expansão e/ou evidenciação de matizes culturais mexicanos, bem como, a participação feminina na estruturação social.

No que tange à constituição dos sujeitos, o principal posicionamento da autora toca no fato de os seres humanos deixarem de existir quando não se importam com os demais no convívio coletivo. A expansão e/ou evidenciação de matizes culturais mexicanos é marcada, sobretudo, por um retorno temporal que considera a influência asteca nos aspectos culturais e, principalmente, a revelação dos sabores, muitas vezes hibridizados, da culinária local. O teor/potencial feminino é evidenciado não apenas na produção literária da autora, mas também em seus posicionamentos enquanto personalidade pública consciente de seu estatuto profissional. Destarte, Esquivel vê de maneira positiva o avanço da produção de escritoras tanto na América Latina quanto na Europa, compreendendo-a como um avanço das mulheres no espaço público.

Ademais, acredita na existência de uma literatura feminina que não possua qualquer relação com o sexo, mas com uma dicotomia social fundada em prioridades objetivas e

subjetivas/íntimas. A literatura feminina seria resultado dos anseios sociais por uma produção que deixasse paulatinamente de explorar o espaço objetivo, já esgotado por uma produção predominantemente masculina, em favor de um matiz subjetivo que seria alcançado por textos de autoria feminina. O momento atual requereria a busca por apropriações mais internas por parte de sujeitos sociais que estiveram por muito tempo privados desse aspecto, e que agora sentem o aprofundamento do aspecto subjetivo humano como uma necessidade.

Talvez alguns estudiosos considerem ultrapassado o fato de tomar as impressões particulares e sociais, que incidem sobre os autores, para a análise de sua produção. Mas seria no mínimo ingenuidade acreditar que toda e qualquer produção não sofre interferência, mesmo que em graus diminutos, de fatores externos à produção artístico-literária. Não por acaso, o texto em análise [*Malinche* (2006)] traz alguns dos aspectos destacados ao longo dessas primeiras considerações, sobretudo, os três pontos de maior ‘expressão’ nas obras da escritora.

Observa-se, assim, a intensa busca pelas raízes mexicanas ainda no momento da consolidação da nação durante o processo de colonização. Fator que contribui para o reavivamento da culinária, e primordialmente, para a influência/formação identitária dos sujeitos enquanto seres sociais. A questão feminina ganha relevo por meio da personagem que dá título ao livro, e pela tentativa de evidenciação de uma gênese feminina para a formação social Asteca, o que tentaria nos levar a acreditar em uma sociedade originária de uma divindade feminina, antes da chegada dos espanhóis em solo americano com seu Cristo/Deus masculino.

A narrativa em foco postula o trajeto entre a vida e a morte de Malinche, a ‘amante’/‘escrava sexual’ e intérprete do ‘conquistador’ espanhol Hernán Cortés. Dividido em oito capítulos, o texto conta a conquista da sociedade Asteca por meio do enredo tradicional, mas também através de uma narrativa caracteristicamente pré-colombiana, isto é, por um códice⁴. A história ocorre de modo cronológico à medida que se narra os aspectos da conquista dos territórios pertencentes ao atual estado mexicano pela coroa espanhola, de modo que o enredo acaba centrando-se no século XVI, aproximadamente entre 1504 e 1531. Além disso, oferece um desenvolvimento psicológico trazido à tona por curtos períodos de fluxo de consciência matizados, sobretudo, pelas personagens Malinche e Hernán Cortés.

⁴ Narrativa característica das sociedades pré-colombianas centrada em uma representação simbólico-imagética, que reúne várias composições sob o mesmo esquema [mesmo personagem, ação de caça ou ensinamento a ser transmitido – seja religioso ou profano], de histórias imaginadas ou não.

A partir da ordem de ocorrência dos fatos, nos deparamos com o nascimento da pequena Malinche, em um dia carregado por matizes mitológicos astecas. No dia chove torrencialmente e as crenças apontam para o possível prenúncio de um importante acontecimento, que estará tentando ser transmitido por Tlaloc, o deus da água. Tal dia também deixa entrever uma das principais relações no decorrer da narrativa, um comprometimento feminino, principalmente entre neta e avó, que possui como implicante as ações tomadas pela mãe de Malinche. Poderíamos afirmar que se trata de um convívio carregado de tradição, é a avó quem realiza o parto da nora, e assumirá muito cedo a responsabilidade pela educação da neta.

Mais adiante, encontramos-nos com a figura de Cortés, que relembra a sua infância enfermiça. Deste ponto, os acontecimentos se desenvolvem em uma crescente que culminará no contato entre Cortés e Malinche, não antes de serem destacados traços culturais das mais distintas sociedades que se colocaram frente a frente durante as primeiras décadas do “descobrimento”. Nesse ínterim, há de se perceber o quanto Malinche é passada de dono a dono, enquanto escrava maia⁵, e também, a subversão da ordem que Cortés recebe. De uma empreitada de exploração, ele assume uma postura de conquista. É segundo esse signo que o conquistador começará a ter acesso a escravos e se verá diante da necessidade de domínio das línguas locais.

A obra evidencia que a força não surte os efeitos desejados se não for possível subjugar e enganar de modo ideológico. A conquista, a princípio, segue com o auxílio de Aguilar, frei espanhol que foi feito escravo pelos maias e, posteriormente, resgatado por Cortés. Mas logo o maia não será de grande valia, posto os astecas dominarem os outros povos e possuírem como ‘língua oficial’ o nahuatl. É por meio do domínio do nahuatl que se dará a aproximação das principais personagens do romance em questão. Quando se dá conta de que Malinche é fluente no idioma de que precisa, o conquistador espanhol retira a escrava dos serviços destinados a Portocarrero, a quem a havia destinado, colocando-a a seu serviço sob a promessa de liberdade.

Em um misto de dúvida e obediência, a protagonista atuará como a língua de Cortés, auxiliando-o na realização de alianças com os inimigos de Montezuma, ou melhor, do império asteca, o que possibilitou o saque de grande parte das riquezas do império de Montezuma. É como intérprete de Hernán que a indígena asteca observará os massacres e saques espanhóis,

⁵ Para não suscitar dúvidas, cabe explicar que Malinche é considerada uma escrava maia por ter sido vendida como tal para os povos maias, contudo, é de origem asteca, isto é, seus pais e a região na qual nasceu eram de domínio Asteca.

colocando em dúvida a ideia de que estes poderiam ser representantes do deus Quetzacoatl⁶, aquele que não exigia sacrifícios humanos para a estabilização do cosmo. Diante desse conflito, sem saber a quem deveria servir, a escrava acaba por se acomodar ao poder espanhol, pelo medo da morte, que seria o seu fim caso traísse a nova célula de dominação, e também, se os dirigentes astecas nutrissem a mesma dúvida que ela.

Ao considerar o caminho incerto ao lado dos espanhóis e o anseio por uma sociedade que não mais cometesse sacrifícios humanos em prol dos deuses, é fato que Malinche aceitou o novo deus que lhe era apresentado, mas é correto afirmar também que não deixou de crer nos deuses originários de sua nação. A avó assume papel preponderante, pois na medida em que o processo de conquista toma corpo, os ensinamentos da avó fervilham na cabeça da jovem de aproximadamente dezesseis anos. A aprendizagem orienta as ações da personagem quanto ao esclarecimento em relação àquilo que visualiza, e lhe dá força em momentos decisivos.

Nestes termos, será o convívio e as andanças realizadas com a avó cega que permitirá à Malinche não sucumbir durante a difícil viagem em direção ao vale de Anahuac, centro do poder asteca, protegido pela altitude/localização. Será essa relação, ainda, que permitirá a ela ver a ‘verdade’ oculta com os olhos da alma, isto é, ter a certeza de que os espanhóis não eram deuses. No desenrolar do enredo, a protagonista tem a oportunidade de amadurecer o conhecimento sobre si e constata que Cortés não era a representação física de Quetzacoatl, o questiona quanto a sua liberdade prometida logo após a conquista do poder; enfrenta a mãe que a entregou como escrava para mercadores e compreende a insana busca de Cortés por poder e mais terras, ouro e conquista.

Imediatamente após a derrubada de Tenochtitlan, a obra apontará um período de calmaria no qual Cortés busca recolhimento. Neste momento, nasce seu filho com a escrava nascerá, Martin, o primeiro filho da América Latina. De modo sequencial, narra-se a chegada, comemoração e posterior morte da esposa de Hernán Cortés, ficando subentendido que ele a teria assassinado. Contudo, Cortés não é homem de ficar parado. Como se percebe no decorrer da narrativa, parte em busca de outras conquistas. Ocupando a função de tradutora, Malinche é obrigada a segui-lo. Nessa nova empreitada, ela acabará encontrando sua mãe e seu irmão, fruto do casamento de sua mãe após a morte de seu pai.

⁶ Quetzacoatl era o maior deus dos astecas além de ser aguardado por esta civilização, acreditava-se que, após um período de reflexão, o deus Sol retornaria para cobrar as imprudências cometidas pelos ancestrais de Montezuma que haviam profanado o seu templo com a prática de sacrifícios humanos.

A contração de matrimônio da mãe será a motivação para que a avó assuma a guarda da neta, mas, quando essa morre, a mãe da menina de três anos não vê motivo para mantê-la junto de si, ela já possui outra família, e, entendendo Malinche como parte do passado, a passará para os mercadores que a venderão como escrava. Esse episódio é construído ao longo do enredo como uma marca de abandono e ressentimento por parte da “língua” de Cortés, que não hesitará em destratar àquela que a preteriu quando o reencontro acontece. Quando a indígena se dá conta de que também abandonou seu filho, toma como resolução questionar Cortés quanto às suas promessas de liberdade e vida tranquila.

A resposta a tal ‘desacato’ não poderia ser pior, ou melhor, a depender do ponto de vista. No auge da fúria, Cortés decide casar sua escrava com Jaramillo, seu braço direito, o que seria uma maneira de manter o controle sobre ambos, a uma distância segura. Assim como aconteceu com Cortés, na primeira relação sexual entre Jaramillo e Malinche, ocorre mais um estupro, realidade incontestável à época da conquista. No entanto, esse relacionamento é apresentado na narrativa obedecendo a uma perspectiva híbrida. Primeiro, há novamente a união sanguínea das duas civilizações, marcada pelo nascimento de María, depois, ocorre a hibridização pelos alimentos, bem como adequação do espaço de convívio, que reúne traços característicos das duas partes e, por último, a expressão sincrética da fé por meio de Malinche, que une Maria a Tonantzin e Quetzacoatl a Cristo.

Os momentos finais da obra são levados a cabo pelo intenso processo de hibridação sociocultural, caçada a Hernán Cortés para que pagasse pelos crimes cometidos contra a coroa espanhola, assim como, pelo falecimento de Malinche. Uma morte que não marca o fim, mas o começo de uma ‘nova raça’, como é assinalado constantemente no capítulo oito/último da obra.

Alguns pontos de *Malinche* (2006) chamam a atenção, vale ressaltar: a narrativa que se estrutura em torno de oito capítulos, a dedicatória ao vento, e o códice. Em algumas entrevistas, é possível perceber o quanto a autora se mostra altamente ligada ao mundo cósmico do universo asteca, bem como à versatilidade de produção, ao acreditar que a produção literária não precisa estar necessariamente presa ao universo escrito, ou ainda, o anseio pela transformação no pensamento histórico-cultural de maneira individual e coletiva de sua nação.

No que diz respeito aos oito capítulos, é possível considerar ao menos dois índices. O primeiro retoma o caráter mítico da simbologia para a cultura asteca e conta, de modo lendário, os oito presságios funestos aos quais Montezuma teve acesso, o que o levou a

considerar que algo muito grave poderia vir a ocorrer durante o exercício de seu poder. O segundo se relaciona à explicação dada por Malinche porque ela gostava do número oito: estaria ligada à união invisível entre dois mundos, a representação da mestiçagem. Situação que nos leva a pensar na possibilidade de representação, por parte da autora, de dois mundos através de oito capítulos. Isso porque visualizamos, de início, o desvendamento/representação do universo *mexica*⁷, e passamos, pouco a pouco, para um contato que irá imbricando mais e mais dois mundos, por meio da adoção de procedimentos característicos da cultura espanhola. Mesmo que isso ocorra de modo inconsciente, a princípio, e proposital, posteriormente, quando se colocará em foco a ‘nova raça’, concretizada pela mescla/hibridez dos nascimentos.

A dedicatória ao vento, talvez, possua alguma relação como esse imbricamento, que será, ao final, a constatação de um processo de transformação já em vias de conclusão. Fica evidente no desenvolvimento da história o potencial imperceptível que o vento possui para modificar padrões, isso porque, mesmo não sendo visível, ele age sobre a matéria, transformando-a. Ademais, Quetzacoatl, o maior de todos os deuses, advem do vento, e também, o vento (ar), marca o nascimento e a morte, signo extremo de transformação pelo qual passa o ser humano. Nesse sentido, Esquivel pode estar cantando, por meio de seu texto, a transformação inegável pela qual, tanto o ser humano quanto a sociedade mexicana, tenham que passar.

O códice desenvolvido no enredo é composto por 48 (quarenta e oito) imagens que se mesclam à narrativa escrita. Poderíamos afirmar que da mesma maneira que o código escrito atua no desenvolvimento da história, o código iconográfico também o faz, seria possível, inclusive, considerar a possibilidade de leituras similares se ambos fossem fornecidos em mídias distintas. Seria possível, também, pensar o códice não apenas como as construções imagéticas desencadeadas pelo pensamento na estrutura do romance, mas como a imagem desencadeada pela narrativa que se apresenta ou será apresentada, auxiliando no desenvolvimento do enredo. Essas imagens atuariam como se a autora estivesse tentando conduzir/induzir nossa compreensão – ou – a maneira como construímos as imagens do texto, sempre na perspectiva de Malinche. Ocorre algo como se nossos olhos e mentes estivessem conectados com a personagem principal da obra.

Ao percorrer ininterruptamente a narrativa apresentada acima, trabalhamos segundo uma tripartição que adota como base a obra para a sua concepção. Tratamos de representação e contato sociocultural mediados pela intensidade transformadora do discurso humano. Com

⁷ A sociedade Asteca hibridizada, afinal, astecas eram, também, conquistadores. *Mexicas* se refere a todos aqueles que estavam sob dominação, mas também, aqueles que dominavam.

um texto que parte da representação, passa pela marca discursiva enquanto mediadora da construção de mundos por meio da representação, e chega, finalmente, ao contato entre pólos justapostos que só existem em consonância com determinada estrutura pela existência de uma aproximação/distanciação que possui como principal elo a língua.

No capítulo I, tratamos da representação em termos literários, sem deixar à margem as representações socioculturais que são características de sistemas sociais, bem como as relações que podem ser apreendidas a partir da obra em análise. Buscamos construir um texto que apresentasse a narrativa de Esquivel como um romance capaz de narrar o par mundo-realidade, reunindo os elementos inerentes a uma produção situada na verossimilhança. Sob o índice da representação literária como possibilidade de leitura das civilizações, a obra passou a ser pensada como veículo capaz de representar os padrões socioculturais da sociedade que começa a se desenhar quando do período de colonização. A ênfase na personagem Malinche, segundo suas relações, destaca o padrão representacional da figura feminina no período já mencionado, mas, sobretudo, destaca a persistência de representação de um ser que atuará de modo determinante na consolidação de uma identidade mexicana com matizes muito particulares, embora não particular/exclusivo da nação mexicana. Neste momento, a base teórica proporcionada por Bakhtin (1998), Ricouer (2007) e Todorov (2003) proporcionou a fundamentação necessária para o desenvolvimento das reflexões.

A tônica do segundo capítulo está na interferência dos discursos para a evidenciação de um discurso determinante de uma estrutura social segundo uma orientação pré-estabelecida. Refletimos acerca dos discursos históricos e literários partindo da pressuposição de verdades e mentiras sobre a história, detectando a existência de histórias, versões de uma mesma história. Ao partir dessas verdades prováveis, adentramos na afirmação de que os discursos são construídos de modo sócio-histórico e ideologicamente, o que acaba por interferir na estruturação de identidades, tendo em vista que os sujeitos são sociais, históricos e, conseqüentemente, culturais. Ademais, observamos como a voz do ‘dominador’, representante da coroa espanhola, atua de maneira decisiva na construção da sociedade mexicana que vai pouco a pouco encarando a civilização Asteca como o signo do mal, sem compreender que cada célula cultural contribuiu a seu modo para aquilo que o México é na atualidade. As considerações apresentadas por Hutcheon (1991) e Maingueneau (2008 e 2012) orientaram o pensamento durante esse item.

O último capítulo traz a marca do contato social e cultural. A detecção do intenso processo de representação pelo qual passou o ‘Novo Mundo’ em decorrência do contato sociocultural entre dominador e dominado, mediante o exercício de poder entre as partes em diálogo, acabou revelando uma obra que talvez não tenha a pretensão de pensar a sociedade contemporânea, mas que ao fim é o que acaba por fazer. Ao colocar em destaque as representações, os discursos construídos pelas partes em contato, o texto de Esquivel traz à tona aquilo que foi relevante para a construção/consolidação da sociedade mexicana em sua concepção atual, bem como, para o desenvolvimento da identidade dessa civilização. Uma formação social centrada nas relações de gênero, como também, nos demais pontos discutidos ao longo do texto. Para este capítulo Achugar (2006), Bhabha (1995), Paz (1998), Santiago (2000) e Todorov (2003) constituíram o marco teórico pertinente.

A fim de justificar nossa investigação, apresentamos de modo sucinto a fortuna crítica em torno da obra ora analisada. A saber: a dissertação em história “A presença de Malinche nas crônicas de índias do século XVI” (2005), desenvolvida por Maria Emilia Granduque José; a tese “El sexto sol de Malinalli” (2013), de Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar; “La Malinche, D. Marina: a “lengua” de Cortés segundo o “Lienzo de Tlaxcala” (2014), de Magda Fabiane Sger; a dissertação “Os filhos de Malinche: As representações sobre os indígenas na ótica de Diego Rivera (1920-1940)” (2014), de Jorcy Foerste Jacob; a dissertação “Análise da narrativa de Laura Esquivel: A representação de Malinalli no romance Malinche” (2014), de Alessandra Maria Magalhães; e, a dissertação “Mestiçagem e construção de identidades: a trajetória da índia Malinalli na sociedade mexicana” (2011), de Daniele Salomão.

Nossa reflexão possui a sua singularidade por basear-se em diferentes áreas do conhecimento, seja a história, a literatura, a sociologia, questões de gênero ou a análise do discurso, ao passo que o texto em construção tentou ler a obra partindo de suas exigências interpretativas. Cada uma das reflexões desenvolvidas buscou, sempre, compreensões possíveis acerca de como ocorreu o processo de construção do ‘Novo Mundo’, assim como, das identidades resultantes do contato entre civilizações possuidoras de características, nuances díspares em seu todo. Não pretendemos elaborar um manual para a interpretação do texto em análise, tampouco indicar uma análise que seja a expressão da verdade em relação a outras que sejam falsas, mas buscamos apenas mais uma possível leitura dentre tantas outras já realizadas ou por serem elaboradas.

_____ Capítulo I

AS DIFERENTES FACES PARA AS REPRESENTAÇÕES

Quando penso nas suas palavras cheias de entusiasmo e tristeza, me parece que ele tinha encontrado um povo cuja cultura era a representação coletiva do desespero que ele próprio vivia como um traço de personalidade. E compreendo por que quisesse tanto voltar aos Trumai e ao inferno que me relatou. Como se estivesse cego por algum tipo de obstinação. Queria impedir que desaparecessem para sempre. O livro que escreveria sobre eles seria uma forma de mantê-los vivos, e a si mesmo.

(Bernardo Carvalho, 2006)

Iniciamos nossa investigação com um pequeno apanhado daquilo que a obra *Malinche* (2006) tem a nos oferecer. Por meio do levantamento dos pontos-chaves presentes no enredo, elaboramos uma visão geral dos temas, assim como, das células de reflexão que a obra acaba permitindo à leitura. Saímos do espaço e periodização histórica, na qual a obra se estrutura, para adentrarmos nos limites da literatura enquanto meio de esclarecimento dos padrões sócio-históricos e culturais da sociedade representada na obra. Ou seja, tomamos a literatura como elemento de considerável importância para o conhecimento da humanidade, para a autocompreensão por meio da representação sociocultural que a obra desenvolve.

Um estudo predominantemente literário desse texto revela pontos característicos de uma sociedade que se forma dentro de composições marcadamente latino-americanas. Por meio de conceitos como representação, memória e gênero literário, tentamos detectar quais representações a obra em análise desenvolve a partir de seu enredo, bem como os traços que configuram o *corpus* como um romance.

O romance, enquanto uma narrativa, se coloca como modalidade que conta/narra o par mundo-realidade. Leva ao princípio de que trabalhar com representação envolve aspectos de verossimilhança e permite um desvelamento de traços característicos da sociedade mexicana, assim como, dos sujeitos a ela pertencentes. Nessa perspectiva, corroboramos com a concepção de que representar literariamente é, também, representar socialmente a comunidade de que trata a obra.

Tomando o romance como configurador de representações, e afirmando que *Malinche* é um romance com tais propriedades, cabe mencionar que essa obra é espelho para a compreensão da sociedade mexicana em uma perspectiva temporal, pois parte do passado histórico e originário para reconhecer, reavaliar e reinterpretar a sociedade mexicana do século XXI. A produção literária em questão revela esteticamente o potencial social que as obras ficcionais possuem, principalmente, por trazerem arraigadas ao seu enredo as marcas da comunidade na qual são compostas.

Postular os vestígios da colonização, no México atual, confere à *Malinche* a possibilidade de interferir socialmente por atuar na tênue linha que separa a realidade objetiva da realidade ficcional. Estruturar uma obra com tais caracteres pode ter muitas significações, mas uma dentre elas possuiria maior destaque: representar uma formação social da qual somos partes interessadas pressupõe manter coletividade e subjetividade vivas, não permitindo que passados se percam.

Coadunando os conceitos de memória e representação, demonstramos, de certa maneira, que o “Novo Mundo” passou por um processo de representação, no qual as relações estabelecidas entre memória, identidade e poder ocuparam papel preponderante para a consolidação de um “Novo Mundo”, marcado por estigmas do passado. Enfim, um mundo como resultado da representação elaborada pelas nações que saíram em busca de especiarias nas Índias e acabaram por se deparar com um horizonte de soluções para seus problemas internos, dentre eles, a escassez de matérias-primas e ouro.

Tomamos como um dos pontos de partida os elos possíveis entre as memórias das personagens e o que estas poderiam nos aclarar em relação à civilização asteca, e também, os recursos de manipulação empregados pelos “colonizadores” que nos permitisse refletir sobre o México atual e a América Latina, enquanto ambientes que passaram por um processo de colonização/dominação.

Ao considerar a memória, desenvolvemos também os seguintes conceitos: memórias individuais e coletivas, rememoração, passado e identidade; o que permitiu entendermos como os sujeitos sociais são influenciados pelo grupo e a força que estes, ocupando a posição da particularidade, podem exercer na constituição da coletividade. Ao abordarmos a temática da memória, compreendemos ser impossível refletir a partir desta sem que o passado fosse entendido como uma constante. Passado e memória seriam interdependentes e influenciadores de identidades.

Adentramos, mais adiante, especificamente no poder advindo da representação na constituição das identidades indígenas e, conseqüentemente, a sua influência no resultado “final” do “Novo Mundo”. A representação foi tomada ao lado da dominação simbólica e do poder ideológico, caracterizado pela manipulação da memória, tornando possível a reflexão sobre os mecanismos que incidiram nas civilizações indígenas da região da atual América Central, situação que acabou por converter essa região em apropriação europeia, ou melhor, em espelho distorcido do colonizador.

Ao observarmos o processo memorialístico desenvolvido pelos povos⁸ em questão, entendemos que todas as ferramentas utilizadas para a manipulação da memória fizeram com que surgisse uma ideia de não valorização de identidades. Passamos, então, à reflexão acerca de uma identidade possível, situada em um entre-lugar. Vale ressaltar, contudo, que as considerações levantadas passam pelo campo da verossimilhança, já que a obra analisada é

⁸ A palavra povo e suas variações aparecerão constantemente ao longo dessa pesquisa, cabe mencionar que elas reivindicam para si a acepção proposta por Homi Bhabha em suas considerações acerca de cultura. O principal aporte para tanto é a obra *O local da cultura* (1998).

uma obra de ficção que lança o olhar do século XXI sobre o período colonial. Nos termos de Pesavento (2006, p. 2), tentamos desenvolver “estudos sobre o imaginário, que abriram uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados”.

Assim, acabamos por incorporar literatura, história e memória na tentativa de promover um discurso latino-americano, bem como, demonstrar que o “Novo Mundo” constituiu-se segundo uma representação.

1.1 Malinche em suas relações

Por volta do ano 1500, algumas nações lançaram-se ao mar com o objetivo de encontrar uma nova rota para o Oriente em busca de especiarias largamente valorizadas na Europa. Essa rota deveria possuir um traçado distinto da anterior por motivações políticas que assinalou para uma possibilidade arriscada, navegar para o oeste até alcançar o Oriente e, por conseguinte, chegar à Índia. Contudo, em 1492⁹, os europeus não chegaram ao destino planejado, mas a um novo continente constituído por terras inóspitas e um povo de hábitos “estranhos”¹⁰, como foi descrito amplamente nas cartas enviadas à corte, esse ‘Novo Mundo’, com costumes diferentes aos dos europeus, ficaria conhecido por América¹¹.

Sobre o momento histórico, no qual se busca uma nova rota marítima para o Oriente, é possível detectar quatro grandes acontecimentos para a coroa espanhola no ano de 1492, destacando, entre eles, a viagem empreendida por Cristovão Colombo nos seguintes termos:

Y cuando enviaron a un oscuro marinero llamado Cristóbal Colón a cazar quimeras en el horizonte, las esperanzas de los reyes españoles de poder rebasar a los portugueses en la consecución de la ruta más rápida a las Indias, verdaderamente no incluían toparse con un nuevo continente (FUENTES, 1997, p. 89).

⁹ Ver filme de SCOTT: 1492: A Conquista do Paraíso, de 1992. O referido filme apresenta a viagem, patrocinada pela coroa espanhola, de Cristovão Colombo em direção ao continente que posteriormente ficaria conhecido por América. O filme aborda, ainda, os interesses espanhóis que motivaram a permanência e envio de mais esquadras para o Novo Mundo, além das ações empreendidas pela coroa espanhola para a “civilização” e “salvação” dos povos nativos e para o “desenvolvimento” de seus novos “domínios”.

¹⁰ Quais hábitos estranhos? Os hábitos que eram distintos dos hábitos europeus, já que não lhes era comum usar enfeites de penas de aves, muito menos sacrificar seres humanos para satisfazer aos desejos dos deuses e garantir uma boa colheita, um bom regime de chuvas. No entanto, se os hábitos dos nativos eram estranhos aos europeus, os costumes dos europeus, sua aparência, sua crença também eram estranhos às civilizações pré-colombianas.

¹¹ O nome América é proveniente ainda do período de colonização quando os europeus, mais especificamente Américo Vespúcio, se dão conta de que se trata de um novo continente e não das Índias como Cristovão Colombo acreditou. América é proveniente do nome de Américo Vespúcio, uma forma de homenagem então. Aproveitamos o ensejo para apresentar a definição de México, país que será amplamente mencionado ao longo dessa discussão. México seria proveniente do nahuatl, idioma originário dos povos pré-colombianos, e significaria o lugar onde Huitzilopochtli vive, ou seja, a localização em que vive o deus da guerra e patrono dos meshicas.

Na América, essas nações (Portugal e Espanha, principalmente) identificaram algumas possibilidades que as beneficiariam, tais como: mão de obra “barata”, fonte de matérias-primas e povos para a expansão da fé cristã, isto é, o novo continente era o verdadeiro paraíso para as necessidades e ambições europeias. Com o intuito de explorar ao máximo essas novas terras, mais homens lançaram-se ao mar e marcharam para o novo continente, em parte para atender aos interesses da corte, em parte para cumprir penas por crimes cometidos no império e, ainda, como fonte de melhora para a situação econômica de fidalgos empobrecidos. Nesse último grupo, se dirigiram para o ‘Novo Mundo’ os exploradores (homens especializados em adentrar no território, realizar a conquista de mais terras e apropriar-se de riquezas, metais preciosos), e os responsáveis pela organização das instituições e dos aparatos que garantiriam o funcionamento do trabalho dos exploradores, ou seja, estes últimos fariam com que o novo continente aproximasse sua estrutura de “desenvolvimento” à estrutura da corte.

Essa movimentação obteve êxito devido ao desenvolvimento de diferentes áreas do saber, tais como: astronomia, matemática e ciências, que possibilitaram o deslocamento dos navegantes, orientando as rotas pela lógica, pela investigação e não por posturas intuitivas. No entanto, todos os avanços alcançados pelas ciências não garantiram que grande parte de uma estrutura centrada em pressupostos da Idade Média continuasse a vigorar, principalmente, aqueles orientados pela Instituição Igreja Católica,¹² que estimulavam várias práticas no mínimo contestáveis pelos exploradores do ‘Novo Mundo’, tais como: massacres motivados por crenças religiosas e a mais terrível de todas as Santas Inquisições¹³ realizadas no mundo. Sobre a influência da igreja nas práticas sociais, segue:

El aspecto negativo del influjo de la Iglesia en Latinoamérica fue la extremada estrechez de criterios y las sanciones que recaían sobre los que desviaban de la ortodoxia doctrinal más estricta. La censura y la Inquisición aparecieron muy pronto en el Nuevo Mundo, y la labor de esta última se orientaba primordialmente contra los que trataban de importar y leer libros prohibidos y contra los que se aferraban a los residuos de creencias precristianas (FRANCO, 2005, p. 17).

Sob essa perspectiva, a igreja atuaria como um Aparelho Ideológico do Estado (AIE). A partir da concepção de Althusser (1985, p. 58), a igreja atua como o Aparelho Ideológico do Estado religioso, isto é, faz com que os grupos minoritários se sujeitem ao grupo

¹² Não se trata de discutir a fé, a crença, mas sim os mecanismos utilizados pela Instituição Igreja Católica para a manutenção de certos privilégios que eram garantidos à essa pela estrutura social da Idade Média.

¹³ A Santa Inquisição foi um conselho religioso instituído pela Igreja Católica, no ano de 1184, pelo Papa Lúcio III, a fim de punir práticas hereges, isto é, punir aqueles que iam contra os dogmas estipulados pela Instituição como corretos, como condutas verdadeiramente cristãs.

dominante, ou melhor, auxilia na manutenção da ideologia¹⁴ pertencente ao grupo dominante. Desse prisma, consideramos a igreja como o mais eficiente AIE por sua prática na América, pois disseminava a fé cristã e, realizando tal empreitada, acabava por afirmar que a maneira como as civilizações concebiam suas crenças não era a correta, colocando em dúvida as identidades dos nativos e tornando-os vulneráveis diante do Aparelho Repressivo do Estado.¹⁵

Cartas, relatos e documentos oficiais documentaram a “superioridade” europeia em relação aos povos nativos, mas, nesses mesmos documentos e em investigações posteriores, ficou registrado, também, o nível de desenvolvimento das nações “americanas” naquele período, tanto em termos culturais quanto estruturais. Podemos considerar o grande centro econômico, religioso e de poder do império Asteca: a grandiosa Tenochtitlan, sede do governo do rei Montezuma onde se reuniam diversos aspectos das distintas etnias que compunham o Império Asteca. A respeito da grandiosidade das culturas pré-colombianas:

Existía una población indígena que estaba dividida en sectores de desarrollo muy distintos, desde los indígenas del Caribe que estaban en una etapa de recolectores y de agricultores primitivos, hasta las grandes civilizaciones mayas, meshicas o incas que habían alcanzado un desarrollo extraordinario. A este propósito yo recuerdo siempre una frase muy ingeniosa y muy verdadera de un etnógrafo francés que decía que si a alguien se le hubiera descrito en el panorama de lo que era el continente americano antes de la llegada de los europeos y le hubiera preguntado si era posible desarrollar una gran civilización sin escritura, sin rueda, sin hierro, sin bestias de carga, hubiera respondido indudablemente que no era posible. Los indígenas americanos lograron ese milagro de hacer grandes civilizaciones con todas esas carencias que parecían limitantes absolutos imposibles de vencer (PIETRI, 1989, p. 172).

As civilizações pré-colombianas não eram inferiores em relação às sociedades europeias, o que ocorria era a não semelhança entre as culturas, isto é, a maneira de conceber as prioridades, os sistemas de valores, as normas e práticas é que divergiam. É importante ressaltar, ainda, que do mesmo modo como as culturas americanas divergiam dos padrões culturais europeus, também se diferenciavam, embora em escala menor, em seu próprio sistema de valores, pois incluíam distintas etnias em seu interior.

No Império Asteca existia um sistema de poder não muito distante do encontrado em outros grandes impérios em que ocorria a escravização de um grupo, geralmente, motivado

¹⁴ Althusser (1985, p.85-8) propõe duas teses acerca da ideologia que são: “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” e “a ideologia tem uma existência material”. Assim a ideologia é um fenômeno material por se ligar a indivíduos reais que mantêm uma relação imaginária não real com o seu lugar no sistema social. Se retornarmos um pouco mais no texto, poderíamos dizer que a estrutura detectada por Althusser, possui certa relação com a representação.

¹⁵ Os aparelhos repressivos do estado (ARE), seguindo os termos de Althusser, referem-se aos aparelhos utilizados pelo Estado para manter a ideologia dominante, sendo que seu meio, para garantir essa ideologia, é a violência.

pela força ou por divergências religiosas, por outro dominante. Em toda parte havia divergências entre os povos, o que se tornava um ponto frágil para essa civilização, e que poderia colocar em risco todo o império. A formação social *mexica* possuía uma estrutura social muito próxima a de outros impérios, mas orientada por sistema de valores pautado, basicamente, em uma crença religiosa¹⁶ divergente da cristã, além de uma relação de interdependência com a natureza.

Nesse contexto, sócio-histórico e cultural, duas culturas peculiares entraram em contato, bem como representantes de cada um dos extremos, contribuindo para a mescla cultural e para todo o desenho da sociedade que se estruturou ao longo do tempo, refletindo os acontecimentos desse período. Merece destaque a relação estabelecida entre Hernán Cortés e Malinche. Um dos exploradores do Novo México (atual México) e sua escrava e intérprete, ou simplesmente, a ‘língua’ de Cortés. Uma relação conturbada e que ficou registrada na história pelos escritores que a narraram segundo lhes convinha, esses escritos a deixaram como a nativa traidora de seu povo, ou seja, Malinche não foi apenas a intérprete de Cortés, foi também a “esposa” e a “mãe” do(s) filho(s) do destruidor, carrasco de toda uma civilização.

Bernal Díaz del Castillo, em Franco (2005, p. 20), disserta a respeito de Malinche¹⁷, ou D. Marina, demonstrando quem foi essa personagem na história da conquista e, ainda, qual espaço essa mulher ocupa no imaginário do povo mexicano. Assim, apresenta-nos a indígena que foi guia, intérprete e amante de Cortés, além de “traidora” que “auxiliou” os espanhóis na destruição da civilização a qual ela pertencia.

Na obra investigada, nos deparamos com o ato de recontar a “história oficial” da colonização do povo asteca, mesclando “ficção” e “realidade”, a fim de demonstrar como foi estruturado o mito em torno da personagem Malinche, além de reescrever, sob uma perspectiva diferente, a história de uma escrava indígena que passava por um processo de transculturação¹⁸, estando exposta diretamente aos costumes dos colonizadores. É importante

¹⁶ Crença politeísta, próxima a da Grécia e a da Roma antiga em que se acreditava na existência de mais de um deus que aceitava a prática de sacrifícios humanos para prover as necessidades de seus fiéis nos mais diversos campos (naturais, culturas agrícolas e amor), além de se ligarem a elementos da natureza (Ex.: Apolo – mitologia grega, o deus do Sol e Quetzacoatl – “mitologia” asteca, o deus do Sol, em ambas as culturas o maior de todos os deuses).

¹⁷ A personagem histórica desse romance ora é chamada de Malinche, ora de Malinalli, quando não pelo seu nome cristão, Marina. Em sua obra, Esquivel apresenta-nos o significado desse nome: erva sagrada. Nome muito importante no período da conquista, vez que o conquistador passa a ser chamado por Sr. Malinche/Malintzin. O fato é que devido às traduções de uma estrutura linguística para outra, a grafia assume variações.

¹⁸ A transculturação é o processo pelo qual duas culturas justapostas interferem sobremaneira em padrões culturais outros. Este termo implica na perda de aspectos culturais, decorrentes do contato, mas principalmente no desenvolvimento de outras características culturais que somente são possíveis também pelo contato cultural.

lembrar que o momento histórico, social e cultural no qual a obra é escrita difere dos tempos remotos da colonização, assim as ideias que orientam a escrita da autora não são as mesmas que serviam de base para a estruturação da sociedade americana nativa. Tais ideias se distanciam, também, do modo europeu de estruturação social, logo, ao retomar esse momento da história da América Central, podemos acreditar na existência de um projeto sócio-histórico e cultural em elaboração.

A mescla, no romance, do real, do ficcional e do fantástico demonstra um amplo trabalho de investigação sobre as personagens históricas, a cultura asteca e o período de dominação espanhola, assim como, a aproximação entre “ficção” e “realidade”. A ficção se faz presente através de traços verossímeis, afinal, não existem registros históricos sobre a infância de Malinche, também não os há em relação ao seu abandono pela mãe e tampouco de sua educação ter sido orientada por sua avó, uma senhora deficiente visual. Os elementos fantásticos da obra ficam por conta dos sonhos, dos momentos de transcendência de Malinche quando esta conversa com os deuses, dos presságios funestos vivenciados por Montezuma e das revelações que são trazidas à mente de Hernán Cortés a respeito do resultado de sua aproximação com os nativos.

O texto é marcado pelo convívio entre colonizadores e colonizados, a “dependência” das mulheres em relação aos homens, o poder exercido pelos brancos sobre os nativos, de modo que, mais que narrar uma simples história de “amor”, conta a história da formação cultural da América Central, a história do México e a história da civilização Asteca. O enredo apropria-se dos fatos históricos, tornando-os ficcionais para narrar em quais bases se assenta o processo de formação da identidade cultural mexicana, além de proporcionar a reflexão sobre o tema, pois as personagens são apresentadas dentro de uma perspectiva inversa à convencional, isto é, não são apresentados “bandidos” e “mocinhos”, mas personagens próximas à realidade, constituídas de traços positivos e negativos.

Esse texto literário traz a possibilidade de reavaliar a história “oficial” que faz da vida humana e da realidade um conto de fadas em que são apresentados os humanos maus, dotados de grande capacidade para destruir as melhores perspectivas para o futuro da sociedade (ou de um pequeno grupo), pois estes privilegiaram somente os seus próprios interesses, em oposição aos bons homens, que são aqueles que, em extremo, só promovem o bem o que é bom para todos (ou seja, não pensam apenas em suas necessidades imediatas), sendo incorruptíveis.

Para maiores informações conferir as proposições de Fernando Ortiz Fernández (1881-1969) no texto *Contrapunteo cubano del tabaco e el azúcar* (1963), ele é citado por: RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 216.

Quando a história é adulterada para servir aos poderosos, cabe à literatura desvendar os caminhos do passado, denunciando as invenções e os encobrimentos, sofridos e incontáveis, que marcaram nossa história desde o tão malfado e mal chamado Descobrimento da América (NAVARRO, 2010, p. 100).

É comprovável a importância da literatura para a análise do passado quando nos deparamos com a possibilidade de nos colocarmos diante dos fatos e tecermos considerações, pensar sobre um período que acarretou o desenvolvimento de uma sociedade, mas que considerou apenas uma perspectiva dos fatos. Ou seja, quando refletimos sobre a personagem Malinche e sobre as demais personagens históricas, estamos analisando a história do México e a civilização Asteca e, por conseguinte, refletindo a respeito dos padrões de pensamentos atuais da sociedade mexicana e dos descendentes da etnia Nahua, a qual pertencia Malinche, estamos ainda, colocando em destaque a América Latina.

1.2 Nas sendas do romance

A história da humanidade só existe porque há narração. Ou, a narração apenas se constitui como tal pelo fato de que a humanidade precisa contar sua história. Estamos diante de mais uma das muitas dicotomias que colocam as sociedades em constante conflito. São duas afirmações inteiramente plausíveis, mas se pensarmos em termos práticos, optaremos pela segunda possibilidade. Afinal, o que seria do ser humano se ele não pudesse compartilhar as dificuldades e ameaças que colocam em perigo sua existência, e assim, adotar medidas que as amenize?

Desde que o ser humano começa a falar, ele possui a necessidade de contar o que se passou consigo e por isso, é relevante mencionar que este é, por princípio, um narrador. Somos sujeitos dominados pela ânsia de nos fazermos ouvir, para que nossas experiências, quando manifestas, possam auxiliar o grupo do qual somos seres metonímicos. Mas, para que o ato de narrar produza algum efeito, faz-se necessário estabelecer o mínimo de relação: os enunciados/frases precisam ser estruturados de modo que um exista por causa do outro. Ou seja, é preciso que tenhamos uma narração em sentido *stricto* e não uma descrição, pois esta última dispõe as frases uma após as outras.

Ao narrar, no entanto, o homem passa a construir significações e imagens concebidas de modo particular, desenvolve representações. Estas podem ser idolátricas ou icônicas. Quando da primeira espécie, o objeto representado é tomado por ele mesmo, não há distinção entre objeto e representação; no último caso, os objetos não são eles mesmos, mas

compreendidos como representações, ‘imagens’ que não são os objetos, embora mantenha ligação com eles. No último caso, as representações ocorrem de modo arbitrário, tendo-se a clara distinção entre o ‘real’ e sua representação, o que configura a representação propriamente dita.

Nesse sentido, o ato humano de narrar nada mais é que a maneira pela qual ele representa, a partir de sua subjetividade/identidade, a realidade. Logo, trata-se de realidades possíveis sobre sistemas sociais, que, de modo ou outro, não deixam de ser narrativas de experiências¹⁹. A experiência que se sente necessidade de compartilhar. Compartilham-se memórias com tudo aquilo que há de coletividade ou individualidade nesta.

A obra em questão pode ser compreendida como uma narrativa, isto porque, se constitui como uma representação icônica dos aspectos socioculturais da sociedade mexicana do século XVI. Isto é, trata-se de representação da sociedade à época da colonização e não a sociedade mesma, bem como da tentativa de compartilhamento de experiências em relação a uma formação social que esteve submetida a um processo de dominação.

Representação, pressupõe, então, tratar de possibilidades, e quando adentramos em tal temática, percorremos os espaços da verossimilhança na produção literária. O que significa refletir sobre a maneira utilizada para o estabelecimento de uma prática representativa, ou a relação entre mundo e realidade. Em outras palavras atuamos na evidenciação de como a representação se constitui enquanto aclaradora do par mundo-realidade:

[Assim] o *muthos*²⁰ é colocado como complemento de um verbo que quer dizer compor. A poética é, assim, identificada, sem outra forma de processo, à arte de ‘compor intrigas’. A mesma marca deve ser conservada na tradução de *mimese*²¹: quer se diga imitação, quer representação (...) o que é preciso entender é a atividade mimética, o processo ativo de imitar ou de representar. É preciso, pois, entender a imitação ou a representação no seu sentido dinâmico de produzir a representação, transposição em obras representativas (RICOUER, 1994, p. 58).

Mais que compreender as relações entre mundo, realidade e representação, é de grande importância entender como a imitação/representação é produzida, desenvolvida. A investigação propriamente dita da tessitura da intriga ocorreria de modo dinâmico na apropriação da produção literária. Ao analisar as engrenagens do texto literário de Esquivel,

¹⁹ A respeito dessa concepção de narrativa como uma experiência Cf. BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

²⁰ Compreendido como a ordenação, agenciamento, disposição dos fatos.

²¹ A representação das ações. Para parte da antiguidade clássica, compreende a imitação tal qual.

não deixaremos de considerá-la enquanto romance envolvido nas particularidades de seu gênero.

Enquanto composição, *Malinche* desenvolve um espaço no qual a representação dos fatos passa a ocupar mais destaque que as próprias personagens, que, por sua vez, deixam de ser heróis, como em outras composições, perdendo a voz narrativa para permitir que outros discursos sejam levantados. À maneira do romance, as personagens abandonam uma concepção maniqueísta, e como resultado, tornam-se a junção, expressão da dicotomia bem *versus* mal. A esse respeito nos deparamos com o seguinte fragmento:

De nada le servía abrir los ojos. La pesadilla continuaba. Malinalli caminaba y no caminaba. Veía y no veía. Hablaba y no hablaba. Estaba y no estaba. Vivía los dramáticos acontecimientos que sucedieron a la matanza sin verlos, sin oírlos, sin registrarlos en su memoria. No tenía espacio en la mente para el presente, pues las imágenes del pasado, las imágenes del horror, lo ocupaban todo (ESQUIVEL, 2006, p. 142).

Percebemos o apagamento da personagem em benefício da representação da angústia causada pelos horrores dos massacres cometidos pela coroa espanhola em terras do ‘Novo Mundo’. Ademais, é fato o desbotamento das personagens para que a narrativa seja tecida, afinal, não são os sentimentos de Malinche que ocupam posição de destaque no contexto de produção, mas o processo sanguinário de conquista espanhola, o que é perceptível no momento final do excerto. As imagens do passado eram muito semelhantes às elipses de imagens do presente, ainda frescas na memória, de modo que estas últimas não causariam muita interferência no resultado porque eram acontecimentos recorrentes no período.

Fato que deixa entrever o *holos* da narrativa, isto é, para existir a passagem destacada, existiu ao menos uma situação anterior desencadeando-a, e que leva a afirmação de que uma narrativa, para efetivar-se como tal, necessita de começo, meio e fim, ambos encadeados, seguindo a dialética “um por causa do outro”. Espaço no qual, ao invés de tecer os fatos como verdade, o escritor-autor acaba por utilizar-se do possível. Adentra na verossimilhança por ela ser necessária à tessitura da intriga ou *muthos*, pois é preferível a utilização de possibilidades coerentes e coesas que o fato em si. Do contrário, a narrativa seria História, no sentido disciplinar, e não narrativa.

Estamos, assim, refletindo sobre como se constitui a tessitura da intriga nas narrativas. A principal afirmação a que chegamos, nesse momento, é a de que essa se estrutura por meio da prática representativa, tomando como método a maneira do mundo-realidade ser representado na produção literária, além de colocar em relevo de quais esquemas faz uso. Em

termos práticos, retomamos o conceito de representação, que engloba ao mesmo tempo a *mimese* e o *muthos*, mas, sobretudo, o caráter de referencialidade:

Na ficção se realizam os mesmos atos de linguagem que no mundo real: perguntas e promessas são feitas, ordens são dadas. Mas são atos fictícios, concebidos e combinados pelo autor para compor um único ato de linguagem real: o poema. A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem; seus atos de linguagem são fictícios, mas, uma vez que entramos na literatura, que nos instalamos nela, o funcionamento dos atos de linguagem fictícios é exatamente o mesmo que o dos atos de linguagem reais, fora da literatura (COMPAGNON, 1999, p. 135).

Assim, por mais que a composição ficcional não seja o ‘mundo real’, com ele estabelece constante comunicação. O diálogo leva o leitor a acreditar que pode se tratar do ‘real’, afinal, a linguagem é a célula que os une de maneira amalgamada, pois, se há linguagem, como contestar a aproximação do texto literário ao real?

Nessa concepção,

Os textos de ficção utilizam, pois, os mesmos mecanismos referenciais da linguagem não ficcional para referir-se a mundos ficcionais considerados como mundos possíveis. Os leitores são colocados dentro do mundo da ficção e, enquanto dura o jogo, consideram esse mundo verdadeiro, (*Ibidem*, p. 136) [e, quando a teoria literária nega a realidade] não é mais que uma negação, ou o que Freud chama de uma *denegação*, isto é, uma negação que coexiste, numa espécie de consciência dupla, com a crença incoercível de que o livro fala ‘apesar de tudo’ do mundo, ou que ele constitui um mundo, ou um ‘quase-mundo’, como falam os filósofos analíticos a respeito da ficção (*Ibidem*, p.137) Na realidade, o conteúdo, o fundo, o real nunca foram totalmente alijados da teoria literária. (...) [Paul de Man dizia] ‘a poesia não renuncia tão facilmente e a tão baixo custo a sua função mimética [...]’ Mas é ainda essa violenta lógica binária, terrorista, maniqueísta, tão a gosto dos literatos – fundo ou forma, descrição ou narração, representação ou significação – que nos leva a alternativas dramáticas e nos joga contra a parede e os moinhos de vento. Ao passo que a literatura é o próprio entrelugar, a interface (*Ibidem*, p. 138).

Ao tomar o termo aristotélico por representação, a produção literária, nos termos de Compagnon, não deixa de considerar as manifestações de um quase-mundo, que, a cabo, torna-se a representação do próprio mundo, através de um processo que envolve a existência contígua do ficcional e do não-ficcional. Tal contextualização deve tirar o analista do texto literário do espaço mesmo das dicotomias. Exigem dele a adoção de um posicionamento. Para adentrar no campo literário, que ocupa o entremeio, é necessário percorrer a tênue linha do duplo pertencimento.

Malinche, como obra literária, não se afasta de trazer arraigada em sua constituição o matiz da representação, e, como consequência, todos os aspectos inerentes a uma narrativa com essa característica. O “real” e o “irreal” é uma das tônicas do romance que realiza a

retomada histórico-ficcional do contato entre duas civilizações com padrões completamente divergentes. Destarte, o texto em análise caminha pela estrutura mais básica da representação que é ser icônica. Não se trata da sociedade mesma, mas da representação, propriamente dita, da sociedade mexicana, com todos os implicantes envolvidos na constituição memorialística desses sujeitos e, conseqüentemente, em suas identidades.

Se *Malinche* é uma obra que possibilita a representação, devemos buscar compreender como se dá e qual representação esse texto desenvolve. Para tanto, a análise estética da produção é salutar, pois oferece uma configuração romanesca com traços que retomam as características de uma epopeia. Empreendemos uma análise do texto literário, de modo que, adentramos no espaço da crítica literária naquilo que há de mais tradicional: o texto lança as bases para sua compreensão. No entanto, não deixamos de considerar os aspectos externos que atuam de modo determinante para a configuração da obra ora analisada.

Dando margem à perscrutação, deve-se determinar porque estamos diante de um Romance, com letra maiúscula. De modo superficial, porque não se enquadra dentro das características dos demais gêneros. Contudo, vale ressaltar que com os outros gêneros se relaciona, adotando particularidades dessas manifestações escritas. Mais profundamente, porque traz marcadamente os traços distintivos do Romance enquanto gênero literário propostos por Bakhtin (1998), no texto “Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance”, em que o autor analisa as características do Romance paralelamente ao Epos²².

A primeira grande afirmação do autor (1998, p. 397-8) é a de que o Romance é um gênero ainda em formação, pelo fato de ser uma produção marcada, bem como elaborada, pela sociedade moderna, trazendo em si todos os conflitos inerentes a essa formação social. O Romance se constitui por ser uma produção que coloca em evidência os problemas e soluções do material de que ele mesmo se constitui, da sociedade que lhe é contemporânea.

Sendo esta a prerrogativa inicial, *Malinche* representa os conflitos da sociedade mexicana pós-moderna, que está às voltas com sua herança social que não situa os sujeitos sociais como espanhóis nem como indígenas, o que acaba por gerar conflitos quanto ao seu desenvolvimento identitário. Tais conflitos identitários assumem maior profundidade quando nos encontramos diante do padrão ideológico da sociedade mexicana, que vislumbra em *Malinche* as raízes da sociedade ao qual pertencem ao mesmo tempo em que a negam [*Malinche*]. Realidade ficcional que leva a busca por respostas ao início do processo de

²² Dicionário Houaiss Eletrônico (2007, S/P): *s.m.2g.* 1. Cada um dos poemas, antigos e orais, que exaltavam os episódios da tradição heróica e que consistiam numa forma rudimentar de poesia épica. 2. o gênero épico ou epopeia.

colonização, ao passado, ainda no século XVI. Buscará respostas na memória individual, mas principalmente, coletiva:

No sólo se trataba de decir o no decir o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo se corría el riesgo de cambiar el significado de las cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y, al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la aterrizzaba. Como consecuencia de su atrevimiento, los dioses podían molestarse con ella y castigarla, y eso definitivamente le daba miedo. Podía evitar este sentimiento traduciendo lo más apegada posible al significado de las palabras, pero si los mexicas en determinado momento llegaban a dudar —tal como ella— que los españoles eran enviados de Quetzalcóatl, ella sería aniquilada junto con éstos en un abrir y cerrar de ojos (ESQUIVEL, 2006, p. 73).

Assumir a posição de tradutora na sociedade que principia a formar-se colocava Malinche em conflito, sem saber de quem deveria tomar partido: adotar uma identidade índia ou tomar para si a do colonizador? A solução encontrada é optar pela neutralidade, situação que não promove a solução dos problemas, mas os evidencia. Nessa ótica, os espanhóis aparecem sob o signo da dúvida, são confiáveis ou não? O fato é que, com a evolução temporal, se perceberá a incerteza como uma das principais problemáticas da sociedade mexicana. A desconfiança em relação ao estrangeiro converte-se em insegurança quanto à sua própria identidade, que é por natureza híbrida.

A representação na obra transita pelo curto espaço de uma sociedade contemporânea que busca no passado o seu processo de configuração. Mas se Bakhtin (1998, p. 405) afirma que a epopeia desenvolve a partir de sua representação o passado heróico, glorioso, uma representação social que demonstre as origens da sociedade ‘perfeita’ de seu tempo, porque a obra em questão, sendo um romance, retoma o passado?

Quiçá estejamos diante de um ponto que aproxime a produção de uma concepção voltada para a representação nos moldes da epopeia, mas o fato é que a utilização desse passado, bem como as personagens, é apresentada de maneira diferenciada. Isto posto, na epopeia, o passado é a chave para toda a estrutura representativa do mundo-realidade esboçada, ao mesmo tempo em que as personagens constituem o verdadeiro estandarte heróico. Ao contrário dessa representação, no romance, as personagens não são simples heroínas, representam seres humanos mais condizentes com as esferas sociais, isto é, sem que sejam a personificação do bem ou do mal, necessariamente. No que tange a apropriação do tempo, o passado não figura como a principal preocupação, sendo apenas mote para a representação do verdadeiro interesse do romance, o tempo presente. O que confere à utilização da memória o estatuto de aclaradora, evidenciadora das marcas/lacunas deixadas no

presente por acontecimentos passados, assim como, reveladora do processo de formação de identidades.

A relação estabelecida entre passado, presente e narrativa é fundamental para ressaltar que a faculdade que preside o *epos* é a memória, onde as soluções para todos os conflitos da sociedade se encontram num passado glorioso. Na contramão do *epos*, no romance, é o conhecimento a faculdade importante. Assim, o passado buscado pelo romance em análise nada mais é que a tentativa de “autoconhecimento” situado nos efeitos do processo de colonização na sociedade mexicana contemporânea à autora da obra. E que, conseqüentemente, soma mais alguns pontos para que *Malinche* seja considerada um romance em termos bakhtinianos:

[No diálogo entre a epopeia e o romance] A profecia é própria da epopéia, a predição é própria do romance. A profecia épica se realiza totalmente nos limites do passado absoluto (se não em dada epopéia, ao menos nos limites da tradição que a envolve). Ela não diz respeito ao leitor e ao seu tempo real. Já o romance quer profetizar os fatos, predizer e influenciar o futuro real, o futuro do autor e dos leitores. O romance tem uma problemática nova e específica; seus traços distintivos são a reinterpretação e a reavaliação permanentes. O centro da dinâmica da percepção e da justificativa do passado é transferido para o futuro (BAKHTIN, 1998, p. 420).

O que significa pensar que enquanto, a epopeia propõe e resolve promessas dentro da própria narrativa, o romance realiza predições que podem ser exteriores ao texto literário, e ocorrerem em um futuro próximo, ou imediato. Assim, o Romance proporia situações a partir de sua escrita, que desse conta de uma representação futura, na qual se trabalhasse com a possibilidade de um futuro com conflitos e problemas passíveis de solução. Bem como alicerçaria previsões de todas as naturezas para a sociedade que representa, visando influenciá-la de algum modo. No excerto que segue:

Sus hijos eran producto de diferentes sangres, de diferentes olores, de diferentes aromas, de diferentes colores. Así como la tierra daba maíz de color azul, blanco, rojo y amarillo —pero permitía la mezcla entre ellos—, era posible la creación de una nueva raza sobre la tierra. De una raza que contuviera a todas. De una raza en donde se recreara el dador de la vida, con todos sus diferentes nombres, con todas sus diferentes formas. Ésa era la raza de sus hijos.
Le encantaba verlos correr por el patio y jugar en el agua de las fuentes que recordaban a Tula y a la Alhambra por igual (ESQUIVEL, 2006, p. 188).

Ao tratar em seu presente de uma problemática do passado, e que está presente na memória da coletividade mexicana, a autora fala de seu *lócus* de enunciação, por meio de uma marcação temporal. Ao falar do passado no romance, ela aborda primordialmente seu presente

e realiza projeções para o futuro, que se espera seja próximo. Construção que se distancia em muito das intenções presentes em uma epopeia, já a produção de Esquivel está muito longe de retratar um passado mexicano glorioso. Se nos detivermos na configuração de uma “nova raça”, híbrida em sua essência, observaremos as discussões da crítica contemporânea que colocam a América Latina como resultante do contato entre diferentes povos, apontando-o como uma de suas características positivas.

Nestes termos, o romance reinterpreta e reavalia constantemente a sociedade da qual é parte constituinte. Isto porque, certamente, essa relação entre pares será conflituosa nessa formação social, como podemos observar em:

Nuestro grito es una expresión de la voluntad mexicana de vivir cerrados al exterior, sí, pero sobre todo, cerrados frente al pasado. En ese grito condenamos nuestro origen y renegamos de nuestro hibridismo. La extraña permanencia de Cortés y de la Malinche en la imaginación y en la sensibilidad de los mexicanos actuales revela que son algo más que figuras históricas: son símbolos de un conflicto secreto, que aún no hemos resuelto. Al repudiar a la Malinche (...) el mexicano rompe sus ligas con el pasado, reniega de su origen y se adentra solo en la vida histórica (PAZ, 1998, p. 36).

A obra de Esquivel, enquanto veículo que propicia a representação, está representando o México no estágio de sua formação inicial. Representa por meio da memória, para tentar resolver, ou influenciar, os porquês os conflitos quanto à estruturação que resulta nos conflitos contemporâneos dessa comunidade. *Malinche* tenta conhecer a sua sociedade desde o início, reinterpretando e reavaliando-a por meio de sua evolução temporal, a fim de que a herança colonial seja observada não apenas em seu matiz negativo, do não conhecimento, mas sim em seu prisma positivo: a formação de uma “nova raça”.

Podemos afirmar que nosso *corpus* é marcado pela evolução/representação temporal, se não de modo claro, ao menos se depreende nas entrelinhas, já que o retorno de cinco séculos é empregado segundo os moldes do Romance, enquanto gênero. Ou seja, retornamos ao passado para considerar o presente e projetarmos/predizermos o futuro. Mas quais circunstâncias levariam a autora a empreender a representação ora colocada em destaque? O desejo de conhecer e transformar sua sociedade? Questões meramente sociológicas estas, o que possui alguma relevância nesse contexto. Mas, talvez, o ponto máximo seja a necessidade de não perder-se a si, pois representar o México passado, não abandonar a sua memória, é colocar em evidência a sua própria constituição, seja esta benéfica ou não. É reconhecer os traços característicos de sua própria *persona*, de si enquanto sujeito social, possuidor de uma identidade ao mesmo tempo particular e coletiva.

Na análise das características da obra de Laura Esquivel, para considerá-la um romance, percorremos algumas veredas, que, ao fim, resultaram em destinos transitáveis e sólidos. Conseguimos refletir de modo mais detido acerca da constituição do romance, mas também, da sociedade mexicana. Passamos pela narrativa como sendo uma atividade que deixa transparecer a necessidade que o ser humano tem de compartilhar suas experiências, por meio do ato de contar.

Para ampliar as discussões, adentramos nas linhas que levam à representação, termo que, se esgotado, permite percorrer os espaços da evidenciação dos limites instáveis entre o “real” e o “ficcional”. Uma representação que enfoca, a partir do enredo histórico, preocupações com questões sociais da sociedade onde as obras se convencionam, ou seja, a representação tecida por *Malinche* destaca os conflitos envolvendo o processo da colonização espanhola perante a civilização asteca, bem com as marcas desse contexto na contemporaneidade.

Associar Romance, enquanto gênero, e representação, enquanto característica deste, garante o desenvolvimento de um método de investigação que está preocupado não apenas com uma investigação em termos sociais ou estéticos, mas a união das duas perspectivas. Nessa corrente, a análise desenvolvida permite detectar passagens e concepções que não estão restritos ao espaço do fazer literário, mas sociais de modo contíguo. Ou seja, a investigação estética acaba conduzindo a uma reflexão sobre o sistema social que está contido no texto ficcional.

Podemos considerar, nesse ínterim, que o romance realiza a representação de uma sociedade marcada por conflitos identitários que percorreram um largo caminho sempre sob o signo do processo de colonização da América Espanhola. Compreendemos, que, não menos importante que o aspecto social, a produção estético literária assume papel fundamental quando se busca analisar a sociedade, isto por que, lhe é parte constituinte e carrega todos os traços de seu sistema de significação.

Consideramos, finalmente, que a obra escrita por Laura Esquivel representa realidades possíveis a partir de construções ficcionais. O que nos permite afirmar que a representação literária passível de ser apreendida do Romance é, antes de qualquer coisa, representação estético-social e ideológica do presente mexicano. Se relacionarmos a isso a teoria do Romance de Bakhtin, entenderemos *Malinche* como um Romance em sentido *stricto*, vez que o compreendemos como uma possibilidade de autoconhecimento para a sociedade mexicana,

tendo em vista que o texto em questão torna translúcidos os padrões sócio-ideológicos dessa comunidade.

1.3 A força da dominação simbólica no “Novo Mundo”

O dicionário Houaiss Eletrônico apresenta vinte e uma acepções para o termo memória, a primeira faz menção ao ato de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo que com ele se relaciona, e a terceira aponta que a memória é aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas: a lembrança, reminiscência. A reminiscência, por sua vez, é a imagem lembrada do passado, aquilo que se conserva na memória, mas que é uma lembrança vaga ou incompleta. É a partir da memória que as sociedades podem ser rememoradas. É através da memória, como alicerce, fundamento, que buscamos construir uma narrativa a respeito do “Novo Mundo”, detectar um sistema de representação.

Para que um processo de rememoração se desenvolva, contudo, são necessários alguns pontos primordiais, tais como: indivíduo, grupo, passado e identidade. Isso porque não é possível rememorar quando inexistente um passado, quando um indivíduo ou um grupo não se dispõe a tal empreitada, deixando de refletir sobre a sua identidade. Ao considerar a personagem título da obra, *Malinche*, dentro de suas particularidades e em meio aos seus pares, poderemos rememorar a civilização asteca, pois são as memórias individuais e coletivas dentro de seus implicantes que nos permite adentrar no mundo de Malinche, para então entender o “Novo Mundo” representado.

As memórias individuais e coletivas são indissociáveis, são interdependentes, como se observa na seguinte passagem:

(...) importa jamais esquecer que é por analogia apenas, e em relação à consciência individual e à sua memória, que se considera a memória coletiva como uma coletânea de rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos, e que se lhe reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasião de festas, ritos, celebrações públicas. (...) [E também que] se estenda analogicamente a minhadade das lembranças à ideia de uma possessão por nós de nossas lembranças coletivas (RICOUER, 2007, p.129).

Ou seja, deve-se à consciência individual e à sua memória os traços que são característicos da história dos grupos, das celebrações por estes realizadas, assim como as lembranças individuais são marcadas pelas fundamentações memoriais dos grupos. Destarte, a memória coletiva resulta da memória individual, esta, por sua vez, é trazida à luz pelas comemorações que são os pontos comuns das memórias, sendo que as lembranças individuais podem ser descritas nas lembranças coletivas.

Tal conceituação pode ser identificada no constante processo de rememoração realizado por Malinche no decorrer da obra, seja através de lembranças pessoais, que acabam por considerar tradições que são inerentes ao grupo, à sociedade asteca, bem como comemorações que são grupais, mas que despertam lembranças particulares. As lembranças coletivas e individuais acabam por confundir-se, contribuindo para a constituição da identidade dos sujeitos. Podemos observar essa reflexão nas seguintes passagens da obra:

— Todo se olvida en esta vida, todo pasa al recuerdo, todo acontecimiento deja de ser presente, pierde su valor y su significado, todo se olvida. Ahora tengo un nuevo señor y tendré nuevos hijos; Malinalli será entregada a una nueva familia que se encargará de cuidarla pues ella forma parte del fuego viejo que yo quiero olvidar (ESQUIVEL, 2006, p. 37).

Neste primeiro fragmento, a protagonista retoma a passagem de sua infância quando sua avó assume a responsabilidade por sua criação. É possível constatar parte da tradição cultural asteca através do momento particular que é rememorado pela protagonista, ou seja, a necessidade de se deixar o passado no passado para que se inicie uma nova história.

No trecho que segue:

Caminaron durante tres días, durante los cuales tomaban pequeños descansos en los poblados a los que iban llegando. En el camino se unieron a un grupo de hombres y mujeres que viajaban con el mismo propósito al santuario de las mariposas. Al ritual de la iniciación donde, cada primavera, se invoca al viento, a la plenitud de los elementos, para que el hombre obtenga de la tierra y el cielo las riquezas necesarias para cumplir con sus tareas (*Ibidem*, p. 107-8).

Pode-se visualizar o momento no qual se recorda a tradição asteca de visitar o santuário das borboletas para que os cidadãos pudessem adquirir forças para enfrentar os percalços da vida. Tradição cultural que reflete na lembrança individual de Malinche e na constituição da identidade da civilização. Se a constituição da rememoração não pode ocorrer sem que seja considerado o passado, vale ressaltar outra proposição na qual são consideradas as relações entre memória e passado:

A consciência íntima do tempo se fecha desde o início sobre si mesma. Quanto à natureza da “apreensão” pelo espírito do fluxo de consciência e, portanto, do passado, trata-se de saber se o tempo sentido é suscetível de ser apreendido e dito sem empréstimo ao tempo objetivo, em particular no que diz respeito à simultaneidade, à sucessão e ao sentido de distância temporal, (...) [é a] memória, voltada para o tempo terminado, (...) (RICOUER, 2007, p. 121).

A memória é compreendida através da apreensão do fluxo de consciência, que não passa de representação do passado. De modo que não ocorre qualquer retomada do passado, ou episódio que requer lembrança se não houver esquemas, arranjos na memória, uma memória que seja voltada para um tempo que é pretérito, e, por isso, concluído. O processo de rememoração de Malinche só acontece porque esta dispõe de um passado repleto de acontecimentos que são retomados com maior ou menor clareza, na medida em que o fluxo de consciência traz à tona memórias que se situam mais próximas ou distanciadas no espaço temporal.

A memória é um dos principais meios para que a obra ganhe fôlego e alcance uma das grandes questões que envolvem a narrativa: o processo de rememoração da civilização asteca em relação à sua tradição. E isso não apenas no nível do enredo, mas também, em amplitude nacional, se aceitarmos a sociedade mexicana enquanto conjunto que passa pelo trauma do período da colonização.

A narrativa, construída na contemporaneidade por Esquivel, deixa evidente a constante apropriação da memória para que o enredo se concretize, desde recordações que estão mais distanciadas da protagonista, sua infância, até recordações mais próximas, como as do momento em que se encontra ao lado de Hernán Cortés, relacionadas ao próprio ou a padrões socioculturais representativos tanto de uma quanto de outra civilização. Tais assertivas são representadas nos seguintes fragmentos:

Malinalli había sido puesta a la venta como esclava precisamente en medio de todos esos aromas. Su pequeño cuerpo aterrorizado no se atrevía a moverse. Sus grandes y acuosos ojos fijaron su atención en el puesto donde vendían cuchillos de obsidiana mientras escuchaba lo que ofrecían por su persona unos comerciantes mayas que habían llegado al mercado de Xicalango a vender unos tarros de miel. Le dolió recordar que ofrecieron mucho más por unas plumas de quetzal que por ella. Esa parte de su pasado le molestaba (ESQUIVEL, 2006, p. 130).

Esse excerto se refere à visita feita por Malinche ao mercado central de Tenochtitlan²³, já como a língua de Cortés, e sua recordação de quando ainda na infância foi vendida como escrava em um mercado por valor inexpressivo. Recordação marcada, ainda, pela condição

²³ Cidade asteca sede de todo o poder, o correspondente a capital.

escrava da protagonista, demonstrando quais fatores interferiam na construção de sua identidade.

Na passagem seguinte:

Las imágenes que venían a su cabeza en cuanto cerraba sus párpados eran las de cabezas, piernas, brazos, narices y orejas volando por los aires. No había presenciado la matanza del Templo Mayor, pero tenía como antecedente la de Cholula, así que con toda claridad, su cerebro reproducía el sonido de la carne desgarrada, de los gritos, los lamentos, las detonaciones de los arcabuces, las carreras, los sonidos de los cascabeles mientras los pies huían, tratando de escalar los muros (*Ibdem*, p.139-40).

Tem-se a rememoração de um passado mais recente, ou memória originária, na linha temporal do fluxo de consciência de Malinche. Dois episódios que envolvem massacres praticados pelos espanhóis contra a civilização asteca, sendo que o segundo massacre é, na recordação da personagem, a repetição do primeiro presenciado por ela. Uma repetição que se renova a cada visualização das atrocidades que eram cometidas pelos colonizadores. Trata-se de uma memória permeada por outros signos culturais e identitários. Essa lembrança ocorre nos códices desenhados mentalmente pela personagem título, elemento da cultura asteca, utilizado, sobretudo, para pensar os padrões culturais desse povo, servindo a essa altura já como instrumento de outra cultura marcada por acontecimentos até então ignorados. Memórias que sendo individuais não deixam de ser memórias coletivas que perdurarão por séculos no imaginário mexicano, na representação que será feita dessa sociedade através dos tempos.

Ao tornar possível a apreensão da memória como fundadora de grande parte da narrativa e, sendo a memória inerente aos indivíduos enquanto sujeitos sociais portadores de uma identidade, converte-se em possibilidade a relação entre esta e aquela. Corroborando ainda com Ricouer (2007, p. 131), o autor afirma que as identidades se definem dentro das relações grupais, nas quais as recordações/testemunhos serão construídas por outros que não somos nós, isto é, até mesmo nossa memória/identidade individual sofrerá influência do contexto, do grupo do qual fazemos parte. Na mesma orientação, observamos que:

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do

mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Isto é, embora os indivíduos possam crer na existência da sua particularidade memorialística, a interferência da memória coletiva nas construções individuais é indubitável, o que significa pensar que a influência de padrões sociais na constituição identitária dos sujeitos é inquestionável. Podemos considerar que a memória e a identidade, de Malinche e de toda a civilização asteca, estão sendo (re)elaboradas a partir do contato entre as duas culturas (a local e a estrangeira). Uma identidade e memória que não é una, mas heterogênea no entre-lugar que começava a se delinear, unindo elementos dos dois pólos de influência. Não seria difícil constatar, nesse momento, o processo de representação pelo qual o “Novo Mundo” passará, tomando como norte o poder que as memórias individuais e coletivas exerciam sobre a civilização “colonizada”.

Na dialética estabelecida entre memória e identidade acerca da sociedade que percorreria outros caminhos com a chegada dos espanhóis em solo americano, torna-se evidente a relação com o poder ideológico manipulado, que se estabelece através dos aparelhos ideológicos da coroa espanhola, bem como, a utilização de meios violentos e da representação para que o processo de “transculturação”/dominação se efetivasse.

Ainda na esteira das memórias coletivas e individuais, a obra *Malinche*, em particular o processo de rememoração empreendido pelas personagens de maior ênfase, é possível evidenciar quais foram as forças que regularam o processo de representação, e que interferiram na constituição do “Novo Mundo”.

Tomar a representação como meio que possibilita a detenção de poder permite a seguinte afirmação:

A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta (CHARTIER, 2002, p. 75).

Percebe-se que a representação torna realidade aquilo que não é de fato, assim, esta possibilita a manipulação dos discursos em favor de um ideal que privilegie mais que o respeito, a submissão de um grupo em relação a um centro de poder ou a uma figura. A representação atua para que não seja necessária a utilização da força, compreendida como

ações violentas. Tal situação só ocorre pela apropriação que pode ser suscitada pelo imaginário que é submetido à tensão do momento.

Com um imaginário completamente dominado pela tensão e pelo medo, Malinche e a civilização asteca tornam-se presas fáceis para a representação realizada por Hernán Cortés. Ademais, eles próprios acabam por oferecer material riquíssimo para a ânsia de conquista espanhola. Nestes termos, surge a facilidade do desencadeamento da conquista na reflexão de Cortés:

“¡Seáis muy bienvenido! Trabajos habréis pasado viniendo de tan largos caminos. ¡Descansad ahora! Aquí está vuestra casa y vuestros palacios: tomadlos y descansad en ellos con todos vuestros capitanes y compañeros que han venido con vos.”
 Un gran silencio se desplomó del cielo como respuesta. Cortés no daba crédito a lo que sus oídos escuchaban. Sin haber disparado una bala, se le estaba ofreciendo ser rey de esas inmensas y ricas tierras. Los más de cuatro mil nobles y señores principales del reino mexicana, ataviados con su mejores galas, con sus mejores pieles, plumas y piedras preciosas, también se asombraron ante estas palabras.
 Cortés le pidió a Malinalli que tradujera estas palabras como respuesta:
 —Dile a Moctezuma que se consuele, que no tema. Que lo quiero mucho y todos los que conmigo vienen también. De nadie recibirá daño. Hemos recibido con gran contento en verle y conocerle, lo cual hemos deseado muchos días ha. Ya se ha cumplido nuestro deseo (ESQUIVEL, 2006, p. 126).

Quando adentra em Tenochtitlan, Cortés não é recebido por um confronto, mas pela aceitação da representação da qual se apropria. Assume e aproveita-se do caráter representativo do deus Quetzacoatl para a civilização asteca. Com isso, Hernán “ganha” um reino quando se faz passar pelo próprio deus esperado pelos astecas. Ao tornar do conhecimento de Cortés a crença em um deus que poderia retornar a qualquer momento, e retomar seu reino através de um poderio militar, Malinche e os astecas estão dando a mais preciosa munição para o capitão espanhol, o poder de direcionar o discurso e o imaginário em seu favor.

O caráter representacional se converte em meio de disseminação do poder segundo a proposição de Chartier, isto é, a representação se aproveita da fragilidade do imaginário impressionado pelo poderio bélico da coroa de além-mar, pelo porte dos animais (cavalos) e, também, pela armadura brilhante que até certo ponto lembrava o brilho de seu deus maior, para converter engodos em verdades. Diante de figuras tão diferentes, as marcas do possível tornam-se realidades que verdadeiramente inexistem, com o único propósito da submissão perante cultura diversa.

Ocorre o que pode ser denominado de dominação simbólica, pois a Espanha, através da figura de Cortés, acaba por exercer uma dominação centrada em um símbolo que é local,

porém convertido/transformado em signo aliado a outra cultura. Através da dominação simbólica, tornada realidade pela representação do deus Quetzacoatl, um “Novo Mundo” começa a ser representado, um mundo novo pautado em uma memória manipulada e em uma fé nova.

O “novo” Quetzacoatl, enquanto representação do novo poder, se estabelece seguindo uma fé que possui um deus e uma memória que é controlada, direcionada para um único sentido. Uma orientação centrada em signos que são representativos de um poder sem que seja necessária a utilização da força. Tais signos seriam denominados por Althusser como aparelhos ideológicos do estado. A este respeito, é possível:

(...) compreender como os confrontos baseados na violência bruta, na força pura, transformam-se em lutas simbólicas – isto é, em lutas que têm as representações por armas e por objetivos. [Os signos] tem esse poder pois (sic) “opera a substituição à manifestação exterior onde uma força aparece apenas para aniquilar outra força em uma luta de morte, signos de força ou, antes, sinais e indícios que só precisam ser *vistos, constatados*, e depois *contados e recitados* para que se *acredite* na força que são os efeitos.” (*Op. cit.*, p.170).

Assim, a simples representação do objeto/signo faz com que o poder seja identificado e a dominação seja instaurada, mesmo que essa dominação seja simbólica e não tão fácil de ser identificada quando comparada a uma dominação motivada pela violência. Ou seja, os signos/símbolos fazem com que a dominação não necessite de força e o poder seja apenas anunciado sem a necessidade de ser concretizado pela força.

Dentro do cenário de representação em que os símbolos são meios para que um poder seja instaurado, podemos destacar o seguinte:

Le había encantado escuchar en el sermón previo al bautizo – que Aguilar mismo había traducido para todos ellos – que los españoles les pedían que no se siguieran dejando engañar con dioses falsos que exigían sacrificios humanos. Que el dios verdadero que ellos traían era bueno y amoroso y nunca les exigiría algo por el estilo. A los ojos de Malinalli ese dios misericordioso no podía ser otro que el señor Quetzalcóatl que con ropajes nuevos regresaba a estas tierras para reinstaurar su reino de armonía con el cosmos. Le urgía darle la bienvenida, hablar con él (ESQUIVEL, 2006, p. 52-3).

A afirmação demonstra que a representação de um novo deus, que é justo ao exemplo do deus asteca, se convertia em saída desejada para aqueles que não mais aceitavam os sacrifícios humanos praticados por aqueles que conduziam a crença religiosa da civilização asteca. Talvez, a Malinche de Esquivel não estivesse muito distante de alguns tipos característicos da sociedade asteca e que coadunavam com a ideia expressa na passagem

acima. Unindo elementos memorialísticos do deus Quetzacoatl com a fragilidade do imaginário, é possível afirmar que a proposição de um deus que era bom – embora refletisse outra cultura, uma cultura que nem sempre representava o oposto, mas uma semelhança segundo o imaginário – acabava por contribuir para a consolidação de um “Novo Mundo”, representado para a efetivação de uma dominação simbólica.

À medida que se percebe o avanço da dominação simbólica em meio à civilização asteca, torna-se possível refletir acerca de uma memória que é manipulada, isso porque, o pensamento é visivelmente conduzido pelos ditames daqueles que possuíam o poder. Para Ricouer (2007, p. 94), a memória e a constituição da identidade de um povo relacionam-se, e, em maior grau, se forem considerados mecanismos de manipulação. Nesse prisma, tanto a manipulação da memória interfere na formação da identidade de um povo, quanto o controle da identidade influi no desenvolvimento da memória, seja esta pessoal ou coletiva. Assim, seria possível mencionar um processo de manipulação que ocorre tanto pelo excesso quanto pela insuficiência de memória, obedecendo aos detentores do poder, que ditam aquilo que deve ser lembrado ou esquecido pelos sujeitos sociais no âmbito particular ou coletivo.

Considerando não apenas a civilização asteca, mas primordialmente a América Latina em sua concepção contemporânea, podemos acreditar em memórias e identidades constituídas em consonância com um padrão ideológico manipulador, orientado, sobretudo, pela insuficiência da memória. Isso porque, no caso da civilização asteca, tomada como exemplo, percebe-se o silenciamento dos aspectos culturais característicos em benefício dos padrões culturais europeus²⁴, como se percebe em:

Ocultemos nuestros teocaltin (templos), nuestros calmecameh (escuelas de altos estudios), nuestros tlachcohan (juegos de pelota), nuestros telpochcaltin (escuelas para jóvenes) y nuestros cuicacaltin (casas de canto) y dejemos las calles desiertas para encerrarnos en nuestros hogares.

De hoy en adelante, nuestros hogares serán nuestros teocaltin, nuestros calmecameh, nuestros tlachcohan, nuestros telpochcaltin y nuestros cuicacaltin (*Op.cit.*, p. 147).

Ou seja, fica evidente que os padrões culturais astecas passam a ser negados, já que devem ser ocultados, e isso ocorre porque a cultura espanhola torna-se a única digna de ser considerada, vez que os padrões culturais dominantes passaram a ser os espanhóis. Nesse pequeno excerto, algumas afirmações são colocadas, dentre elas, a de que a memória coletiva

²⁴ Vale ressaltar, contudo, que se oculta ou silencia-se para preservar, pois mesmo que haja o silenciamento não há o esquecimento dos padrões culturais primeiros. Mas mesmo que não haja o esquecimento, o silenciamento foi pertinente para a coroa espanhola, vez que quando a sua afirmação é a única visível ela possui mais força para se ‘sobrepor’.

e, conseqüentemente, a individual dos astecas precisa ser apagada, tornada cada vez mais insuficiente para que a cultura espanhola se instale, para que os espanhóis detenham o poder de maneira uníssonas. Então, as identidades heterogêneas latino-americanas foram manipuladas, resultando em sujeitos que se querem reconhecidos muito mais pelos seus pares mais distantes que pelos seus “irmãos” latinos.

Voltemos, então, à representação e às relações estabelecidas entre esta e o poder, ademais de seu implicante na constituição dos sujeitos enquanto outros, nas linhas que seguem:

(...) o conceito de representação leva a pensar o mundo social ou o exercício do poder de acordo com um modelo relacional. As modalidades de apresentação de si são, certamente, comandadas pelas propriedades sociais do grupo ou pelos recursos próprios de um poder. No entanto, elas não são uma expressão imediata, automática, objetiva, do estatuto de um ou do poder do outro. Sua eficácia depende da percepção e do julgamento de seus destinatários, da adesão ou da distância ante mecanismos de apresentação e de persuasão postos em ação (CHARTIER, 2002, p. 177-8).

O “Novo Mundo” representado caminha pela concepção identitária dos sujeitos. Sujeitos que só conseguem delimitar a sua identidade em relação ao outro “superior” que lhe serve de modelo e regulamenta sua posição subalterna dentro de um sistema de poder do qual ele possui todas as benesses. Sujeitos que são frutos de suas memórias, sejam estas individuais ou coletivas, e que passaram por um processo de manipulação e dominação simbólica.

Quiçá uma nova representação seja necessária para a civilização que resulta hoje dos povos astecas, e também, para a América Latina. Uma representação na qual os sujeitos latino-americanos sejam não o engodo da realidade possível, mas portadores de um discurso que marque o seu entre-lugar, centrado na:

(...) destruição sistemática dos conceitos de unicidade e de pureza: [pois] estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo (SANTIAGO, 2000, p.16).

Enfim, um discurso que reconheça a singularidade da cultura, da identidade e dos povos latino-americanos. Um discurso que seja capaz do reconhecimento a que chega Malinche sobre a constituição de uma nova raça:

(...) Eso es lo que te pido, gran señora. Fortalece el espíritu de la nueva raza que con nuevos ojos se mira en el espejo de la luna, para que sepa que su presencia en la tierra es una promesa cumplida del universo. Una promesa de plenitud, de vida, de redención y de amor.

Eso era México y Malinalli lo sabía. (...) (ESQUIVEL, 2006, p. 186-7).

Isto é, uma identidade e um discurso orientados pela natureza da América Latina. Esta é ímpar, porque estruturada segundo a mescla cultural, com sujeitos e identidades heterogêneas, realidade que conflui para a consolidação de uma nova raça, capaz de compreender a amplitude de sua constituição.

A repercussão causada pela influência da memória e do processo de representação sobre os povos astecas, e ainda, sua ressonância em dias atuais, permite constatar que: o “Novo Mundo” que nos chega (re)(a)presentado é resultado de forças que permaneceram em disputa por longo período e, a parcial aniquilação sofrida por uma das partes foi antes promovida pelo poderio ideológico da outra, já que em condições de confronto armado direto não seria de se estranhar que o inverso ocorresse.

Em contrapartida, o que ocorreu foi um processo de dominação que utilizou a força da representação. Isso se deu de modo arraigado e desconcertante, manipulando a força e o vigor cultural, de maneira que qualquer tentativa de resistência acabou por tornar-se insólita e deixou sabores amargos que dificilmente serão apagados ou convertidos em favor das sociedades “colonizadas”. É essa a realidade daquilo que restou das civilizações astecas e, também, da nova “raça” que se constituiu em solos mexicanos. Realidade que castra e mantém todo um povo dentro de um cenário de trauma, de doença mal diagnosticada, mas que todos sabem a causa, séculos de dominação e expiação de riquezas materiais e culturais.

A partir desse contexto de crença generalizada em culpados locais e *meas culpas* se constrói uma memória frágil, porém, cristalizada. Uma memória incapaz de rememorar em profundidade o passado, que não consegue olhá-lo sem sentir dor. Como resultado de uma memória que foi manipulada em tempo pretérito se encontra no México atual uma sociedade repleta de cicatrizes que permeiam o imaginário local. As memórias individuais e coletivas determinam identidades locais marcadas pelo estigma da inferioridade em relação ao outro que creem semelhante, próximo, mas que é distante e dessemelhante.

Considera-se, ainda, que esta não é característica exclusiva da realidade mexicana, mas de toda a América Latina que possui como ponto comum um cenário de dominação. Ambiente regulado segundo o poder exercido pelo colonizador que despertava o sentimento local de inferioridade cultural em relação às metrópoles e aos homens brancos, que eram a representação do bom em detrimento de tudo que era local e tido como sinônimo do mal.

Nesse sentido, toda a América Latina passou por um processo de representação que envolvia uma dominação simbólica centrada na manipulação da memória.

Considera-se ser de extrema importância não apenas no México, mas em toda a América Latina, a revisão da história tida como certa e que foi e é motivada por padrões memorialísticos que devem ser revisitados. É necessário adotar padrões e posturas que rompam com os resquícios ideológicos deixados por anos em nossos territórios ainda exercendo poder e manipulando nossas memórias. É salutar, por fim, que uma nova narrativa do *eu* e do *nós* seja desenvolvida, onde os discursos e matizes locais sejam destacados e valorizados. É preciso, então, pensar a América Latina e seu constituinte mais importante, o povo, a partir de seu *locus* de enunciação, do entre-lugar que ocupa.

_____ Capítulo II

ACONTECIMENTOS TRANSFORMADOS EM DISCURSOS

O homem não possui um território interior soberano, ele está inteiramente e sempre em uma fronteira; olhando para o interior de si, olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro.

(Mikhail Bakhtin, 1981)

As histórias dependem antes de tudo da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las.

(Bernardo Carvalho, 2006)

Colocamos em relevo, nesse capítulo, o processo de “colonização” da região correspondente à América Central. O texto analisado é entendido não apenas como mais um romance que destaca uma região e narra uma história “bonita”, mas que se situa no espaço da metaficção historiográfica. Embora essa não seja a linha teórica de investigação adotada, acaba por contribuir para a compreensão de nosso objeto.

Afirmar que o texto em questão configura-se como uma metaficção historiográfica não significa necessariamente dizer que a história não seja satisfatória ou envolvente, e sim que desperta sensações e reflexões que tiram o leitor de sua zona de conforto e o lança na empreitada da (macro)visualização, do ir além, do enxergar em profundidade²⁵ a sociedade circundante.

Quando se revisita o passado nem sempre os acontecimentos/fatos se sustentam, principalmente porque a sociedade contemporânea passa por um momento de conceitos flutuantes, instáveis. Assim, adentra-se no âmbito das indecisões, ora se tomam afirmações como “verdades”, ora como “mentiras”. O que são tais conceitos em espaços tão instáveis quanto o literário e o histórico? É necessário abandonar a atitude maniqueísta e considerar que não há verdades ou mentiras, mas versões, e que estas terminam por adquirir representatividade distinta com o avançar do tempo ou com a posição ocupada no espaço social de quem recorre ao tempo pretérito para compreender o presente.

Seria possível, ainda, mencionar a possibilidade de desenvolvimento de um pensamento crítico-reflexivo em relação à formação social a qual a metaficção historiográfica se volta, nesse sentido, concordar ou discordar das normas e padrões estabelecidos tornam-se uma constante. Por isso, e por não possuir a pretensão de dizer a “verdade” e, ao mesmo tempo, não deixar de utilizar detalhes do “real” para a sua estruturação, a metaficção historiográfica chega ao clímax de ter a sua versão da história como confiável ou não, ser aceita ou não.

Apoiaremos-nos, então, nas considerações tecidas por Linda Hutcheon acerca deste conceito [metaficção historiográfica] presente na obra *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção* (1991). Podemos afirmar que a metaficção historiográfica faz uso de informações históricas para construir possibilidades e reflexões sobre a “verdade”, ou melhor, trata ficcionalisticamente a história da humanidade, fazendo-nos pensar que tudo passa por versões possíveis e não por verdades absolutas. De modo sintético, podemos afirmar que a

²⁵ Desenvolver o olhar em consonância com as assertivas sobre *flâneur* segundo as considerações de Achugar. Cf. ACHUGAR, Hugo. “Culpas e memórias nas modernidades locais: divagações a respeito de “O Flâneur” de Walter Benjamin”. In: _____. *Planetas sem bocas: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

metaficção historiográfica traz a marca da desconfiança em relação às grandes narrativas da humanidade.

Assim, a narrativa de *Malinche* (2006) é o texto do possível, do provável. Âmbito onde a história da expansão colonialista provavelmente/possivelmente ocorreu da maneira pensada pela autora diante dos vestígios²⁶ os quais teve acesso, bem como vários outros enredos podem ser construções/versões de uma mesma história possível, de modo que muitos são os narradores, basta ter um interesse e uma versão para contar.

Ao tomar os matizes históricos e literários como textos do possível, chegamos ao ponto no qual a compreensão de discursos, acerca do período sócio-histórico em discussão na obra literária ora analisada, se faz necessária. Isso porque entender os discursos históricos e sociais contribuem para a compreensão dos valores que interferiram na estruturação da sociedade mexicana de modo geral, mas também, na produção do texto em destaque. O que resultará na análise dos discursos que se elaboram em torno das temáticas desenvolvidas a partir de texto e período singulares para a história das civilizações da América Latina.

O romance em investigação e a expressão “hijos de la chingada” servem de mote para o desenvolvimento das discussões acerca do discurso e de suas particularidades conceituais, importantes para a compreensão de pontos específicos da obra de Esquivel, mas também do sistema socioideológico e histórico mexicano que são caracterizados na obra. Esses corpora serão analisados segundo os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, assim o romance será abordado enquanto discurso literário e a expressão como um discurso de cunho popular.

Os discursos mencionados são utilizados como possibilidade para a análise da constituição sócio-histórica da sociedade mexicana, principalmente, ao serem desmembrados a partir dos conceitos de interdiscurso e ethos discursivo. Com o propósito de compreender a sociedade mexicana, a partir dos discursos construídos sobre/a partir do período colonial, reduzimos esta para a menor unidade de sua formação, o sujeito enquanto possuidor de uma identidade. Prática possível, pelo fato de que os sujeitos-enunciadores dos discursos analisados podem ser apreendidos ao passo que a atividade discursiva se estrutura.

[Isso porque] Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (...) Que a maneira de dizer induz uma imagem

²⁶ Quiçá o termo **vestígios** possa levantar algumas reflexões acerca da produção de Esquivel, nesse caso, vale considerar as páginas finais da obra em discussão. Em torno de três páginas são apresentadas as referências consultadas pela autora e que garantiram a obra os traços que possui. Para maiores esclarecimentos torna-se pertinente a visualização destas laudas.

que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as conseqüências (AMOSSY, 2008, p.9).

Quando tomamos a palavra assumimos um discurso, que deixa transparecer o fiador por meio do sujeito-enunciador presente no discurso, ocorrendo o desvelamento das formações ideológicas que agem sobre a formação discursiva na qual se insere nosso discurso. Constatamos em nossa análise que um fator sócio-histórico age diretamente sobre a constituição/consolidação dos discursos, de modo que, sair da superfície e aprofundar a análise do discurso que se apresenta se converte em mecanismo para o conhecimento da sociedade e dos sujeitos discursivos destas.

A Análise do Discurso, nos moldes executados, deixa evidente que os sujeitos da enunciação somente se convenciam como portadores deste ou daquele discurso, por estarem em constante relação. Ou seja, os sujeitos-enunciadores não são os únicos responsáveis pela estruturação de seu discurso, eles são interiormente multifacetados, de modo que as ideias que defendem não lhes pertencem, e como tudo no ambiente social: nada é deles, nem mesmo o pensamento. O que se torna importante para compreendermos em profundidade as revelações que o texto literário em investigação nos traz, bem como o seu propósito ao analisar em pleno século XXI o século XVI.

Para finalizar, consideramos que uma voz/discurso pode ser detectada ao longo da produção de Esquivel, e que ademais de seguir uma orientação centrada em padrões socioideológicos, sofre a interferência das relações de gênero entre Malinche e Hernán Cortés. Tanto os padrões socioideológicos quanto as relações de gênero atuam sobremaneira na formação/constituição das identidades dos sujeitos “asteca-hispanos/hispano-astecas”.

2.1 Que HISTÓRIA é essa?

Buscando definições acerca de verdade ou mentira é possível vislumbrar, com base no senso comum, algumas acepções que dão conta da verdade como aquilo que é exato ou está de acordo com os fatos. Já a mentira é descrita como a oposição daquilo que é verdade. Logo, a mentira é aquilo que falseia a verdade e representa a inexatidão. Em consonância com essas ideias, surgem algumas dúvidas: se a verdade é exata e está de acordo com os fatos, o que garante que essa verdade seja completa? Ou ainda, por que a mentira representa a inexatidão ao ser posta em confronto com a verdade? Mas também, por que estamos sempre considerando a verdade ou a mentira para que tudo tenha algum sentido?

O Dicionário Houaiss Eletrônico traz outra possibilidade de definição para o termo **verdade**:

7 Rubrica: filosofia: no *nietzschianismo* e *pragmatismo*, pluralidade inesgotável e freq. (sic) contraditória de enunciados ou discursos que, em vista de suas consequências práticas, se revelam úteis ou favoráveis aos interesses de indivíduos, grupos, ou da humanidade em geral (HOUAISS, 2007, S/P).

Tal acepção traz um dado relevante, isto é, a verdade pode ser enunciada por grupos ou indivíduos segundo sua consequência prática, que pode ser útil e/ou favorável. Seria apropriada, assim, a seguinte assertiva: a verdade é manipulável em favor de um grupo ou indivíduo. Logo, o que tornaria a verdade distinta de uma mentira bem arranjada?

Talvez esses conceitos não sejam tão importantes quanto possam aparentar. Talvez os seres humanos estejam demonstrando que o mais salutar seja fixar a atenção nas possibilidades e não em afirmações inquestionáveis, sejam estas “verdades” ou “mentiras”. Contudo, fato incontestável é a utilização realizada por diferentes áreas da palavra verdade, a fim de tornar seu saber valorizado. Essa foi, durante muito tempo, a orientação da ciência história²⁷, e ainda o é para os grupos mais tradicionais da área, prova disso são as afirmações ainda circulantes em relação à história, de que ela narraria a verdade do passado, do desenvolvimento da humanidade. Principalmente, quando se opõe as características da narrativa da história à narrativa da literatura, que seria o falseamento da narrativa histórica em alguns casos.

Mas se a verdade pode servir aos interesses de grupos ou indivíduos, qual seria a garantia de que a história, ao creditar à sua ciência o poder de demonstrar a verdade, não estaria contribuindo favoravelmente para um grupo, um indivíduo, ou, em escala ampliada, a sociedades com padrões culturais diferentes e ditos superiores? De fato, nada garante, principalmente quando temos por mote orientador do pensamento a Pós-Modernidade. Esse momento histórico coloca em evidência um sujeito²⁸ transformado, que não mais aceita padrões e “verdades” rígidas, pelo contrário, considera que os conceitos não são mais fixos, mas flutuantes.

Quando refletimos acerca do conceito de história e nos deparamos com um “novo real”, não mais idealizado, percebemos a possibilidade de versões sobre fatos/acontecimentos

²⁷ Situação que começa a passar por certa transformação a partir do ramo denominado Nova História, que se constitui baixo esta nomenclatura por volta das décadas de 70 e 80, mas que segundo Burke (1992, p.16), traz uma orientação calcada em tendências mais antigas, quanto à escrita da história, que datam do início dos anos de 1900.

²⁸ A respeito do sujeito pós-moderno, Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

que possam privilegiar grupos ou indivíduos. Então essa ciência não pode mais afirmar que está centrada na verdade exata, e que dê conta da totalidade da sociedade. Assim, vem à tona a certeza de que essa área do saber e a literatura podem não estar tão distantes quanto se possa sugerir, pois esta última também trabalha a partir de versões do real, dos fatos. A respeito das narrativas do possível, temos:

No contrafluxo da ficção, o que teríamos, a verdade? Se esta for, como propõe Aristóteles, a correspondência do discurso como real, já vimos que, nos caminhos do resgate do real passado, a história se baseia mais em versões e possibilidades do que certezas. O distante passado, como atingi-lo na sua integridade? E mesmo que, por um passe de mágica, para um outro tempo fôssemos transportados, na posição de testemunha ocular dos fatos, o que veríamos? Sem dúvida, nossa visão seria diferente da do companheiro que nos acompanhasse nesta viagem fantástica no túnel do tempo. E, ao retornar ao nosso tempo, teríamos múltiplas versões do acontecido!

(...)

Para construir a sua representação sobre o passado a partir das fontes ou rastros, o caminho do historiador é montado através de estratégias que se aproximam das dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, decifração de enredo, uso e escolha de palavras e conceitos (PESAVENTO, 2006, p. 5).

Diante da afirmação de Pesavento, que acaba por endossar a proximidade dos discursos literários e históricos, podemos nos questionar: Por que a narrativa literária não poderia dar conta do passado? Por que seu discurso seria inferior ao discurso histórico frente ao desafio de narrar acontecimentos passados, enfim, de contar a história da sociedade? Questões retóricas e que alguns escritores tem ignorado, visto a quantidade de romances históricos e metaficções historiográficas que já foram e vem sendo escritos. Um grande número destes seria resultado dos anseios desses novos sujeitos que estão motivados pelo desejo de reavaliar a história de maneira crítica e, muitas vezes, restaurar versões históricas silenciadas, sejam elas: de gênero, étnicas ou sociais.

Ao dar-se relevo aos romances históricos, bem como à metaficção historiográfica, faz-se necessária a distinção entre os dois conceitos, isso porque comumente se tem confundido as duas perspectivas. A esse respeito, ganha destaque o seguinte fragmento do texto de Hutcheon, que se apoia em Foley para dissertar acerca das características ficcionais dos dois segmentos:

(...) vou apresentar (...) o paradigma do romance histórico do século XIX, inserindo entre colchetes as mudanças pós-modernas [da metaficção historiográfica]:

Os personagens [nunca] constituem uma descrição microcósmica dos tipos sociais representativos; enfrentam complicações e conflitos que abrangem importantes tendências [não] no desenvolvimento histórico [não importa qual o sentido disso, mas na trama narrativa, muitas vezes atribuível a outros intertextos]; uma ou mais figuras da história do mundo, entram no mundo fictício, dando uma aura de legitimação extratextual às generalizações e aos julgamentos do texto [que são imediatamente atacados e questionados pela revelação da verdadeira identidade

intertextual, e não extratextual, das fontes de legitimação]; a conclusão [nunca reafirma [mas contesta] a legitimidade de uma norma que transforma o conflito social e político num debate moral²⁹ (HUTCHEON, 1991, p.159).

Em síntese, seria o mesmo que afirmar: enquanto no romance histórico as personagens são tipos, representando uma classe social bem delimitada, na metaficção historiográfica, as personagens são mais generalizadas, isto é, possuem uma orientação mais individual. Enquanto no primeiro, o detalhe não é utilizado como recurso importante de verossimilhança, na segunda, ocupa papel de destaque, pois fará com que o texto pareça verdade por ser ponto comprovável; enquanto naquele a personagem histórica de maior relevância é extremamente importante, ocupa papel de protagonista, nesta pode não passar de personagem secundária, com pouca importância para o desenvolvimento da narrativa. Isso porque o romance histórico tende a legitimar a norma vigente, a metaficção historiográfica, ao contrário, contesta veementemente a norma, a história, já que busca a criação de uma história alternativa e com alta criticidade.

É a partir da metaficção historiográfica que a obra analisada se estrutura. As personagens são históricas, porém, marcadas pelo alto teor de ficcionalidade, mesmo que não se perceba quais são os limites entre a história narrada nos manuais oficiais do enredo presente no texto em questão. Ademais, os papéis principais são desempenhados mais pela expressão individual de cada um, os detalhes constituem importância singular para o encadeamento da narrativa e, algumas personagens assumem a condição de meras coadjuvantes. Acerca dessas observações cabe destacar a seguinte passagem da obra:

Antes que nada, estaba el hecho de que durante el primer encuentro entre Moctezuma y Cortés, ella había sido la traductora y durante su actuación había mirado directo a los ojos de Moctezuma, el máximo gobernante. El rey supremo. Las piernas le habían temblado. (...)Lo que nunca esperó fue que Moctezuma depusiera su trono a favor de Cortés y que ella, por ser la traductora, fuera quien prácticamente le hubiera dado el reino a Cortés. Tampoco se imaginó que al hacerlo experimentaría un dolor tan profundo. (...)

Ver a Moctezuma ofrendar su reino, no a una persona, no a un rostro, ni a una ambición sino al espíritu de Quetzalcóatl era en sí un acto místico y sagrado. Y Malinalli supo en su corazón que Quetzalcóatl en verdad lo agradecía, en verdad lo recibía, en donde quiera que estuviera, aunque no fuera en el cuerpo de Cortés. Al traducir el discurso de Moctezuma, Malinalli también experimentó una transformación espiritual y actuó como verdadera mediadora entre éste y el otro mundo (ESQUIVEL, 2007, p. 124-5).

No momento em que Montezuma entrega o reino Asteca a Hernán Cortés, percebe-se que a “mera” intérprete ganha destaque, uma personagem que em outras versões narrativas

²⁹ O primeiro par de colchetes, bem como seu conteúdo não fazem parte do texto original.

ficaria em segundo plano. Tal situação ocorre porque Malinche é a personagem escolhida por Esquivel para ser a principal em sua narrativa sobre a dominação da “América Asteca”. É característico no enredo, serem apresentadas pelo narrador onisciente as impressões individuais dessa personagem. Montezuma e Cortés, por outro lado, passam para relevância secundária, ou seja, as personagens possuidoras de maior relevância assumem posicionamento quase que irrelevante ao menos nesse excerto da obra de Esquivel. Assim, Montezuma e Cortés, que ocupariam posição de alta complexidade, não passam de “pequenos adornos”. Vale ressaltar, também, o detalhe do momento histórico que não é narrado apenas pela autora, o que confere verossimilhança à narrativa. O princípio do poder poderia ter sido assim que a história aconteceu, coloca a narrativa como uma possível versão dos fatos.

Ora, voltamos ao ponto inicial, à questão da história que não é contada a partir de verdades ou mentiras, mas de versões, mesmo que estas mudem de concepção no espaço temporal ou de uma área do conhecimento a outra. Retornamos, no entanto, com elementos novos propostos pela metaficção historiográfica, que demonstra como é constituída a versão ficcional, entenda-se verossímil, da história da humanidade. Para aprofundar o enunciado, contamos com a assertiva que segue nestes termos:

A metaficção historiográfica sugere que a verdade e a falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção (...). Romances pós-modernos (...) afirmam abertamente que só existem *verdades* no plural, e jamais uma só Verdade; e raramente existe a falsidade *per se*, apenas as verdades alheias (*Op. cit.*, p.146).

Encontramo-nos diante de uma afirmação que vai além do discurso ficcional como uma versão possível, pois, ademais de corroborar que a mentira/falsidade não existe por si só, destaca a motivação para a sua inexistência, isto é, há “verdades alheias”. Verdades que, ao mesmo tempo em que pertencem ao outro, podem ser ignoradas por outrem, ou se queira sugerir, são alheias ao conhecimento de todos os partícipes sociais. Mais que refletir a respeito de versões sobre a história, tem de se buscar respostas para as representações que se formam a partir da Verdade única, se é aceito de modo geral que a história foi estruturada a partir de um ponto de vista, o momento é o de compreender o porquê de tantos discursos silenciados. Ou seja, a contemporaneidade não pode mais ser de verdades ou mentiras, mas de distintos retratos sociais.

Nesse contexto, para que haja um vencedor é necessário que ocorra um duelo, no qual ao menos duas partes com posicionamentos opostos se defrontem. Esse confronto é inerente aos seres humanos, que como animais “racionais” buscam constantemente sua

autoafirmação, isso vem ocorrendo desde a idade da pedra pela demarcação de território, que é de veras, a afirmação de poder. Assim, não seria de se estranhar que durante o processo de expansão marítima da Península Ibérica, o que estava em jogo era muito mais que a simples busca por especiarias, mas o confronto em busca do poder por parte das nações que se lançaram a tal empreitada.

A busca pela legitimação do poder sempre foi bússola orientadora dos povos, é evidente que na recém “descoberta” América todos esses padrões seguiram perpetuando-se. À medida que os “exploradores”³⁰ se aproximavam das civilizações mais desenvolvidas, esse confronto tornava-se cada vez mais latente e, por uma sorte de acontecimentos, sabemos hoje quem saiu vencedor dessas disputas.

Sobre a construção de narrativas em situação de confronto cabe citar:

Há um provérbio africano que diz: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão a glorificar o caçador” (citado por Galeano, 1997). O provérbio encena um conflito permanente mediante três personagens: leões, caçadores e historiadores, ou, dito de outra maneira, os oprimidos, os opressores e os intelectuais. Ao mesmo tempo que alude a uma história delinea dois lugares e duas práticas intelectuais: o lugar e a ação dos leões e o lugar e a ação dos caçadores. Há uma outra história, de origem brasileira, que oferece uma variante interessante: um homem narra a um amigo uma aventura com uma onça. À medida que avança o relato, o ouvinte interfere reiteradamente na narrativa, o que obriga o molesto narrador a perguntar: “Você é amigo meu ou da onça?” A história da onça acrescenta um personagem, ou uma situação, à cena do provérbio africano: trata-se do intelectual que, sem ser onça ou leão, é, no entanto, amigo da onça. Aquilo que foi acrescentado é a posicionalidade do intelectual que, sem pertencer ao âmbito dos oprimidos leões, coloca-se ao seu lado e toma, se não uma identidade emprestada, pelo menos uma “consciência de onça” emprestada (ACHUGAR, 2006, p.53).

Por analogia, poderíamos considerar os vencedores como os narradores da história da disputa e, estes sempre tenderam a se glorificar. Ou seja, as narrativas privilegiam a história daqueles que legitimaram o poder em seu favor, porque os seus opositores não possuíam quem contasse a sua história. Em nosso contexto, o papel do intelectual pode ser associado à metaficção historiográfica, que antes de privilegiar uma ou outra narrativa, a história dos vencedores ou dos perdedores, respectivamente, busca o estabelecimento de uma versão crítico-reflexiva sobre a história. A reflexão empreendida, segundo os moldes da metaficção historiográfica, enfoca o período do colonialismo (século XVI) na região da América central a partir da versão narrativa estruturada pela autora do século XXI.

³⁰ Não os “benfeitores” como ficaram conhecidos os exploradores que adentravam em terras “virgens” para desbravar e dar a conhecer terras, mas a outra espécie de “exploradores”, interessados na sangria das terras, isto é, na exploração dos bens materiais (sobretudo, metais e pedras preciosas).

Sua versão não é marcada pela total desconsideração da narrativa anterior, até mesmo porque é a partir dos relatos que lhes são anteriores que a nova versão se constitui, em suma, é pela estimulação, “ressemantização” do passado que a nova versão ganha corpo. Algo chama a atenção nesse momento, se uma nova versão é aceita isso significa que existe ao menos uma versão que se oponha a esta, ou a coloque dentro do eixo da possibilidade, ou seja, da afirmação não cristalizada. Assim, observamos a obra *Malinche* (2006) segundo relações passíveis de serem estabelecidas entre a metaficção historiográfica, a partir das contribuições de Hutcheon (1991), as proposições de Todorov (2003) sobre a conquista da América e, a versão de Esquivel (2007) para a conquista.

Segundo Hutcheon (1991, p. 161), tanto a historiografia quanto a ficção decidem quais acontecimentos se converterão em fato, quais momentos merecem o devido destaque para figurar como versão, já que dentro da pós-modernidade é difícil detectar o que aconteceu ou não no passado, pois os vestígios encontrados podem significar A, B ou até mesmo Z.

É o que se pode observar na retomada do mito do deus Quetzacoatl, empreendida por Esquivel e Todorov. Esse vestígio recupera com intensidade os acontecimentos passados, observemos, então, o uso empreendido por ficcionista e historiador, nos excertos:

Habéis salido de entre las nubes y de entre las tinieblas del lugar a todos escondido. Esto es, por cierto, lo que nos dejaron dicho los reyes que pasaron, que avíades de volver a reinar en estos reinos y que avíades de sentaros en vuestro trono y en vuestra silla. Ahora veo que es cierto lo que nos dejaron dicho (ESQUIVEL, 2006, p. 126).

A história do retorno do deus Quetzacoatl, no México, é mais complexa, e suas consequências, bem mais importantes. (...) Segundo os relatos indígenas anteriores à conquista, Quetzacoatl é uma personagem, simultaneamente histórica (um chefe de Estado) e legendária (uma divindade). Em um dado momento, é obrigado a deixar seu reino e partir para o leste (Atlântico); desaparece, mas segundo algumas versões do mito promete (ou ameaça) voltar um dia para recuperar o que é seu. Cabe lembrar aqui que a idéia do retorno de um messias não desempenha um papel essencial na mitologia asteca; (...) e que apenas alguns relatos prometem a sua volta, enquanto outros simplesmente descrevem seu desaparecimento.

Ora, os relatos indígenas da conquista, (...) dizem que Montezuma tomou Cortez por Quetzacoatl, que voltava para recuperar seu reino; essa identificação seria um dos motivos principais de sua passividade diante do avanço dos espanhóis. (...) A idéia de uma identidade entre Quetzacoatl e Cortez realmente existiu nos anos imediatamente subsequentes à conquista comprovada também pela repentina recrudescência de objetos de culto ligados à Quetzacoatl. (...) Uma força deve ter intervindo para acelerar [a] transformação do mito [em certeza do retorno do deus]. Essa força tem um nome: Cortez. Ele sintetizou vários dados. (...) Os relatos (...) apresentam a identificação de Cortez-Quetzacoatl (...), para os índios da pós-conquista, isso era verossímil; ora, é certamente nisso que se baseia o raciocínio de Cortez, que procurava produzir um mito bem índio (TODOROV, 2003, p.170-1).

A autora retoma a mitologia para expor a crença do próprio Montezuma no retorno de um deus que possuía o direito ao trono, e que de fato viria do leste. Nesta versão, a escritora evidencia que os acontecimentos foram convertidos em fatos, o que acabou por levar a entrega do reino nas mãos de Cortés³¹ pacificamente, situação descrita na obra imediatamente após o fragmento destacado. Fica claro que houve uma aproximação entre Cortés e Quetzacoatl na ficção. Todorov descreve a evolução dos acontecimentos e a apropriação realizada por Cortés para que um mito fosse convertido em fato, afinal, como toda lenda, o retorno de Quetzacoatl era instável, torná-lo verossímil na versão do autor só pode ter sido logrado por Cortés. Assim, na história também é factível a aproximação entre o deus asteca e o conquistador espanhol.

Tanto o historiador quanto a ficcionista utiliza-se do mesmo acontecimento para construir versões da mesma história, porém, com uma diferença: o valor atribuído a uma e a outra. É recorrente em nossa sociedade o valor positivo atribuído ao historiador que busca os acontecimentos do passado, situação contrária ao matiz negativo destinado ao texto ficcional. Retomando a reflexão de Achugar, deparamo-nos com dois “amigos da onça”, ao perceber que a versão da história, assim como a ficcional, não está privilegiando a superioridade do conquistador, mas, destacando o artifício por ele utilizado para realizar a dominação.

A metaficção historiográfica narra a história dentro das possibilidades, ou melhor, narra o passado ficcionalmente, criando personagens possíveis, sem o compromisso de contar a “verdade”. Hutcheon (1991, p.162) propõe que os detalhes, acontecimentos e fatos do passado são selecionados para dizer aquilo que quem escreve pretende, tal afirmação é veiculada para afirmar que aquilo que ela vem “chamando de ficção pós-moderna não aspira contar a verdade”; vinte páginas antes, ao se apoiar em Aristóteles, contudo, considera: “nada impede que algumas das coisas que realmente aconteceram pertençam ao tipo das que poderiam ou teriam probabilidade de acontecer”.

Na história d’*A conquista da América*, o escritor traz alguns nomes importantes e, até mesmo, secundários para o período, que interferem no resultado histórico. O fragmento que segue é representativo:

Todos concordam em reconhecer a importância do papel da Malinche. É considerada por Cortez como uma aliada indispensável, e isto é evidenciado pelo lugar que concede à intimidade física entre eles. Apesar de tê-la “oferecido” a um de

³¹ A variação na grafia do nome de Cortés se deve à opção adotada quanto à tradução. Alguns tradutores mantem a grafia espanhola, outros traduzem.

seus tenentes logo depois de tê-la “recebido” e de casá-la com outro conquistador logo após a rendição da Cidade do México, a Malinche será a sua amante durante a fase decisiva, desde a partida em direção à Cidade do México até a queda da capital asteca (*Op. cit.*, p.145).

Nomes como os de Cortés, Malinche e Cidade do México, bem como a descrição cronológica do processo de conquista do império asteca, são fatos incontestados por qualquer historiador. De acordo com a assertiva de Hutcheon e o fragmento de Todorov, contemplamos as seguintes passagens:

(...) decidió destinar a esa india al servicio de Alonso Hernández Portocarrero, noble que lo había acompañado desde Cuba y con quien quería quedar bien (ESQUIVEL, 2006, p. 57).

Cortés y sus acompañantes fueron instalados en el palacio de Axayácatl, antiguo gobernante, padre de Moctezuma. (...) Era una construcción palaciega que maravilló a Cortés, quien, en cuanto estuvo instalado en su habitación, mandó llamar a Malinalli y fornicó desenfrenadamente con ella, como una manera de celebrar su triunfo (...) (*Ibidem*, p. 127-8).

Cuando el niño nació, Cortés celebró durante tres días. Era su primer hijo varón. (...) Pero un pensamiento oscuro empañó su felicidad: había tenido su hijo fuera del matrimonio y, además, lo había tenido con una esclava (*Ibidem*, p. 152).

Cortés eligió a Jaramillo para desposarlo con Malinalli porque, aparte de ser uno de sus hombres más preciados, era en quien más confianza tenía. Quería atar a Malinalli con Jaramillo por dos razones: para atar a Jaramillo a su voluntad y para tratar a Malinalli desde una distancia más racional, menos emotiva. De tal manera podría sacar el mejor provecho de aquella mujer sorprendentemente inteligente e imprescindible para sus planes (*Ibidem*, p. 161).

Nos excertos do texto de Esquivel, logo nos momentos iniciais do contato entre as duas personagens, Malinche é entregue a um dos aliados de Cortés para que os laços de cooperação sejam mantidos; em seguida, percebe-se o estabelecimento do relacionamento entre a nativa e o espanhol, relacionamento que, na obra, leva o conquistador a matar sua esposa; e, também, o casamento de sua tradutora com um dos homens de sua tropa de modo a garantir seu poder. Se considerarmos as palavras do historiador como factíveis e relacionarmos-las às de Hutcheon, sobre o fato de que a metaficção não tem a pretensão de demonstrar a “verdade”, mas que nada a impede de apropriar-se dos fatos, então, podemos afirmar que *Malinche* (2006) é uma metaficção historiográfica, isto é, apresenta uma versão da história envolta em ficcionalidade.

Em que metaficção historiográfica e narrativa da história se tocam? Quem narra a história? Para Hutcheon (1991, p. 136), “Na ficção pós-moderna [metaficção historiográfica], o literário e o historiográfico são sempre reunidos – e normalmente – com resultados desestabilizadores, para não dizer desconcertantes.”. Assim, o resultado de uma metaficção é

perturbador já que coloca em destaque a dúvida e não a certeza (da história), isto é, narra o poderia ter sido e não o que foi.

Nesse sentido, o texto de Esquivel é perturbador por narrar uma versão do possível que, em alguns momentos, acaba por distanciar-se ou colocar em dúvida a história que foi contada acerca da conquista do México. Um primeiro ponto é: Cortés realmente teria sido capaz de matar sua esposa depois de uma bebedeira ou de um momento de ira? Outro, bem maior, diz respeito à representação da sociedade que se constituiu após o período da “conquista” – um grupo social mestiço, uma nova “raça”, situação que dificilmente seria destacada pela historiografia tradicional.

Narra a história quem precisa contá-la, seja para manter um ponto de vista ou para colocar em jogo uma nova versão de uma narrativa já sedimentada. Nesse aspecto, os intelectuais mexicanos sentem a necessidade de elaborar uma narrativa que evidencie as características próprias de sua “nação”³². A metaficção historiográfica acaba por auxiliar a esses profissionais, que assumem a posição de “amigos da onça” construindo um discurso do entre-lugar³³ mexicano.

Muitas são as histórias. Essa é, especificamente, a de como uma História pode ser descrita não segundo verdades ou mentiras, mas por versões. Qualquer que seja o discurso, está sempre apoiado nas intenções de quem os exterioriza, seja esse um literato, um historiador ou um simples contador de causos. E também, é influenciado pelo espaço no qual é construído.

As versões históricas que foram disseminadas através dos tempos não deixaram de seguir essa regra básica, o porém é que muitas versões não foram consideradas para que se favorecesse uma verdade única apenas, e que servia para a legitimação do poder em favor de um grupo ou indivíduo. As discussões empreendidas até este ponto tentaram demonstrar que outras versões de uma mesma história podem ser aceitas, não importa qual seja a maneira como a narrativa se estrutura, o que precisa ser compreendido é a necessidade de reflexão sobre a sociedade na qual se está inserido.

Nesse patamar, a metaficção historiográfica ocupa papel singular quando possibilita empreender a construção ficcional de um momento que traz marcas singulares para a história mexicana, isto é, permite refletir acerca do processo de “conquista” da sociedade asteca, bem como, pensar de maneira diferenciada quando se coloca sob os holofotes a personagem

³² A respeito do conceito de nação Cf. BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

³³ Cf. SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 7-26, para aprofundar as discussões de entre-lugar no discurso latinoamericano.

controversa desse período. Assim, há a possibilidade de olhar de modo cambiante para a “maldição de Malinche”, e também, para civilizações que foram encaradas como inferiores para justificar o processo de dominação.

Podemos considerar que a metaficção historiográfica traz a tona possíveis conclusões que ficaram ocultas por versões anteriores, ou ainda, garante a solução dos traumas mexicanos concretizados pela prática colonialista. Ou seja, esta vertente de produção conflui para a vivência e a superação do luto³⁴ dos descendentes de espanhóis e astecas.

Consideramos, ainda, que a prática historiográfica metaficcional auxilia no desenvolvimento de sujeitos sociais “amigos da onça” que trabalham para a construção de uma história que considere a versão das onças e não apenas a dos caçadores. Mas, principalmente, converte os sujeitos mexicanos entendedores de sua identidade de “onçaleão” e capazes de construir uma narrativa do “eu” sujeito latinoamericano. Além de compreendermos que no texto de Esquivel há um projeto estético-social que vai além da literatura de entretenimento, adentrando na função social da literatura.

Possa ser que essas considerações não passem de porquês questionáveis, e que a figura de Esquivel e a sociedade mexicana não possuam qualquer relação para a compreensão do texto, mas deixar de considerar as intervenções externas que sofre a narrativa seria leviandade, vez que trabalhamos com um enredo de grande relevância para a compreensão do sujeito latino-americano, assim como, da América Latina.

2.2 Um discurso situado [que situa]

As últimas décadas vem sendo marcadas por incessante busca pela compreensão das sociedades, e, do homem de modo geral. Nesse processo, nos deparamos com um aparato científico cada vez mais especializado em que as mais diversas áreas do saber entram em concorrência na tentativa de uma explicação que seja ao menos plausível e, quando não, satisfatória. A Análise do Discurso (doravante AD), não muito alijada dessa perspectiva, desenvolve seu método de investigação a partir da análise dos discursos produzidos por formações sócio-discursivas, não sem considerar suas especificidades.

Seja por meio de considerações acerca do ethos, do interdiscurso, de formações discursivas e ideológicas ou dos discursos constituintes, caminhamos entremeio a conceitos marcadamente vinculados a este campo de investigação. Ainda jovem, porém de grande

³⁴ Cf. RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

abrangência, a AD não possui amarras densas, já que se infiltra nas brechas deixadas pelas ciências humanas, isso porque esse fazer científico transita pelos espaços discursivos, e estes estão presentes em praticamente todos os setores sociais, o que permite o adentramento desse fazer nos espaços “reservados” aos mais variados campos dos saberes, bem como da análise que está sendo desenvolvida³⁵.

Mas como tal processo se dá? Para responder a tal questionamento, precisamos definir o mais importante conceito para que uma análise do discurso se desenvolva, o discurso. A fim de aclarar esse termo podemos dizer que se trata da instância que transforma as palavras em coisas, a zona intermediária entre as palavras e coisas, ou mais detidamente considerar o posicionamento que segue:

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é língua, nem texto, nem fala, mas necessita de elementos lingüísticos para ter existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real (FERNANDES, 2008, p. 13).

O discurso³⁶ considera aspectos sociais e ideológicos das manifestações humanas, enquanto emissão de enunciados por um enunciador, que não logra expressar-se sem tornar material, elemento papável, seu posicionamento acerca de um tema através de um código. Pareceres que são carregados do ambiente social e de “coerções” ideológicas dos espaços discursivos aos quais os discursos e os sujeitos discursivos estão convencioneados, ligados. É fato, então, que a Análise do Discurso considera não apenas os textos, ao enfatizar o plano do conteúdo, trazido à tona pela investigação da linguagem, tampouco os aspectos eminentemente ideológicos, sociológicos, ao destacar a conjuntura/condições de produção. Ao contrário dos demais fazeres científicos das ciências humanas, a AD alia texto e condições de produção para o desenvolvimento de suas análises.

³⁵ Vale ressaltar que a AD não é perspectiva teórica mais importante deste trabalho, mas auxilia de modo ímpar a compreensão de alguns pontos que não seriam alcançados por uma investigação centrada apenas em uma perspectiva teórica. Logo, se não há verdades únicas/absolutas também acreditamos que não há uma teoria única/absoluta.

³⁶ Acerca do conceito de discurso e seus pares constitutivos, Cf. FERNANDES, Cleudemar Alves. “A noção de discurso: discurso, ideologia e efeito de sentido”. In: _____. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. 112 p.

Parecer semelhante a este é o defendido por Meschonnic (2009, p.22-3) em *Poética do traduzir, não tradutologia*. No referido texto, o autor tece considerações acerca da prática de tradução literária em termos de discurso, para ele não basta traduzir uma produção literária apenas em termos de língua(gem). Isso porque o ato da tradução não abrangeria a completude das interpretações possíveis, vez que uma composição escrita nunca está isenta de particularidades externas, a mais marcante destas seria a sociedade. Ora, não estaríamos diante de um trabalho que toma para si o texto aliado a conjuntura/condições de produção? Discurso, então? Nestes termos, a poética do traduzir se apropriaria de obras literárias em via de tradução como um discurso literário, e, tudo que está implicado nessa nomenclatura, para que uma tradução ocorra de modo satisfatório.

Considerar tais assertivas remete-nos a interrogação inicial de nossa discussão: como pode a AD transitar por outras áreas e, analisar até mesmo a maneira de estruturação destas? Pergunta até certo ponto retórica dada a imensa maioria das manifestações sociais serem realizadas obedecendo a um código, seja este verbal, não verbal ou multimodal, e também, estarem envoltas pelos espaços nos quais se desenvolvem, bem como, pelas “orientações ideológicas de dado período histórico. Tocamos, destarte, em ponto crucial para a Análise do Discurso, isto é, estamos a quase todos os instantes do dia, nos mais variados meios cercados por discursos, o *corpus* máximo que possibilita o desenvolvimento de uma análise por essa ciência.

Se Análise do Discurso analisa os mais diversos discursos, e estes estão em todas as partes, isso significa que essa “disciplina” poderia se desenvolver em outros espaços que não o das letras, ao mesmo tempo em que utiliza para sua prática a produção científica de outras áreas que não a ‘sua’, conhecimentos que são exigidos pelos objetos sob investigação. Assim sendo, a análise nesses moldes empreendida poderia ocorrer dentro da área da história, da sociologia, das ciências médicas, dentre outras.

Partir dos conceitos e da prática analítica da AD, bem como de seu potencial para a análise de diferentes discursos, faz com que centremos nossas discussões no desenvolvimento da análise do discurso literário, aprofundando os conceitos de ethos, interdiscurso, discurso constituinte e formações discursivas e ideológicas. Para esse aprofundamento, a obra *Discurso literário* (2012), de Dominique Maingueneau, é salutar para o desenvolvimento da análise acerca do discurso literário em seus pontos mais específicos.

Nessa obra, a mais elementar colocação de Maingueneau que confere certo destaque a produção literária no âmbito da Análise do Discurso se refere ao fato das obras literárias

serem orientadoras, (auto)fundadoras de um discurso constituinte, e como tal, ser uma instância que inscreve discursos, logo, passíveis de análise pela AD.

Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista, às voltas com um debate social, vai recorrer assim à autoridade do sábio, do teólogo, do escritor ou do filósofo – mas o contrário não acontece. Esses discursos são, portanto, dotados de um estatuto singular: zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras. Discursos-limite, situados num limite, e que se ocupam do limite, eles devem gerir em termos textuais os paradoxos que seu estatuto implica. Com eles, são formuladas em toda a sua acuidade as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do absoluto: a fim de autorizar-se por si mesmos, eles devem se propor como ligados a uma fonte legitimadora. São a um só tempo *autoconstituintes* e *heteroconstituintes*, duas faces que se pressupõem mutuamente: só um discurso que se *constitui* ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel *constituente* com relação a outros discursos (MAINGUENEAU, 2012, p. 61).

(...)

O discurso literário propriamente dito (...) busca absorver “no mais profundo de sua exposição, suas próprias estruturas teóricas, pronto a operar com elas obliquamente num nível estrutural ou a reinscrevê-las ficticiamente como seu próprio conteúdo”. É, pois, nas formas literárias que se tem de tornar manifesto o pensamento que a literatura produz. A intraduzibilidade de uma obra literária para outro plano de expressão ou para um metadiscurso estaria ligada ao fato de que – retomando os termos de Macherey – “os textos literários são a sede de um pensamento que se enuncia sem atribuir a si mesmo as marcas de sua legitimidade, pois devolve sua exposição à sua encenação” (*Ibidem*, p. 66).

Logo, o discurso literário é um discurso constituinte pelo fato de que é autoconstituente, isto é, lança as bases para sua própria legitimação, ao passo que é heteroconstituente, quando autoriza, desencadeia a manifestação de discursos outros. É o próprio discurso literário que atua na elaboração de estruturas para textos literários vindouros, sendo produtor, assim, de um modelo de construção que dita os rumos que ele mesmo deve seguir para ser um discurso propriamente literário. Deste modo, os “textos” provenientes do discurso literário, enquanto discursos de formações discursivas prioritariamente literárias delimitam o que é pertinente aos seus domínios ou não, ou seja, atua na delimitação, zona fronteira e, por isso, nem sempre tranquila, de um discurso “verdadeiramente” literário.

Correto afirmar, então, que os gêneros discursivos de quaisquer que sejam os grupos discursivos presentes na sociedade são provenientes de discursos constituintes, gêneros que buscam nessas instâncias legitimadoras os alicerces para sua configuração. Cabe lembrar, que é a partir dos discursos constituintes, enquanto discursos sujeitos a padrões sociais e ideológicos de grupos que “pensam” dentro de uma mesma estrutura, que cenas genéricas passam a ser estruturadas segundo um padrão que as autoriza como literárias, ou seja, sob as “pressões” das formações sócio-históricas e ideológicas.

Como discursos constituintes são fundadores de gêneros discursivos, aceitamos como factível a elaboração de discursos que dão conta da sociedade na qual esses discursos estão inseridos, bem como de material humano em suas relações de embate/debate diários. Ao tomar a literatura, ou melhor, o discurso literário como um discurso constituinte, concordamos que os gêneros discursivos literários são passíveis de investigação como qualquer outro discurso. E, como tais, podem/devem ser pensados, refletidos a partir dos conceitos inerentes a uma investigação analítica discursiva.

O romance *Malinche* enquanto discurso literário, e a expressão “hijos de la chingada”, envolvem o mesmo tema, isto é, discursos acerca da controversa personagem da história mexicana, Malinche. Esposa e/ou amante do colonizador espanhol Hernán Cortés, que causa sérios debates no México, principalmente quando se está em jogo o discurso construído acerca do processo de colonização do “Novo Mundo”. Nessas sendas, buscamos desenvolver uma análise dos discursos presentes nesses *corpora*, a fim de compreender como se dá a construção discursiva acerca desse período histórico, e, mais especificamente, de sua influência no constructo social atual.

Ao analisar os dois discursos nos pontos em que se tocam ou distanciam-se, pudemos colocar em relevo, por exemplo, a concepção de percurso, isto é, o que leva à transformação o sujeito-enunciador entre os pontos A e B. Tentamos compreender, assim, os sujeitos-enunciadores presentes em “hijos de la chingada”, e em:

— ¿En verdad? ¿Qué tesoros son éstos? ¿Dónde están tales cuevas?
Malinalli no quiso responderle. Dijo que no sabía. La interrupción le molestó. Le mostró que a Cortés no le interesaba escuchar nada de su religión, ni de sus dioses, ni de sus creencias, ni de ella misma. Le quedó claro que sólo le interesaban los tesoros materiales. Se disculpó y se fue a llorar al río (ESQUIVEL, 2006, p.70-1)³⁷.

Ou seja, por qual transformação esse enunciador, que coloca em destaque o mesmo tema, passou no curto espaço de cinco décadas? Um ponto é evidente, embora tratem do mesmo tema os discursos possuem algumas pequenas diferenças, que são significativas para a constituição do enunciador. Ademais, a faculdade de se colocar um discurso em relação com o outro é importante, pois um discurso não se constituiria se não considerasse outro que a ele se opusesse, ou mantivesse uma relação mínima de proximidade, de modo que não se constituiria um discurso, muito menos permitiria uma análise.

Na esfera da crítica literária, frequentemente, a prática teórica busca a compreensão por meio da interpretação do conteúdo presente no objeto de estudo, situação que suscita

³⁷ Apenas um recorte que permite uma relação interdiscursiva entre discurso literário e expressão.

questionamentos quanto *ao quê* o texto traz em seu enredo. A partir dos estudos desenvolvidos pela Análise do Discurso há a alteração desse questionamento, *o quê* é substituído pelo *como*, pois ao invés de se buscar interpretar o texto, tenta-se entender como os discursos sobre determinado tema são desenvolvidos nas materialidades que se tem à disposição.

Malinche e “hijos de la chingada”³⁸ são os corpora para o desenvolvimento dessa análise, que, pretende-se discursiva. Com o intuito de dar prosseguimento a análise, comecemos por tratar dois princípios norteadores de nosso trabalho: a formação discursiva e a formação ideológica. Etimologicamente o termo *formação* procede do latim *formatio,ónis* e significa: formação, ação de formar, forma, configuração; já *discursiva* é a junção de discurso + ivo, sendo que *discurso* advem do termo latino *discursus,us* e quer dizer, dentre outras possibilidades: ação de estabelecer conversação; *ideológica* < *ideologia*: ide(o) + *logia*, pelo fr. *Idéologie*, ciência que tem por objeto de estudo as idéias.

Por dedução poderíamos considerar que uma formação discursiva corresponde à ação de formar/estabelecer uma conversação, dito de outra maneira corresponderia aos atos do dizer. Seguindo a mesma lógica, a formação ideológica trataria de uma ação que busca formar idéias. Ou seja, enquanto a formação discursiva estaria ocupada pelas manifestações do dizer, do falar segundo uma forma, a formação ideológica se centraria nas manifestações das ideias que obedecem a um determinado ‘modelo’.

Para Michel Pêcheux, (...) o termo é emprestado de Foucault, mas se inscreve na rede conceitual do althusserianismo, ao qual se filia Pêcheux, que usa constantemente “formação discursiva” e “formação ideológica”. A referência aos “clássicos do marxismo” lhe permite definir a formação discursiva como “determinando *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de um discurso, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2008, p.14).

Então, para a AD a formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito sobre um dado tema obedecendo a uma conjuntura de produção segundo padrões sócio-históricos e ideológicos que estão implicados no ato da constituição, da formação do discurso. A formação ideológica, por sua parte, corresponde ao que pode e deve ser pensado pelo enunciador de um discurso, dentro das mesmas condições as quais está sujeita uma formação discursiva. Isso pressupõe que formações discursivas e ideológicas estejam imbricadas de modo que as formações discursivas estejam sujeitadas às formações ideológicas.

³⁸ A expressão em voga será discutida mais adiante com o devido rigor por ela exigido, por hora basta mencionarmos a sua relação com as marcas deixadas pelo passado colonial nos cidadãos mexicanos.

Se tomarmos os discursos como produtos de uma ou mais formações discursivas, então podemos corroborar com a assertiva de que estes são partícipes do mesmo quadro a que estas se sujeitam, deste modo os discursos são naturalizados socialmente pelas formações ideológicas que incidem sobre as formações discursivas. Trazendo essa reflexão para o discurso literário e o discurso presente na expressão em investigação, compreendemos que há forças que atuam sobre a sua constituição. Através da investigação do interdiscurso e do ethos discursivo podemos visualizar quais padrões interferem na constituição/configuração do enunciador presente em ambos os discursos. O que nos leva a concluir que a AD atua na desnaturalização, bem como na desaturização de discursos tomados a princípio somente em sua superfície.

Nessa direção, o ‘espaço entre’ no qual se estabelece a relação entre os dois discursos presente nos objetos de análise exige detimento. E, uma maior compreensão do que seja interdiscurso é necessária, já que sem ela não podemos seguir em análise, permanecendo no espaço do senso comum, uma leitura possível, pois este possui o seu saber, mas não aquele de que se possa submeter à comprovação, como é o caso do saber científico. O interdiscurso poderia ser entendido como um discurso que é comum a um ou mais discursos, mas essa colocação é deveras superficial.

O interdiscurso, como definido por Pêcheux, lembra bem a noção de universo discursivo, como definido por Maingueneau. Reconhecer sua existência é, por um lado, uma obrigação, dado o quadro (é uma lapalissada). O conceito teoriza o “fato” de que um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos (Maingueneau, 1987, p. 120), tese que, é bem verdade que na forma de tateios, é ainda mais radicalmente defendida – ou, melhor dizendo, mostrada – por Scneider (1985): “tudo já foi dito” é seu mote fundamental (POSSENTI, 2003, p.256).

Ou ainda,

Segundo ele [Maingueneau], ‘é necessário afinar este termo [interdiscurso] muito vago para nosso propósito e substituí-lo por uma tríade: *universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo*’.

Por universo discursivo, o autor entende o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Este universo discursivo representa necessariamente um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade. (...)

Por campo discursivo, Maingueneau entende um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente etc. entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. (...)

Finalmente, Maingueneau propõe isolar *espaços discursivos*, isto é, subconjuntos de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito (*Ibidem*, p.263).

O interdiscurso observa os discursos a partir de sua constituição em relação a outros discursos, que sejam anteriores ou ocupem um posicionamento [posição] diferenciado. Como se percebe na proposta de Maingueneau, apresentada por Possenti, há uma divisão no interior do conceito para que ele se converta em meio funcional. Essa subdivisão acaba por partir de um contexto mais amplo para um mais estrito no que toca às formações discursivas, ao discurso propriamente dito. O que é ponto comum a conceituação do termo por parte dos dois teóricos se refere ao ato de mencionar que os discursos estão de algum modo, estabelecendo uma relação, seja ela explícita ou implícita, pacífica ou não.

No discurso presente na expressão “hijos de la chingada”, temos um espaço discursivo no qual se evidencia a maneira pela qual o enunciador visualiza ao seu “semelhante” na sociedade mexicana atual. Onde, pode-se perceber, estão implícitos os efeitos da coroa espanhola naquele que ficou conhecido como o “Novo Mundo”, um efeito marcadamente negativo, vez que nos deparamos com toda a carga pejorativa do termo “chingada” em solo mexicano. Essa situação será compreendida após colocarmos tal expressão em relação direta com a obra de Esquivel mais adiante.

Desta forma, no caso do romance, quando o enunciador coloca em relevo o excerto apresentado na página 65 deste texto (ESQUIVEL, 2006, p.70-1), ele está construindo um discurso que marca a expugnação das riquezas das terras recém “descobertas”, e que somente se constitui como tal porque há discursos outros aos quais ele retoma, ou melhor, se relaciona. Isto é, só há possibilidade de constituição de um discurso acerca do derrame das riquezas materiais do “Novo Mundo”, porque há outros discursos, enunciados que dão conta do mesmo processo.

Com enfoque ainda na relação interdiscursiva, vale ressaltar, o seguinte enunciado:

[Fala de Malinche] A ti, madrecita, te pido que seas su reflejo, para que al verte, se sientan orgullosos. Ellos, que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres —la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena y la sangre del medio oriente (...) No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son inferiores, que no valen y acepten el maltrato y la violencia como único merecimiento. Procura que no conozcan la traición ni el odio ni el poder ni la ambición. Aparécete en sus sueños para que impidas que se instale en su cabeza el sueño de la guerra, ese sueño de locura colectiva, ese doloroso infierno. (...) Eso es lo que te pido, gran señora. Fortalece el espíritu de la nueva raza que con nuevos ojos se mira en el espejo de la luna, para que sepa que su presencia en la tierra es una promesa cumplida del universo (*Ibidem*, p. 186).

Momento no qual o enunciador evidencia que o contato entre diferentes “povos” pode não gerar um fruto “amaldiçoado”, que há algo de bom proveniente dos estrangeiros que vem

de além-mar, ponto expresso pelo léxico *nem*, funcionando como uma conjunção alternativa, que aponta para a constituição de uma nova raça que não sendo espanhola ou asteca, não deve se “sentir inferior”, assertiva marcada pelos seguintes enunciados: “Ellos, que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres” e “No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son inferiores”. Há, ainda, a percepção de um discurso que prima pela não sujeição, mas que de modo algum motiva o ódio ou a violência, perceptível por: “No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son (...) Aparécete en sus sueños para que impidas que se instale en su cabeza el sueño de la guerra, ese sueño de locura colectiva, ese doloroso infierno.”

Em “Eso es lo que te pido, gran señora. Fortalece el espíritu de la nueva raza que con nuevos ojos se mira en el espejo de la luna, para que sepa que su presencia en la tierra es una promesa cumplida del universo” ao relacioná-la com as primeiras considerações acerca do recorte analisado, se percebe que o enunciador entende a nova raça, constituída a partir do contato com o estrangeiro, não de modo negativo, mas positivo, posto que ao clamar aos deuses se pressupõe que o clamor busque a “revelação” da verdade, daquilo que é bom (isso ao menos no mundo cristão). Nesse sentido, ao enunciar essa nova raça como “uma promessa cumprida do universo” o contato com o que é estrangeiro não é o signo do maléfico. Contudo, o não-dito também se faz presente pelo dito nesse discurso, trata-se do fato de essa “nova raça” se sentir de algum modo inferiorizada ou como signo da imperfeição.

Ao tomar a expressão “hijos de la chingada” de uso corrente na sociedade mexicana precisamos desmembrá-la para chegar a sua significação nos aspectos exigidos por essa análise. Destarte, “chingar” pode ser empregado de maneira positiva, evidenciando o quão bom alguém é em determinada situação, por exemplo, se afirmamos “Pepe es mucho chingón em sus que haceres” estamos concluindo que ele é muito bom nas atividades que ele desenvolve. Contudo, podemos apreender a significação negativa que remete ao ato da sujeição sexual propriamente dita da mulher pelo homem, assim que escutaremos muito facilmente: “Él la chingó ayer por la tarde”, mas nunca “Ella chingó al muchacho”.

Continuaríamos descrevendo uma infinidade de exemplificações em torno do emprego positivo ou negativo de “chingar”³⁹, no entanto, o que nos importa é o seu emprego dentro da expressão que ora analisamos, que não por acaso possui conotação sexual e, também, sócio-histórica dentro da sociedade mexicana. Então, quando um mexicano brada: “tu eres un hijo

³⁹ As acepções para a palavra Chingar podem ser encontradas no dicionário online The free dictionary, disponível no endereço: <http://es.thefreedictionary.com/chingar>.

de la chingada” ele não está sendo nenhum pouco amigável, ao contrário, está no auge da ira e considerando ao outro pior que “un hijo de puta”, como segue:

[...] se puede contestar a la pregunta ¿qué es la Chingada? La Chingada es la Madre abierta, violada o burlada por la fuerza. El "hijo de la Chingada" es el engendro de la violación, del rapto o de la burla. Si se compara esta expresión con la española, "hijo de puta", se advierte inmediatamente la diferencia. Para el español la deshonra consiste en ser hijo de una mujer que voluntariamente se entrega, una prostituta; para el mexicano, en ser fruto de una violación (PAZ, 1998, p. 33).

Tudo isso porque essa expressão retoma o período inicial da dominação espanhola, que foi também a dominação das indígenas, ou seja, “hijos de la chingada” remonta a própria violação da mulher mexicana, que ao fim de tudo ainda é amaldiçoada, considerada traidora de seu povo. Em síntese, essa expressão possui relação direta com Malinche, a escrava asteca acusada por todos de contribuir de modo intenso com o processo de exploração espanhol, de se abrir ao outro, como vemos nas palavras do autor:

Por contraposición a Guadalupe, que es la Madre virgen, la Chingada es la Madre violada. Ni en ella ni en la Virgen se encuentran rastros de los atributos negros de la Gran Diosa: lascivia de Amaterasu y Afrodita, crueldad de Artemisa y Astarté, magia funesta de Circe, amor por la sangre de Kali. Se trata de figuras pasivas. Guadalupe es la receptividad pura y los beneficios que produce son del mismo orden: consuela, serena, aquieta, enjuga las lágrimas, calma las pasiones. La Chingada es aún más pasiva. Su pasividad es abyecta: no ofrece resistencia a la violencia, es un montón inerte de sangre, huesos y polvo. Su mancha es constitucional y reside, según se ha dicho más arriba, en su sexo. Esta pasividad abierta al exterior la lleva a perder su identidad: es la Chingada. Pierde su nombre, no es nadie ya, se confunde con la nada, es la Nada. Y sin embargo, es la atroz encarnación de la condición femenina.

Si la Chingada es una representación de la Madre violada, no me parece forzado asociarla a la Conquista, que fue también una violación, no solamente en el sentido histórico, sino en la carne misma de las indias. El símbolo de la entrega es doña Malinche, la amante de Cortés. Es verdad que ella se da voluntariamente al Conquistador, pero éste, apenas deja de serle útil, la olvida. Doña Marina se ha convertido en una figura que representa a las indias, fascinadas, violadas o seducidas por los españoles. Y del mismo modo que el niño no perdona a su madre que lo abandone para ir en busca de su padre, el pueblo mexicano no perdona su traición a la Malinche. Ella encarna lo abierto, lo chingado, frente a nuestros indios, estoicos, impasibles y cerrados. Cuauhtémoc y doña Marina son así dos símbolos antagónicos y complementarios. Y si no es sorprendente el culto que todos profesamos al joven emperador —"único héroe a la altura del arte", imagen del hijo sacrificado— tampoco es extraña la maldición que pesa contra la Malinche. De ahí el éxito del adjetivo despectivo "malinchista", recientemente puesto en circulación por los periódicos para denunciar a todos los contagiados por tendencias extranjerizantes. Los malinchistas son los partidarios de que México se abra al exterior: los verdaderos hijos de la Malinche, que es la Chingada en persona. De nuevo aparece lo cerrado por oposición a lo abierto (*Ibidem*, p. 35-6).

Nessa perspectiva Malinche é a própria representação de todo o mal que se abateu sobre o México, é “la chingada” que apesar de ser passiva como Guadalupe não é digna de “perdão” pois “não demonstrou” qualquer meio de resistência ao explorador. A expressão deixa evidente todo o signo da amargura que reverbera em solo mexicano. Pela abertura “complacente” ao seu “chingón” Malinche escancarou as portas de sua nação para a expropriação não apenas de riquezas materiais, mas, sobretudo, da honra, do orgulho nacional, do não sujeitar-se ao outro segundo o que se pode inferir das palavras de Paz (1998).

Observamos, nesse intervalo de tempo, a fundamentação sócio-histórica negativa de “hijos de la chingada”, onde o dito deixa evidente o não-dito, ou seja, todos são considerados por todo o percurso filhos amaldiçoados de uma “violada”, no entanto, ninguém aceita sê-lo, tendo em vista que a expressão, empregada em tais moldes, é extremamente ofensiva. É preferível ser um “hijo de puta” que se entrega voluntariamente a um homem a um “hijo de la chingada” quando se adota a conotação dada a Malinche, que mesmo tendo “consciência” de sua violação se entrega sem resistir, sem deixar evidente o desconforto e o mal que todo aquele cenário exprime. A Malinche esboçada por Esquivel, quando está em foco esta questão, reverbera-a até certo ponto, pois ela também se entrega em determinado momento do texto, mesmo possuindo consciência do processo que se desenha. Talvez a diferença entre a Malinche “real” e a “ficcional” esteja no campo das possibilidades, vez que é possível que “real” não tenha tomado a consciência que a “ficcional” toma nos momentos finais (tanto texto quanto vida).

Todavia, se relacionarmos esse contexto com o mito de Lilith e a figura de Eva em nação marcadamente cristã encontraremos certa discrepância de posicionamento. Lilith⁴⁰ é considerada a mulher como signo do mal por não aceitar sujeitar-se sexualmente a Adão, isto é, ela é má porque se insubordina e sofre consequências funestas por sua postura. Eva por sua vez é a personificação da subordinação⁴¹, mas mesmo assim, achincalhada por comer o fruto proibido e induzir Adão ao mesmo. Ora, não importa se ocorre subordinação ou insubordinação em questões sexuais, o que ocorre é que a mulher é sempre o signo do mal, sendo responsável pela “desgraça” que acomete aos homens e a sociedade.

⁴⁰ Segundo os textos da sabedoria rabínica foi a primeira esposa de Adão, mas por não aceitar ser inferiorizada por este em questões sexuais é abolida do paraíso, tornando-se a personificação do mal, que tenta à Eva através da figura da serpente.

⁴¹ Quanto à questão de se sujeitar sexualmente para obter certo benefício para um grupo [embora possamos compreender que essa não era a intenção do povo híbrido mexicano atual quando se tem em mente Malinche], isso muito em parte às reflexões realizadas até este momento, lembramos de Bola de Sebo, personagem da obra de Guy de Maupassant, que após atender aos anseios do grupo com o qual viaja para se “deitar” com um oficial prussiano [lembrar da guerra entre França e Prússia por volta de 1880] é “discriminada” por aqueles que a incentivaram, em verdadeiro ato de não reconhecimento/ingratidão.

Transmitamos tudo isso para a sociedade extremamente patriarcal que é o México atual. À época da dominação espanhola, veremos claramente que não importaria quem Malinche fosse quando se considera questões sexuais de violação ou não, ela seria sempre apontada como a personificação da traição, afinal, é a figura masculina que sempre detem o poder e, conseqüentemente, a bondade. Deste modo, compreendemos o porquê do homem mexicano ser considerado o protetor da altivez mexicana, mesmo quando é sabido que Montezuma também não resistiu às investidas da coroa espanhola, sob a figura de Hernán Cortés, ao contrário, ele também se abriu ao passo que abria o império Asteca e seu povo para a “exploração”.

“Hijos de la chingada” que deixa evidente o pensamento de repúdio ao estrangeiro, ao que é proveniente daquele que é estrangeiro. Não aceitar ao estupro e ao que Malinche representa significa rejeitar ao outro que não é semelhante e que surgiu como signo da exploração. Deixa marcada a sensação de um grito por liberdade/independência, talvez, a tentativa de uma não mais subjugação, subordinação pelo outro. O que acaba por resultar na não aceitação dos ditames estrangeiros, pois estes [estrangeiros] são encarados como o signo de todos os males locais. Uma liberdade que assume um matiz diferente, vez que ao mesmo tempo em que prima pelo reconhecimento da necessidade de independência em relação ao outro acaba por negar aquilo que de positivo surgiu pelo processo de violação e, por assim afirmar, da aproximação entre as culturas, tal expressão ressaltaria apenas o aspecto negativo da aproximação espanhola.

Por meio do interdiscurso, podemos inferir alguns traços da constituição da identidade do sujeito-enunciador presente nos discursos, pois estes estão marcados pelo ranço deixado pelo processo de colonização que explorou profundamente os territórios desses sujeitos, afinal o levante das riquezas e, por consequência, dos valores morais e éticos presentes nos dois discursos não aparecem de modo gratuito nos enunciados. Ademais, é possível mencionar uma identidade multifacetada ao demonstrar sujeitos outros, que não apenas os enunciadores dos discursos analisados, divididos quanto à interferência estrangeira. Isso porque há, ao menos, duas possibilidades de entendimento quanto a essa interferência, uma que repudia violentamente o que é estrangeiro, quando não aceita tudo o que foi trazido pela violação de Malinche (discurso da expressão popular, que ganha fôlego na década de 50), e outra que demonstra um passo positivo do contato (o discurso literário de 2006).

Mas o que leva os discursos acerca do processo de colonização na América “Espanhola” do ponto A ao ponto B? Quiçá a transformação ocorrida no pensamento

latinoamericano, nas últimas décadas, possa dar conta dessa reconfiguração de sentido. O movimento denominado, por alguns, como modernidade tardia e, por outros, pós-modernidade, desencadeou na América Latina diversos estudos que são marcados, sobretudo pela busca de uma identidade que não mais “baixe a cabeça” para o que é estrangeiro, tampouco ignore as contribuições, os aspectos positivos que podem ser apreendidos dessa relação que começou a se estruturar ainda no período colonial. Talvez toda América Latina esteja deixando o ódio irascível por aqueles que saquearam suas riquezas no período colonial, por uma postura mais reflexiva, em um momento pós-colonial.

Quando mencionamos a identidade por meio do interdiscurso, estamos concordando que seja possível constituir/configurar o enunciador presente nos discursos. Nesse caso, o ethos discursivo se converte em material eficiente para tal empreitada, isso porque torna possível apreender a “imagem de si” no discurso, não do autor ou do locutor- λ , mas do locutor-L (enunciador). Uma imagem que não se desvencilha de sua conjuntura de produção, pois qualquer que seja o texto/discurso este se constrói de uma dada sociedade, que por sua vez possui uma história, ambas interferindo na imagem final que se terá do sujeito-enunciador. O ethos discursivo, nessa configuração, permitiria apreender questões sócio-históricas e ideológicas que interfeririam na constituição dos sujeitos-enunciadores dos discursos em análise. No entanto, o mais importante nesse momento é caracterizar a identidade desse sujeito-enunciador.

A expressão popular “hijos de la chingada” já era circulante no México desde antes da década de 50, mas ganha expressão no ano de 1950 com a publicação das reflexões de Paz no livro *El laberinto de la soledad*, em meio a um México mergulhado em um período de conflitos armados e, por conseguinte, crises políticas, econômicas e sociais. Vale ressaltar, que a América Latina passava por um período de distanciamento às influências estrangeiras⁴². Lembremos dos movimentos comunistas que ganhava força por meio das figuras de Che Guevara e Fidel Castro, este último, inclusive, passou uma estadia em terras mexicanas. A sociedade mexicana não se diferenciava nesse ponto⁴³ e passava por um período no qual os homens tendiam a adotar uma postura que ao mesmo tempo em que buscava se distanciar do exterior, representado principalmente pelos EUA, voltava os olhos para seu interior/cultura. Alguns poucos, como é o caso de Paz, de modo mais reflexivo e crítico.

⁴² Isso é um tanto controverso, pois ao mesmo tempo em que buscava esse distanciamento também era influenciado, visto que o movimento comunista possui suas bases na Europa (URSS – União Soviética).

⁴³ Recordemos a expressão artística de Diego Rivera e Frida Khalo.

No caso do discurso em questão, a construção discursiva traz a figura de um fiador que se coloca como um agente social marcado pelos efeitos maléficis do domínio da corte espanhola em terras correspondentes ao atual México, conclusão a que se chega, sobretudo, pelo adjetivo “chingada”, que se sabe possui ampla relação com aquela que foi a tradutora do colonizador espanhol Hernán Cortés responsável pela exploração dessa porção de terra. É, principalmente, por esse adjetivo associado à carga sexual negativa que denota, que se constrói um fiador, possuidor de um tom rancoroso e que nutre ódio pela figura de Malinche. Encarada nesse entremeio como figura traidora de seu povo, digna de ser amaldiçoada/negada vez que “entrega” para os espanhóis tudo o que deveria ser mantido sob proteção. Maldição e malefícios que seguiram como concepções arraigadas nos descendentes “Hispano-Astecas / Asteca-Hispanos” através dos tempos até a escrita das reflexões de Paz e atualidade.

Já o romance *Malinche*, foi escrito por Laura Esquivel em 2006. Trata-se de uma obra escrita no México contemporâneo às voltas com todas as questões inerentes à constituição do sujeito pós-moderno⁴⁴, bem como de um mundo cada vez mais globalizado em que as distâncias se aproximam, e, aquilo que é estrangeiro parece cada vez mais familiar.

No que tange ao romance como um discurso literário, deparamo-nos com a constituição de um sujeito-enunciador mais complexo, bem como um fiador que se elabora discursivamente de modo mais detido. Na primeira citação de *Malinche*, estamos diante de ‘uma imagem de si’ pautada pela fragilidade, com um fiador que chora diante da recusa de compreensão por parte do “outro”. Já no último recorte, até este ponto, o sujeito-enunciador é representado por um fiador esclarecido, consciente do novo estatuto das relações entre os povos, primordialmente, quando se constrói os seguintes enunciados: ‘son la mezcla de todas las sangres’ e ‘No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son inferiores’. O tom apresentado pelo discurso é apaziguador de conflitos, mas não prioriza a subserviência de uns em relação aos “outros”.

É possível afirmar que esse tom apaziguador de conflitos, expresso pelo enunciado: “Aparécete en sus sueños para que impidas que se instale en su cabeza el sueño de la guerra, ese sueño de locura colectiva, ese doloroso infierno”, seja inerente aos padrões culturais da contemporaneidade que buscam a consolidação de uma sociedade menos desigual e, conseqüentemente, mais justa.

Considerando o exposto, podemos concluir, sem finalizar, que a constituição de uma formação discursiva e, mais especificamente, de um discurso possui uma relação de

⁴⁴ A respeito do sujeito pós-moderno, Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

interdependência centrada na tríade: discurso ⇔ ideologia ⇔ identidade. Onde, a imagem de si presente no discurso, marca a própria conjuntura de produção da obra – seu aspecto sócio-histórico, e principalmente, ideológico – o que interfere na constituição/configuração da identidade do sujeito-enunciador, isto é, a identidade deste se torna passível de apreensão através de seu discurso, pelo ethos discursivo em desenvolvimento; identidade, também, depreendida por uma análise centrada no interdiscurso.

Percebemos que a identidade do sujeito-enunciador presente nos dois discursos analisados, é marcada pelo cenário histórico característico da constituição do Estado mexicano, cabe mencionar, a progressão temporal dos efeitos da colonização espanhola. Acontecimentos que apesar de terem ocorrido no século XVI continuam sendo retomados de tempos em tempos nos discursos mexicanos das mais distintas áreas⁴⁵.

Defrontamo-nos com uma sociedade que traz alguns sinais que lhes são característicos. Quando estes são expandidos para um contexto mais amplo são tratados por Santos (2007, p. 4), como a progressão moderna de um pensamento limitante e que assume proporções mundiais, o pensamento abissal. Segundo o autor, um pensamento com bases nas linhas cartográficas que dividiram o mundo, ainda, no período colonial, que vai muito além da instauração de um sentimento de inferioridade, relegando ao outro lado da linha o espaço da inexistência, invisibilidade (principalmente, as nações do “lado de cá” do Atlântico). A alteração desse estatuto abissal para um pensamento pós-abissal (*Idem*, p.22-3) ocorreria quando se construísse uma relação baseada na ecologia de saberes, assim como, na co-presença, isto é, conseguir pensar tomando como norte a posição ocupada pelo outro, valorizando a pluralidade, e um pensamento que não seja excludente, centrado na cooperação entre as partes, respectivamente.

Os discursos analisados ao longo dessa discussão, diante da ideia concebida por Santos, são partes constituintes de formações discursivas que evidenciam tanto o dito quanto o não-dito acerca do processo de colonização do México. São, ainda, formações discursivas que estão sujeitas à interferência de formações ideológicas, isto é, ao modo como o pensar sobre o dito processo foi instaurado. Em princípio, um discurso popular envolto por uma formação ideológica inerente ao pensamento abissal e, posteriormente, um discurso literário, estruturado segundo uma formação ideológica que manifesta um pensamento mais pós-abissal.

⁴⁵ OCHOA, Amparo & PALOMARES, Gabino. ‘La maldición de Malinche’. 1975. Disponível em: <<http://lenguaeempalibertad.blogspot.com.br/2010/10/palomares-gabino-la-maldicion-de.html>> Acesso em: 15 de agos. de 2013; ou, TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Até o momento, observamos a configuração de dois discursos acerca da colonização do “Novo Mundo”. Por esse caminho tivemos a oportunidade de visualizar como os discursos tratam esse período histórico e a influência por ele exercida na contemporaneidade. Para isso, nos apoiamos principalmente em conceitos inerentes à prática teórica da Análise do Discurso, que nos permitiu tecer um quadro acerca de como é possível apreender a figura do sujeito-enunciador a partir da prática discursiva por ele desenvolvida.

Nesse ínterim, percebemos sujeitos-enunciadores que se não são verdadeiros, ao menos permitem construir uma imagem de sujeitos reais marcados pelas duras penas impostas pelo período de colonização. Sujeitos que se encontram divididos diante de um quadro sócio-histórico e ideológico que os impulsionam para uma relação dúbia frente ao que é estrangeiro, ora negativa, ora positiva. Não paira qualquer dúvida, no entanto, sobre a questão da interferência cultural do europeu sobre essa sociedade, basta ter em vista que discursos quanto ao tema tem sido produzidos com certa frequência no México.

Discorremos acerca de discursos nacionais mexicanos, e chegamos à conclusão pontual de que o europeu deixou marcas inapagáveis na civilização que se desenvolveu, e, não sabe se odeia ou ama seus antepassados, bem como, lidar com o elemento externo. Isso não significa dizer que também tenhamos apagado nossas cicatrizes, ou sejamos possuidores de uma identidade sem máculas, ou ainda, sujeitos-enunciadores mais resolvidos quanto a nosso próprio discurso acerca de nós mesmos. Basta analisar mais detidamente a canção “Chegança”:

Sou Pataxó,/sou Xavante e Cariri,/Ianonami, sou Tupi/Guarani, sou Carajá./Sou Pancararu,/Carijó, Tupinajé,/Potiguar, sou Caeté,/Ful-ni-o, Tupinambá./Depois que os mares dividiram os continentes/quis ver terras diferentes./Eu pensei: "vou procurar/um mundo novo,/lá depois do horizonte,/levo a rede balançante/pra no sol me espreguiçar"./eu atraquei/num porto muito seguro,/céu azul, paz e ar puro.../botei as pernas pro ar./Logo sonhei/que estava no paraíso,/onde nem era preciso/dormir para se sonhar./Mas de repente/me acordei com a surpresa:/uma esquadra portuguesa/veio na praia atracar./De grande-nau,/um branco de barba escura,/vestindo uma armadura/me apontou pra me pegar./E assustado/dei um pulo da rede,/pressenti a fome, a sede,/eu pensei: "vão me acabar"./me levantei de borduna já na mão./Ai, senti no coração,/o Brasil vai começar (FREIRE & NÓBREGA, 1997).

Perceberemos que nossa identidade assim como a mexicana possui alguns percalços que precisam ser resolvidos tomando como ponto de partida as relações sócio-históricas e ideológicas provenientes ainda do período de colonização. Podemos compreender que ao mesmo tempo em que um discurso é situado por uma dada sociedade, ele também a situa, já que traz em si os elementos constitutivos desta.

Nessa perspectiva, percebemos não apenas no México, mas na América Latina de modo geral, um movimento em direção à compreensão de si, de seus aspectos socioculturais. Uma compreensão que possui larga relação com os discursos que são construídos por nós e sobre nós, e que revela o nosso grau de aproximação independente, porém não excludente, quando observamos frente a frente o nosso dominador.

É ali e lá⁴⁶ que se pode encontrar e ser analisada a singularidade do latino-americano (...). Quanto mais o personagem eleito pela singularidade se distancia do modelo europeu, mais afia os dentes da retórica para se aproximar do original. Quanto mais afia os dentes da retórica para se aproximar do original, mais exhibe a singularidade latino-americana, vale dizer, a sua *autêntica* originalidade nos contextos ocidental, continental e nacional (SANTIAGO, 2006, p. 30).

Isto é, quando analisamos nossas reflexões sobre o que se diz sobre nós acabamos por perceber que por mais que nós busquemos um discurso “libertador” para a América Latina, ainda estamos presos a questões sócio-históricas e ideológicas que nos aprisionam, orientando o nosso ser (atual) e estar no mundo contemporâneo. Contudo, isso nos torna únicos, como pudemos observar nas palavras de Santiago, mostra ao mundo a autêntica América Latina que somos/temos/construímos.

2.3 A detecção de uma voz

A construção das personagens da obra ora analisada obedecem a um padrão que evidencia o caráter opressivo e de controle, caracterizado pela orientação do pensamento que, por sua vez, é dirigido pelo sistema, pela estrutura social na qual estas personagens fazem parte do todo. Apontamos, ainda, para a legitimação do poder baseada em questões de gênero, pois há o privilégio das entidades masculinas em detrimento dos demais grupos sociais, já que os direitos fundamentais de livre escolha, dos últimos, foram cerceados ao longo do enredo. Ademais, de uma relação entre gêneros fundada não apenas no masculino e no feminino, mas, sobretudo, no contexto sócio-histórico no qual as personagens se encontravam em contato.

Entramos, destarte, na discussão da culpabilidade da personagem Malinche no que tange à derrota da civilização asteca, bem como a sua responsabilidade na quase aniquilação dessa civilização, perpassando pelas vozes que auxiliaram no processo de dominação que subjugou os povos nativos da América Central e que gerou tal discussão. É sabido que, na

⁴⁶ Expressão que assume o caráter de qualquer nação da América Latina, em qualquer parte. Contudo, apesar dessa aproximação latino-americana aparente, cada grupo possui suas especificidades.

história “oficial”, Malinche é considerada culpada pelo ocorrido à época da colonização devido às orientações que ela deu a Hernán Cortés. Na obra de Esquivel, tal quadro se reflete quando Malinche compreende que teve uma parcela de culpa pelo que aconteceu a seu povo, ao entender a sua participação nas práticas de Cortés. Observemos o conflito pelo qual passa a personagem:

Pensó en los momentos en que la boca de Cortés y su boca fueron una sola boca y el pensamiento de Cortés y su lengua una sola idea, un universo nuevo. La lengua los había unido y la lengua los separaba. La lengua era la culpable de todo. Malinalli había destruido el imperio de Moctezuma con su lengua. Gracias a sus palabras, Cortés se había hecho con aliados que aseguraron su conquista. Decidió entonces castigar el instrumento que había creado ese universo (ESQUIVEL, 2006, p. 165).

Malinche compreende que sua língua fora a culpada pela destruição do império de Montezuma, ferir a própria língua adquire um matiz simbólico, significa punir-se pelo sentimento de culpa, pelas vidas que foram ceifadas. A língua, como órgão humano, é utilizada, em todo o texto, como representação da característica, da função daquela escrava. Pois ser a “língua” representava ser a intérprete de Cortés. Mas se Malinche era a intérprete de Cortés, a voz, as palavras que saíam de sua boca não eram suas, eram do viajante conquistador, e representavam os interesses desse homem e de tudo/todos aquilo/aqueles que ele representava. Malinche era apenas instrumento, canal eficiente de transmissão do pensamento de Hernán.

Cortés sabe a importância de dominar o idioma local para obter êxito no processo de conquista, não é de graça que promete a liberdade para Malinche, desde que ela atuasse como a “língua”. Cortés

Desde pequeño había desarrollado la seguridad en sí mismo por medio de la facilidad que poseía para articular las palabras, entretrejerlas, aplicarlas, utilizarlas de la manera más conveniente y convincente. A todo lo largo de su vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que un buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado. ¿Cómo podría utilizar su mejor y más efectiva arma ante aquellos indígenas que hablaban otras lenguas?

(...)

Cortés sabía que no le bastarían los caballos, la artillería y los arcabuces para lograr el dominio de aquellas tierras. Estos indígenas eran civilizados, muy diferentes a aquellos de La Española y Cuba. Los cañones y la caballería surtían efecto entre la barbarie, pero dentro de un contexto civilizado lo ideal era lograr alianzas, negociar, prometer, convencer, y todo esto sólo podía lograrse por medio del diálogo, del cual se veía privado desde el principio (*Ibidem*, p.41-2).

Assim, quando Cortés toma ciência da facilidade que Malinche possuía para articular as palavras, para estabelecer a comunicação, não em um, mas em vários idiomas, vê suas possibilidades se alargarem. A mulher escrava é sua propriedade e não hesita em acrescentar

mais uma função às suas, fazendo de Malinche a sua mais poderosa arma para a conquista. A indígena representa, para Cortés, a possibilidade de diplomacia com os povos civilizados que deveriam ser conquistados e obedecerem à corte espanhola.

Malinche tinha conhecimento sobre o poder proveniente das palavras, desde seu nascimento, a partir do batismo asteca, como que por profecia, seu pai afirma que seu percurso será trilhado pelas palavras, seu discurso terá o poder da transformação, em suma, as palavras, por ela proferidas, construiriam um Novo Mundo, uma nova maneira de compreendê-lo, maneira essa, orientada por uma nova ideologia. Diante do poder que a palavra representa para Malinche, ela sente medo, pois uma palavra não bem colocada, não bem traduzida para um ou outro idioma pode resultar em graves consequências, mas, ao mesmo tempo em que reflete o medo, ela também deixa transparecer o quanto se sente poderosa por se saber indispensável aos interesses de Cortés. Sem ela, a conquista da América poderia ter tido outro rumo, talvez os espanhóis não tivessem conseguido tantas alianças.

É fato que a escrava asteca foi o principal meio para que Hernán Cortés conseguisse estabelecer alianças com os povos inimigos do império de Montezuma. Além disso, em vários momentos, percebe-se os questionamentos feitos por Cortés a Malinche e que lhe confere munção preciosa para a conquista da civilização asteca. É na conversa com Malinche, dentro do *temascal*⁴⁷, que Cortés vê a possibilidade de se tornar o “deus” aguardado daquela civilização.

Quando Malinche percebe que Hernán Cortés se passa pelo deus Quetzacoatl para Montezuma, por mais que ela questione a veracidade dessa crença⁴⁸, ela primeiro não se manifesta, porque é a intérprete e não pode alterar o discurso de Cortés; e, segundo, porque se o próprio Montezuma crê nessa possibilidade, ela não é “nada” para colocar essa certeza em dúvida.

Diante desse fato, porque Malinche sai como a principal culpada pelo fim trágico da civilização asteca? Afinal, ela possuía ambições, desejava o poder, mas não mais que Cortés. Ela acreditou, assim como Montezuma, que Cortés realmente pudesse ser o deus aguardado para libertar Tollan e seus fiéis dos sacrifícios humanos que ela tanto repugnava. Se o erro de Malinche foi não confessar a suspeita de que Cortés já não poderia ser mais o deus

⁴⁷ *Temascal* era uma casa de banhos nativa semelhante a uma sauna visitada pelos *mexicas* para a purificação do sangue, ou purificação em sentido amplo. Acreditava-se que, após a completa purificação do corpo, o homem poderia se tornar um deus.

⁴⁸ Era corrente na civilização asteca a crença de que os espanhóis, Hernán Cortés em especial, era o deus Quetzacoatl que havia retornado para ocupar o seu trono e restabelecer a harmonia e o fim dos sacrifícios humanos no império asteca.

Quetzacoatl, muitos nativos, até mesmo Montezuma, também possuíam esta suspeita, assim, essa possibilidade não seria nenhuma novidade, ou seja, não interferiria nas decisões dos senhores do Estado. De modo que é no mínimo contraditório atribuir a responsabilidade de todos os acontecimentos a um único ator social.

Antes de determinar culpados e inocentes nessa história, é preciso recordar quem eram essas personagens, em quais contextos culturais e sociais elas estavam inseridas. Podemos afirmar, a partir da obra analisada, que Montezuma sentia-se confuso e com medo, pois temia a “vingança” e o preço que o deus Quetzacoatl cobraria por seus antepassados terem profanado seu templo com a prática de sacrifícios humanos. Diante dessa situação, não percebeu a ameaça que os falsos deuses representavam, tornando a conquista de seu império mais simples que em outros tempos. Cortés era extremamente ambicioso e seguia mais os seus instintos, a sua sede de poder, que as decisões da corte espanhola⁴⁹. Ele não se importava com o que teria de fazer para “conquistar” seus objetivos. Assim, matar, roubar e dissimular eram medidas totalmente aceitas. Malinche era escrava, mulher e indígena, ou seja, passava por três processos de opressão, bem demarcados, o que a tornava mais vítima que culpada de todo o contexto de dominação pelo qual passou a civilização asteca, além de se encontrar na parte menos privilegiada da estrutura social.

Além dessas particularidades, vale ressaltar que todas as personagens, enquanto atores sociais, estavam fora da zona de conforto a qual estavam habituados. A sociedade passava por um intenso e profundo processo de transformação, na qual as identidades, os valores e práticas socialmente instituídos eram questionados. No entanto, essas personagens continuavam presas aos sistemas internalizados resistindo ao fim previsível: a transformação era irreversível. Ou seja, a hibridização cultural era inevitável. Contudo, as maiores transformações não seriam alcançadas, a sociedade deixaria de presenciar os sacrifícios humanos para atender às exigências dos deuses astecas, mas o sistema de valores, centrado no privilégio masculino, continuaria existindo, isto é, as relações motivadas por questões de gênero, e que garantiriam a legitimação do poder em favor de um pequeno grupo, não seriam eliminadas, da mesma forma, as relações de poder baseadas na “superioridade” de uns e “inferioridade” de outros seguiria orientando a sociedade.

⁴⁹ Cortés fora perseguido pelos espanhóis por desobedecer às ordens da coroa e procurado para que sua sentença fosse cumprida, ou seja, devolução dos bens que havia se apropriado e posterior enforcamento. Além dessa situação, Cortés, na obra de Laura Esquivel, livra-se do seu “perseguidor”. Ocorre o julgamento por crimes de conquista no qual ele deve responder principalmente por atender aos seus próprios interesses e não aos determinados pela coroa espanhola.

Em consonância com as disposições presentes na obra de Esquivel, enquanto escrava, mulher e indígena, Malinche sempre foi mais uma vítima de todo o sistema que vinha estruturando-se e que foi causa da quase dizimação do povo asteca. Embora tenha, em alguns momentos, se deixado levar pela ambição e pelo poder de ser considerada por algum tempo a mulher do Senhor Malinche, não deixou de pensar em seu povo, nas atrocidades cometidas pelos espanhóis, e, não deixou de acreditar que o fim dos sacrifícios humanos aconteceria. O que Malinche sequer imaginava era que para se chegar a esse fim, os meios seriam nefastos para seu povo.

Contudo, essa personagem possuía esclarecimento suficiente para compreender o momento pelo qual o seu povo passava, tinha consciência de que seus filhos seriam reflexos de dois mundos, de duas culturas, como se percebe nas palavras do narrador de Esquivel:

Ellos, que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres – la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena y la sangre del medio oriente – ellos, que junto con todos los que están naciendo, son el nuevo recipiente para que el verdadero pensamiento de Cristo-Quetzalcóatl se instale nuevamente en los corazones y proyecte al mundo su luz, ¡que nunca tengan miedo! ¡que nunca se sientan solos! (...) No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son inferiores, que no valen y acepten el maltrato y la violencia como único merecimiento. Procura que no conozcan la traición ni el odio ni el poder ni la ambición. (...) Eso es lo que te pido, gran señora. Fortalece el espíritu de la nueva raza que con nuevos ojos se mira en el espejo de la luna, para que sepa que su presencia en la tierra es una promesa cumplida del universo. Una promesa de plenitud, de vida, de redención y de amor (*Ibidem*, p. 186-7).

Malinche se percebia, e percebia a seus filhos, dentro de um novo cenário cultural. Basta observar que ela pede a Tonantzin⁵⁰ pelo futuro de seus filhos e pelo futuro da nova civilização que se estruturava. Essa clareza de Malinche, quanto ao novo cenário cultural, pela referência feita a Cristo-Quetzacoatl, que é entendido como fundamental para a compreensão e desenvolvimento da nova sociedade que se construía, reunindo características e crenças tanto de uma cultura quanto da outra, o que representa a aceitação das duas culturas diante dos signos máximos de respeito e de aliança de cada uma das civilizações.

Deste modo, entendemos que as personagens dessa obra são resultado de um sistema socio-historicamente instituído, no qual homens e mulheres se apresentam como sujeitos provenientes de relações de gênero socialmente instituídas, assim como, de um ambiente social marcado pela “colonização”, dominação, contato cultural. Diante da possibilidade de compreender o que de fato aconteceu nesse período da história da América Latina, nos

⁵⁰ Tonantzin é a divindade feminina, a deusa mãe, parte integrante do deus da dualidade que reúne o masculino e o feminino.

obrigamos a apontar a ocorrência de grupos socialmente marginalizados pelo sistema de controle e legitimação do poder que se instituía, sendo que todos esses segmentos sociais (sejam as mulheres, os indígenas ou escravos), passaram pelo mesmo grau de “sofrimento”, isto é, todos aqueles que não pertenciam à camada social privilegiada, que não pertenciam aos segmentos: masculino e colonizador da sociedade sofreram privações, passaram por situações difíceis (talvez a mais importante seja o processo de transculturação).

Mas, diante de tal afirmação, seria possível levantar o seguinte questionamento: ao lado da civilização asteca não existiam homens, ou melhor, representantes do lado masculino da sociedade? Sim, eles existiam, mas, com a chegada dos espanhóis, perderam o seu *status* de seres masculinos para se tornarem seres inferiores, marginais. Eles passaram da condição de indígenas à condição de colonizados.

A obra de Esquivel, até o ponto no qual caminhamos, apresenta-nos uma possível compreensão sobre qual foi a história da sociedade asteca, passando pelas relações de gênero e pela influência sócio-histórica, que possuíram papel preponderante para a análise do período histórico em destaque no enredo. Nesse sentido, pelas diferentes maneiras instituídas de orientação do pensamento, que legitimam o poder nas mãos de um pequeno grupo, podemos aceitar que há uma voz, um discurso muito marcado e que caminha por todo o texto, uma voz que domina por meio das representações que realiza em benefício do grupo privilegiado pelo sistema. Não é o discurso/voz da personagem Malinche que domina, mas sim o discurso que representa borrando/confundindo/reorientando as identidades por se formarem.

_____ *Capítulo III*

O CONTATO SEMPRE POSSÍVEL

É assim que se cria uma história única, mostre um povo como uma coisa, como uma única coisa, vezes sem conta, e é isso que ele se torna.

(Chimamanda Adichie, 2009)

Un cuerpo inmóvil se limita a sí mismo, un cuerpo en movimiento, se expande, se vuelve parte del todo, pero hay que saber caminar ligero, sin cargas pesadas. Caminar nos llena de energía y nos transforma para poder mirar el secreto de las cosas. Caminar nos convierte en mariposas que se elevan y miran en verdad lo que el mundo es. Lo que la vida es. (...) pero si quieres, puedes quedarte sentada y convertirte en piedra.

(Laura Esquivel, 2006)

Um jogo de espelho que não permite ver o eu como realmente é, e sim simulacro, é o que se percebe no texto de Esquivel. Inquestionavelmente, é o contato proveniente das relações de gênero, o diálogo entre culturas, as relações passíveis de serem estabelecidas entre outridades, que não são semelhantes, porém, complementares, que dão asas à interpretação do texto, e ainda, do sistema social representado na obra.

Tentamos demonstrar que, por meio das relações de gênero, do diálogo cultural, ou da interculturalidade, é factível a língua atuar como mediadora das relações interculturais, assim como incidir diretamente na transformação de espaços mediados. Ademais de atuar não apenas nos domínios da tradução linguística, mas prioritariamente na tradução cultural, já que a personagem que dá título à obra, e é a tradutora, não atua somente no campo linguístico, possibilitando que as partes entrem em contato com aspectos culturais umas das outras. Além de se converter, e a sua descendência, em representações de uma sociedade múltipla.

Procuramos demonstrar, ainda, que a língua é um meio de poder capaz de desenvolver narrativas e contra-narrativas, sendo que narrativas tendem a perpetuar o jogo da unicidade das sociedades, com a manutenção de histórias únicas. E as contra-narrativas, ao contrário, enfatizam a heterogeneidade dos povos, além de proporcionar a reflexão sobre a natureza híbrida dos povos latino-americanos.

Nas malhas do diálogo intercultural, percebe-se a construção de narrativas outras, isto é, de narrativas que não exaltam essa ou aquela história, contudo, destacam o entremeio de ambas. Esses espaços liminares são referidos nos seguintes termos por Palermo:

Los espacios liminares así contruidos, (...) están marcados por el desdibujamiento de los límites entre lo real y lo imaginario, entre mundo y representación, (...). Por ello construyen un lugar nuevo, un tercer lugar indeterminado, en el que también se diluye el consuetudinario esquema de poder y, por eso mismo, donde las identidades se encuentran en procesos de reconfiguración.

Este “tercer lugar”, entonces, constituye (...) un campo de fuerzas en el que se actualizan las contradicciones, en el que la lucha por la hegemonía se traduce en el diseño de unos lindes simbólicos, lingüísticos, subjetivos, representacionales “otros” (...). Se trata de un espacio elusivo en el que conocer el mundo ya no significa su apropiación porque todas las reglas inventadas para ellos han caído en la vacuidad e inoperancia; es ese espacio “de la espera” en el que ya lo que era no es y en el que todo está por ser construido (PALERMO, 2004, p. 242).

Em síntese, configura-se o espaço onde ocorre o desenvolvimento de uma narrativa que dá conta dos matizes característicos da constituição da sociedade mexicana, assim como da América Latina. Lugar marcado pela interculturalidade, e que possui a capacidade de promover o desenvolvimento de uma narrativa própria, centrada nas cores e aromas locais.

Evidenciando com cores diferentes o período de colonização da América pelos espanhóis, o texto em questão nos permite visualizar, ainda, a relação existente entre aproximação e distanciamento das civilizações, bem como sua interferência na configuração sócio-histórica, ideológica e cultural dessa porção de terra.

Para tanto, desenvolvemos a ideia da resistência como parte constituinte de um cenário que enfoca o contato entre partes com posicionamentos distintos frente ao mundo; adentramos, também, em um contexto de investigação pós-colonial, adotando a língua como força motriz para o desencadeamento de um processo de resistência para os dois extremos do contato colonial. Em seguida, discutimos o potencial da produção literária como ferramenta para instauração de uma ‘nova ordem’ social na América Latina, levando em conta como esta, e o México, configuraram as suas comunidades imaginadas.

Nesse ínterim, caminhamos em busca da verdade, se é que esta existe ou existirá algum dia. O certo, em toda essa trajetória, é que permanecemos nos limites máximos de textos possíveis, e, tentando compreender o nosso objeto, perscrutamos a sociedade mexicana, o que nos levou direto a nossa formação latino-americana. Caminhamos de manso para olharmos de perto o segredo das coisas, visualizamos alguns certamente, aqueles que foram destacados para revelar todo o seu potencial transformador, mas outros ficaram perdidos.

Se nossa história é caminhar, como destacado na epígrafe, então, caminhemos nessa estrada para que não nos transformemos em pedras, sem ação ou força transformadora.

3.1 Relações de gênero como contato presumido

Pensar em relações pressupõe, imediatamente, considerar a possibilidade de contato. Para que haja contato é extremamente imprescindível que um relacionamento seja estabelecido, se não entre dois pólos fixos, certamente entre diferentes blocos instáveis de convivência. Não seria diferente no caso das relações de gênero. A existência de contato entre os dois pólos marcados, masculino e feminino somente se toma um em relação ao outro e/ou o outro em relação ao um. Vale ressaltar, contudo, que tais relações obedecem a pólos diversos, e se concretizam segundo as relações psicossociais mantidas entre os partícipes de um mesmo pólo.

A primeira afirmação a ser feita sobre as relações de gênero é sua construção baseada em circunstâncias sociais, o que permite abordar a questão da construção de identidades sociais a partir das relações de gênero como resultado das normas e práticas sociais que

legitimam o poder. Podemos afirmar que tanto os homens quanto as mulheres são atores sociais construídos dentro de padrões pré-determinados. Desse modo, concordamos com a assertiva de que as relações de gênero atuam como mantenedoras da sociedade que centra suas práticas em relações de oposição⁵¹.

Mas o que vem a ser gênero? O gênero é nada mais que construções sociais centradas na estruturação de identidades que, por sua vez, possuiria certa “relação” com o sexo, dados biológicos, e com a conceituação dos termos masculino e feminino, motivações socioculturais. As identidades, dentro de sua heterogeneidade, pautadas na força reguladora das relações de gênero, são construídas de maneira a serem considerados apenas dois pólos opostos no sistema social. A sociedade aceitaria, então, a existência do homem, como sendo essencialmente “masculino”, em oposição à mulher, que corresponderia ao extremo contrário, isto é, ao “feminino”.

Considerando o gênero como fator que participa da construção social dos atores sociais e que, na contemporaneidade/pós-modernidade, a identidade encontra-se em crise, pois se considera a existência de vários aspectos que influenciam a formação e os posicionamentos dos sujeitos sociais, aceitamos que há identidades femininas e identidades masculinas. Ou seja, consideramos que haja mulheres e homens que partilham da mesma identidade, sendo que esta independeria do sexo (termos biológicos), o que não significa dizer que estes indivíduos sejam necessariamente homossexuais, todavia fogem ao que está posto socialmente como sendo ideal para a sua condição de homem ou mulher, aproximando suas condutas/contribuições às realizadas pelo gênero oposto⁵².

Sendo o gênero uma identidade baseada em construção social, podemos afirmar que o sistema social, em geral, esforça-se para comprovar que existem papéis sociais bem definidos. Para isso, utiliza mecanismos que estimulam o desenvolvimento de homens essencialmente masculinos e mulheres com características inatas de feminilidade (isto é, mulheres que são doces, meigas, nasceram para ser mães e adoram rosas). Desde a infância, então, a sociedade

⁵¹ A sociedade sempre pautou seu sistema de valores em oposições, isto é, o pobre é comparado ao rico e a ele se opõe por não possuir as mesmas condições financeiras, a mulher é comparada ao homem e a ele se opõe por que os valores sociais tendem a privilegiar o homem em relação à mulher, ou melhor, à masculinidade em oposição à feminilidade.

⁵² Utilizamos gêneros opostos considerando o sistema de valores socialmente instituído, mas nem por isso correto, que aponta para os gêneros a partir de uma simetria que toma o sexo como determinante do gênero. O gênero feminino somente corresponderia à mulher, enquanto o gênero masculino se ligaria, necessariamente, aos homens.

realiza considerações que acabam por enquadrar os atores sociais em moldes “inadaptáveis”⁵³ às suas características particulares. Considerando a construção social da mulher enquanto ser feminino pela sociedade, afirmamos que:

Desde a infância e ao longo da vida mimam-na [a mulher], corrompem-na, designando-lhes como sua vocação essa demissão que tenta todo existente sedento de sua liberdade; se se incita uma criança à preguiça, divertindo-a durante o dia inteiro, sem lhe dar a oportunidade de estudar, sem lhe mostrar a utilidade disso, não se lhe dirá na idade adulta que escolheu ser incapaz e ignorante: assim é que é educada a mulher, sem nunca ensinarem-lhe a necessidade de assumir ela própria sua existência; de bom grado ela se deixa levar a contar com a proteção, o amor, o auxílio, a direção de outrem; deixa-se fascinar pela esperança de poder, sem *fazer* nada, realizar o seu ser. Erra ao ceder à tentação: mas o homem está mal colocado para censurar-lho, porque é ele próprio a tentou (BEAUVOIR, 1967, p. 490).

Segundo a autora, por mais que as mulheres muitas vezes se “beneficiem”, aceitem a moldura que a sociedade estabelece, não deixam de ser o produto de uma estrutura que privilegia o ser masculino. A discussão desenvolvida pela autora está pautada na construção da identidade social dos sujeitos, afirmando que é o homem o principal responsável por essa construção. No entanto, ao longo de sua produção, também aponta que os homens são vítimas do sistema por eles elaborado.

Diante de tal perspectiva em que as relações de gênero são construídas e servem de meio para a legitimação do poder, podemos considerar que as relações (o contato) estabelecidas entre Hernán Cortés e Malinche, na obra de Laura Esquivel, baseiam-se na estrutura da sociedade espanhola que consideravam dois pólos opostos nas relações de gênero. Deparamo-nos com personagens socialmente construídas dentro do sistema de valores de cada uma das culturas em contato. Malinche, sendo uma indígena asteca e escrava, deveria cuidar da plantação, da alimentação, acender o fogo, tecer e obedecer aos seus senhores, o que acaba por aproximar a civilização asteca da espanhola, as mulheres possuíam papéis pré-determinados em ambas. Interessante passagem é o momento do batizado dessa personagem dentro dos preceitos religiosos das duas culturas. No batizado asteca, observamos alguns aspectos característicos da construção cultural de Malinche, logo nos primeiros dias de vida:

Pocos días después, la niña fue bautizada por su propia abuela, pues la tradición indicaba que debía hacerlo la partera que había traído una hembra al mundo. La ceremonia se realizó a la hora en que salió el sol. La niña estaba ataviada con un

⁵³ Não há como ser mais ou menos homens ou mulheres, todos devem se encaixar perfeitamente nos moldes, mesmo que signifique a mutilação de características, estas sim inatas, de cada indivíduo. Nesse sentido, meninos se vestem de azul e meninas de cor-de-rosa, homens assistem futebol e mulheres comédias românticas.

*huipil*⁵⁴ y unas alhajas pequeñas que su abuela y su madre habían elaborado personalmente para ella, En medio del patio pusieron una palangana de barro pequeña y junto a ella colocaron una petaquilla, un huso y una lanzadera (ESQUIVEL, 2006, p. 13).

Percebemos as características da tradição cultural passada de mulher para mulher através das gerações, assim, encontramos a avó e a mãe produzindo peças artesanais para enfeitar Malinche, além de instrumentos que remetem ao universo feminino, em uma sociedade que se estrutura a partir das relações de gênero tradicionais. São instrumentos do universo feminino: a baciazinha de barro, o fuso e uma lançadeira de tear. Observando o fragmento do batizado cristão de Malinche, nos deparamos com a seguinte situação:

Ella vestía toda de blanco. No había otros colores en su vestido, pero sí volúmenes en su bordado. Malinalli sabía la importancia del bordado, del hilado y del arte plumario y había elegido para la ocasión un huipil ceremonial, lleno de significados, que ella misma había elaborado (*Ibdem*, p. 47).

A confecção de peças artesanais era um elemento característico da cultura asteca, sendo incumbido como função das mulheres, logo, no batizado cristão de Malinche, quem confecciona o *huipil* é a própria Malinche. Também é ela que, nos momentos finais da obra, aparece satisfeita em confeccionar as roupas: mantos que serão utilizados pelo filho, o que nos faz considerar o envolvimento desta personagem com as tradições de seu povo, e com as características típicas de uma mulher asteca.

Do mesmo modo, Cortés também sofre a pressão regulamentadora das relações de gênero, condição identificável em seu processo educativo, orientado pelas exigências que a sociedade impunha e as expectativas que os pais da personagem nutriam a seu respeito. Esquivel aborda esse quadro quando narra a chegada de Cortés à América e sua intenção:

Había llegado a La Española por su propia voluntad, sin pertenecer a ningún ejército u orden alguna. Lo que lo había traído, aparte de un delirio de grandeza y un ansia por conocer el mundo, era un deseo de libertad. Los constantes mimos de su madre lo ahogaban, lo convertían en un niño débil y enfermizo. Su espíritu aventurero se sentía prisionero del cerco paterno. Por otro lado, las enormes expectativas que sus padres tenían puestas sobre él eran un compromiso, un lastre cuyo peso lo atormentaba. Nunca se lo dijeron abiertamente, pero él sentía en su corazón que a sus padres les decepcionaba su corta estatura. Le faltaba altura para formar parte de una orden de caballería o un ejército. Así que le quedaban tres opciones: ser paje en la corte del rey, ser cura o estudiar una buena profesión (*Ibdem*, p.17).

⁵⁴ Vestimenta típica asteca confeccionada pelas indígenas a partir de fibras. Seus bordados são significativos, bem como, a própria forma do traje, da estrutura da vestimenta.

É evidenciado o que se esperava de um homem na Espanha: ele deveria pertencer a algum segmento das forças reais para a proteção ou expansão do império, Cortés, entretanto, não possuía as características necessárias a este grupo da sociedade, como também não possuía as aptidões para as outras três possibilidades de prestígio social no período. Dessa maneira, Hernán Cortés sentia-se frustrado por não corresponder aos padrões e às expectativas que recaíam sobre ele, tornando-se vítima das relações de gênero que esperava por um tipo específico de homem e as quais não conseguia corresponder.

Cortés também demonstra sua dependência em relação ao sistema que utiliza as relações de gênero como regulamentadoras da legitimação de poder. Isso se pode verificar quando, no batizado das indígenas que serão suas servas, sente atração por Malinche e acaba desviando o olhar, como se vê na seguinte passagem:

Cortés desvió la mirada. La fe lo elevaba, pero los ojos de Malinalli lo devolvían a la realidad, a la carnalidad, al deseo, y no quiso que el brillo de los ojos de Malinalli lo distrajera de sus planes. Estaba en medio de la misa e iniciando una empresa que tenía que respetar y hacer respetar, la cual ordenaba que ninguno de ellos podía tomar para sí una mujer indígena (*Ibdem*, p.56-7).

O fragmento apresentado deixa claro que, por mais que Cortés tivesse alguma intenção (possuir sexualmente Malinche), como ficaria comprovado posteriormente no curso do enredo, o local em que se encontravam (na missa do batizado) e as orientações sociais (era vedado se “deitar” com uma nativa), contexto e característica respeitados por Cortés, não lhe permitiriam naquele momento outra atitude que a por ele apresentada, isto é, colocar-se na posição privilegiada que lhe era conferida por ser ele o homem branco colonizador.

No entanto, se as relações de gênero instituídas (o homem colonizador deve se portar de tal forma para ser respeitado/respeitável) atuaram fortemente para que Cortés desviasse o olhar de Malinche, pois sentiu que ela poderia ameaçar seus propósitos, foi ineficiente quando Cortés, observando-a nua, não resiste ao desejo e a “possui”. No momento do coito entre Cortés e Malinche na margem do rio, Hernán é dominado pelo furor animalesco do instante. Lendo essa passagem, corroboramos com o posicionamento de Navarro (2010, p. 93), que se apoia em Herren⁵⁵ para afirmar que a conquista da América foi antes a conquista sexual das indígenas, pois grande parte do interesse dos povos europeus (homens) se encontrava no desejo pelas indígenas, o que motivou, por vezes, a violência sexual. Para a crítica, “possuir” as mulheres nativas significava para os europeus a real conquista das novas terras. Considerando essa assertiva, voltamos nosso olhar para o seguinte trecho do romance:

⁵⁵ Ricardo Herren é jornalista e escritor argentino. Escreveu *La conquista erótica de las Índias*.

La mente ambiciosa de Cortés no pudo más y quiso poseer a Malinalli y a su dios al mismo tiempo. En su mente explotó el placer, y el fuego de su corazón quiso evaporar para siempre a ese dios llamado Tláloc, a ese dios agua. Cargó a Malinalli, la sacó del agua y ahí, a la orilla del río, la penetró con fuerza. (...)
 (...) No le importaba que su pasión y fuerza lastimaran a Malinalli (*Ibdem*, p.84).

Constatamos que no momento em que Cortés penetra Malinche, ele não deseja apenas possuí-la, mas também evaporar o deus água, isso ocorre porque, ainda dentro do rio, Cortés, tentando resistir ao seu desejo, pede que Malinche fale sobre sua crença. O que ele deseja, apoiando-se em seu sistema social de valores, é extinguir o deus, a crença de Malinche à medida que “possui” a indígena. Metaforicamente, o desejo de Cortés é fazer desaparecer a crença da civilização asteca e, com isso, substituí-la por outra crença. Ou seja, minar pouco a pouco o sistema de valores da outra cultura e, assim, torná-la mais suscetível às suas investidas.

Esse contato, centrado nas relações de gênero, será determinante para a consolidação/construção da identidade mexicana, que evolui para a hibridez, no entanto, será profundamente marcada pela coerção espanhola que busca a troca dos valores locais por padrões culturais próprios. Ademais, esse contato, entendido como primeiro, será convertido em signo do mau para a civilização mexicana vindoura.

As relações de gênero instituídas são extremamente eficazes, regulando as sensações e as maneiras dos indivíduos se portarem diante dos fatos. Assim, Malinche reage da seguinte forma quando é violentada por Cortés:

Malinalli, quien por un momento había dejado de ser «la lengua» para convertirse en una simple mujer, callada, sin voz, una simple mujer que no cargaba sobre sus hombros la enorme responsabilidad de construir con su saliva la conquista. Una mujer que, lejos de lo que podía esperarse, sintió alivio de recuperar su condición de sometimiento, pues le resultaba mucho más familiar la sensación de ser un objeto al servicio de los hombres que ser la creadora de su destino (*Ibdem*, p. 85).

Malinche se deixa envolver pela atmosfera social em que homens e mulheres possuem papéis bem determinados, isto é, a personagem, em um momento de conflito, aceita a sua condição de mulher (não é preciso ser a mulher forte, de decisões sempre inquestionáveis⁵⁶, basta ser mulher e fazer o que a sociedade espera: ficar quieta). Sente-se a vontade em não ter de se posicionar perante informações que ela sabe poderem arruinar os planos de Cortés,

⁵⁶ Malinche é sempre muito decidida, ou seja, é preciso mudar de dono, então que se mude, é necessário enfrentar Cortés, sim, enfrente-se (não depõe a seu favor no episódio das denúncias de apropriação de bens da corte).

sucumbindo ao determinismo característico de uma sociedade centrada em relações que determinam à mulher ser orientada por outrem como afirma Beauvoir.

Deparamo-nos com uma mulher que, mesmo possuindo uma personalidade forte, enfrenta sua condição de serva. Sem deixar de considerar as suas crenças e os seus valores, acaba por aceitar passivamente as ações de seu “dono”, seja em suas práticas diárias contra a civilização asteca, ou no momento que ele a possui. Por todas as suas dúvidas/conflitos (contar ou não o que sabe para Cortés, falar ou não a seu povo sobre suas desconfianças), agrada à Malinche não ter de se manifestar, de pensar em todo o processo de dominação empreendida pelos espanhóis e que a deixa apreensiva como a todos os demais nativos. Situação que nos faz considerar a personagem pelos olhos de Esquivel, se isso for possível, não sob a perspectiva da vítima, mas sob a alcunha de mulher humana, resultando de todo o contexto sócio-histórico e cultural do México baixo processo de colonização.

Pode aparentar discurso de vítima, não obstante, quando nos deparamos com um contexto de colonização não há meios para fugir da opressão social. Nesse contexto, podemos afirmar, então, ser impossível estabelecer um grau de importância quando se considera diferentes formas de subjugação porque elas passam por um processo de interseção⁵⁷. Quando se discrimina uma mulher, por exemplo, esse fato não ocorre somente por que ela é mulher, pode ligar-se, também, a seu nível socioeconômico ou à sua cor.

A opressão pela qual passa a personagem Malinche possuiria três estágios: primeiro, era mulher; segundo, era indígena; e, terceiro passava por um processo de colonização. Sendo uma indígena escrava (fora vendida pela mãe) e sofrendo um intenso processo de transculturação, podemos afirmar que Malinche se encontra sob três formas de domínio, situação identificável no seguinte fragmento:

— Querías dejar de ser esclava, ¿verdad? Pues te voy a dar gusto, te voy a convertir en señora, pero no en mi señora. Estarás cerca de mí, pero no estaremos juntos. Tu sangre y mi sangre crearon una sangre nueva que nos pertenece a ambos, pero ahora tu sangre se mezclará con otro. Yo seguiré siendo tu señor, pero tú nunca serás mi señora (*Ibidem*, p. 161).

A passagem narra o momento em que Malinche questiona Cortés quanto ao retorno para junto de seu filho e propõe que ele abandone a sua ambição desenfreada para ficar com ela e Martín. Cortés lhe responde como expresso no fragmento acima, confirmando a opressão pela qual Malinche passa, pois ela continuará sendo escrava de Cortés (ele a casa forçada com

⁵⁷ Quanto ao tema, Cf. BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Madrid: Paidós, 2011.

Jaramillo, seu braço direito). A passagem demonstra ainda a sua cultura como sendo oposta a de Cortés (a mistura de sangue) e o fato de Malinche não ter o direito de decidir sobre os rumos da própria vida (sempre foi “passada” de um para outro conforme os interesses de seus donos).

Quanto ao fato de ter sido vendida pela mãe como escrava, o motivo também gira em torno das relações de gênero. Malinche faz parte do passado, como o pai dela também o fazia, de modo que a mãe necessitava de um novo marido. Era uma mulher jovem e não poderia entrar em uma nova relação carregando chamas do “fogo velho”⁵⁸. Essa necessidade é orientada pelas relações entre os gêneros e são estabelecidas pelos códigos de valores das sociedades nos quais uma mulher só alcança a felicidade, a plenitude, se estiver casada e com filhos. Malinche representava para a mãe um empecilho às suas ambições, isto é, casar-se novamente.

Outro ponto importante para as relações de gênero da obra e que rompe com essa dicotomia entre feminino e masculino é a relação entre mãe, neta e avó. As marcas do abandono de Malinche pela mãe ressoam ao longo de toda a sua caminhada, ele a faz se sentir como inferior, não compreendendo os motivos que a levou a ser tratada de modo inferior as penas de Quetzal. Nem mesmo todo o amor e dedicação da avó, cega e a ensinando enxergar com os olhos da alma, da “verdade”, foram capazes de acalmá-la nesse aspecto. Tal sinal começará a ser dissipado quando do encontro entre mãe e filha, sendo Malinche a representação não do fogo novo, e sim de novos tempos. Nesse aspecto, a ainda escrava de um sistema social, começa a se dar conta de que modo ou outro também abandonou seu filho para “seguir um homem”.

A relação entre neta e avó, marca o elo de Malinche com a tradição asteca. É a avó quem ensina a neta a desenhar códices para compreender o mistério da vida, é ela, também, a principal responsável para que a menina Malinche entenda o vínculo inquebrável dos seres humanos com os deuses e, conseqüentemente, a natureza. Ao afirmarmos que a avó ensina a neta a olhar com os olhos da alma e da “verdade”, significa dizer que a avó proporciona, à

⁵⁸ A construção “fogo velho” é utilizada em oposição a “fogo novo”. Com o passar de pouco mais de meio século, a civilização asteca comemorava a chegada do Fogo Novo, representação da chegada do ano cana (comemorado a cada cinquenta e dois anos, simbolizava o ano em Quetzacoatl, a “serpente emplumada” retornaria, lançando seus raios e montada em seu cavalo, ou seja, designava o ano em que o maior de todos os deuses asteca retornaria). Tal expressão é utilizada porque a mãe de Malinche acerta sua união com um soberano nos festejos da chegada do Fogo Novo, assim Malinche e seu pai representavam o “fogo velho” enquanto o soberano e os novos filhos que viriam a ter representavam o “fogo novo”. Essa passagem pode ser verificada na página 34 da obra de Esquivel.

futura escrava, enxergar o que está ao seu entorno com mais profundidade, são esses olhos que a faz ter certeza da verdadeira face dos espanhóis.

Em relação ao casamento de Malinche com Jaramillo, nos deparamos com dois pólos: um negativo e o outro positivo. No primeiro caso, compreendemos o contato como uma subordinação do feminino em relação ao masculino, a escrava asteca se une por ordem de seu dono, e a relação sexual mantida entre eles, a primeira ao menos, trata-se mais uma vez de estupro/subjugação. No que diz ao aspecto “positivo”, observamos o companheirismo e a cumplicidade do casal, de modo que as relações de gênero, regulamentadas pela sociedade, sofrem um abalo, pois o que ocorre entre o casal é um relacionamento pautado no diálogo. Assim, Jaramillo e Malinche, mesmo sabendo que suas culturas são diferentes, encontram um ponto de equilíbrio nos momentos de tomar decisões e de respeitar o espaço do outro, como podemos observar na seguinte passagem do romance:

Esa tarde, mientras tomaban té de hojas de naranjo, Jaramillo suspendió el tallado de una Virgen de Guadalupe que estaba fabricando para la recámara de sus hijos y preguntó:

—Marina, ¿quieres que vayamos a la misa de mañana?

—No. ¿Tú quieres ir?

—No (*Ibidem*, p. 178).

Esse momento da obra ocorre logo após uma longa descrição da harmonia em que vive o casal. A pergunta de Jaramillo introduz o diálogo que demonstra o convívio entre ele e Malinche e a forma como um respeita o outro, pois a missa é realizada todos os anos com o propósito de celebrar a queda de Tenochtitlan, a queda do povo asteca. O fato é que eles nunca participaram dessa cerimônia. Mesmo após a morte de Malinche, Jaramillo não foi a essa celebração. Essa situação demonstra uma relação de respeito e não de dominação, opressão motivada por relações de gênero instituídas.

No entanto, se considerarmos o fato do casamento ser a mais importante convenção social, como nos afirma Foucault (2005, p. 164), Malinche e Jaramillo continuam reféns do sistema social que considera as relações de gênero, pois não deixam de atender a uma exigência social. Tornando-se vítima do sistema: “(...) homens e mulheres são ambos prisioneiros do gênero, embora de modos altamente diferenciados mas interrelacionados” (FLAX, 1991, p. 229), isto é, mesmo que de maneira distinta, em maior ou menor intensidade, ambas as personagens são vítimas dos convencionalismos sociais.

Analisando a personagem Malinche, podemos afirmar que os acontecimentos que a envolvem encontram uma justificativa nas relações de gênero, que serão convertidas em contato regulador do novo sistema social que se desenhava em terras do “Novo Mundo”, o

que resulta na constituição de sujeitos sociais que serão marcados pelo matiz híbrido. Quando tomamos as relações de gênero estabelecidas entre: mãe, avó e neta, chegamos ao ponto no qual a interferência do abandono e dos ensinamentos levam Malinche a uma ação contestadora, acontecimento que transforma a ordem dos fatores no enredo, alterando o produto. É seguindo esse contato que Malinche reúne forças para ir de encontro à autoridade do colonizador; a consciência do abandono do filho será o estopim para que a personagem faça o primeiro questionamento a Cortés. Conseguir ver o colonizador como ele verdadeiramente é, fará com que ela diga cara a cara tudo o que pensa a seu respeito, e, conseqüentemente, a tudo o que Cortés representava.

Temos de concordar, no entanto, que a maioria dessas situações denuncia uma sociedade asteca e espanhola calcada em um sistema de valores orientados por relações de gênero estáticas, que privilegiam o masculino ao feminino e que auxiliam na legitimação do poder que favorece aos homens. Isso porque essas relações de gênero possuem ligação direta com o contato cultural proveniente da aproximação entre as distintas civilizações no momento subsequente ao “descobrimento”, e mesmo quando as relações se dão no espaço asteca entre mãe, neta e avó, o desfecho acabará repercutindo no contato entre “civilizado” e “não-civilizado”.

3.2 Diálogo entre culturas

Nas sendas da interculturalidade, dois conceitos incorporam um jogo dialético característico, marcado pelo ato da mediação, que não conclui sua tarefa primordial se deixar de promover transformações nos polos mediados. Na obra em discussão, a mediação se dá, sobretudo, pela manipulação do código oral, pois é por meio da dominação da língua, dentro de sua perspectiva de estabelecimento de contato entre partes, que relações nos mais variados campos tomam forma. É pela língua que alianças são efetivadas, o poder de dominação é ampliado e o diálogo entre culturas constituído. Não é difícil compreender a amplitude do espaço ocupado pela língua, quando:

A todo lo largo de su vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que un buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado. ¿Cómo podría utilizar su mejor y más efectiva arma ante aquellos indígenas que hablaban otras lenguas? (...) Cortés sabía que no le bastarían los caballos, la artillería y los arcabuces para lograr el dominio de aquellas tierras (ESQUIVEL, 2006, p. 41-2).

Assim, a língua é entendida como um mecanismo de poder muito importante para Cortés, principalmente quando este toma ciência de que não poderá fazer uso de sua característica mais fundamental. O conquistador espanhol se apercebe da falta de domínio do código local e reconhece que este é um ponto deficiente para sua ambição, já que o contato entre as partes não se dá de modo satisfatório e o processo de dominação não se consolida plenamente.

O poder retorna para Cortés por meio do domínio das línguas que é representado pelo “controle” da escrava Malinche, como já discutido anteriormente nesse texto. Uma manipulação parcial, pois a personagem aprende rapidamente com o colonizador “la sensación que generaba estar al mando. Pronto aprendió que aquel que maneja la información, los significados, adquiere poder, y descubrió que al traducir, ella dominaba la situación y no sólo eso, sino que la palabra podía ser un arma. La mejor de las armas” (*Ibdem*, p. 71-2). Ou seja, a escrava asteca, mais que o seu próprio dono, é quem possui de fato o controle da língua, é através dela que se dá a mediação entre as partes e o processo de transformação toma molde.

Tal personagem passa a ocupar papel importante para a conquista asteca, bem como, na efetivação de um cenário cultural diferenciado, marcado pelo diálogo entre culturas. Culturas que, ao mesmo tempo em que adota particularidades de cultura outra, apropria-se e transforma-a de acordo com seus próprios padrões culturais. É possível pensar, também, que a tradução linguística interfere na tradução cultural. Tomemos, então:

Aguilar só fala a língua dos maias⁵⁹, que não é a dos astecas. A segunda personagem essencial dessa conquista de informação é uma mulher [...] ‘la Malinche’. Ela é dada de presente aos espanhóis, durante um dos primeiros encontros. Sua língua materna é o nahuatl, a língua dos astecas; mas foi vendida como escrava aos maias, e também dominava a língua deles. Há, pois, no início, uma cadeia bastante longa: Cortez fala a Aguilar, que traduz o que ele diz para a Malinche, que por sua vez se dirige ao interlocutor asteca. Seus dons para as línguas são evidentes, e em pouco tempo ela aprende o espanhol, o que aumenta sua utilidade (TODOROV, 2003, p. 144).

As dificuldades de tradução são também direcionadas na obra ficcional, tendo em vista que se iniciam os conflitos inerentes à prática da tradução. Logo após dominar o espanhol, mais que traduzir palavras, era preciso que as traduções despertassem significados para ambas as partes, aqueles que dominavam o *nahuatl* e os que tinham o espanhol por língua materna. Contudo, quando se aborda a construção da significação está-se traduzindo culturas e a si

⁵⁹ A língua dos maias recebe a mesma denominação da “etnia”.

mesmo, e como isso é possível no contexto que se desenhava? A tradutora, diante de sua função e importância, entra em conflito:

Ser “la lengua” era una enorme responsabilidad. No quería errar, no quería equivocarse y no veía cómo no hacerlo, pues era muy difícil traducir de una lengua a otra conceptos complicados. Ella sentía que cada vez que pronunciaba una palabra uno viajaba en la memoria cientos de generaciones atrás. Cuando uno nombraba a Ometéotl, el creador de la dualidad Ometecihli y Omecihuatl, el principio masculino y femenino, uno se instalaba en el momento mismo de la Creación. Ése era el poder de la palabra hablada.

Luego entonces, ¿cómo encerrar en una sola palabra a Ometéotl, el que no tiene forma, el señor que no nace y no muere, a quien el agua no lo puede mojar, el fuego no lo puede quemar, el viento no lo puede mover de lugar y la tierra no lo puede cubrir? Imposible (*Op. cit.*, p.88-9).

Malinche torna clara não somente a dificuldade de realizar a tradução entre línguas, mas, principalmente, a tradução cultural. Como traduzir a cultura asteca para o patamar da inteligibilidade/compreensão espanhola? Principalmente, porque os padrões culturais eram completamente distantes à época da colonização. Os signos, bem como os contextos de produção de sentido acabariam por influenciar na forma como a cultura de uns era recebida por outros, e vice-versa. A respeito das perspectivas de tradução, vislumbramos que:

(...) o significado não se encontra para sempre depositado no texto, à espera de que um leitor adequado o decifre de maneira correta. O significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural – a ‘comunidade interpretativa’, no sentido de Stanley Fish – em que é lido. O que vemos num texto é exatamente o que nossa ‘comunidade interpretativa’ nos permite ler naquilo que lemos, mesmo que tenhamos como único objetivo o resgate dos seus significados supostamente ‘originais’, mesmo que tenhamos como único objetivo não nos misturarmos ao que lemos. Do mesmo modo que não podemos deixar de lado o que somos e o que pensamos quando nos relacionamos com o mundo real, também não podemos ler um texto sem que projetemos nessa leitura as circunstâncias e os padrões que nos constituem enquanto leitores e membros de uma determinada comunidade (ARROJO, 1993, p. 19).

Logo, não existe a possibilidade de uma tradução ser isenta das impressões de quem realiza a tradução, assim como é impossível essa tradução ser recebida da maneira como foi concebida, pois o contexto em que tal tradução ocorre e é recepcionada, é permeado pelos padrões e matizes ‘locais’, inerentes ao grupo a que pertence o sujeito. A raiz das dificuldades de Malinche, enquanto tradutora, encontra-se nesse ponto, isto é, ser fiel ao texto, aos seus próprios desejos ou, às prioridades/anseios de quem recebe a tradução.

A questão que se apresenta quando culturas colocam-se *face to face* é deparar com o outro, aquele que se visualiza a sua frente, é lidar com as fronteiras abstratas, mas altamente

palpáveis que se estruturam. A fronteira não como a linha divisória (limite)⁶⁰, mas como espaço da comunicação, do diálogo entre culturas. É nesse espaço de conversa cultural, discussão, às vezes, que identidades particulares/ímpares se formam.

A fronteira, marcada pela interculturalidade, incidirá diretamente na (re)elaboração da identidade do povo asteca, bem como dos espanhóis em novo solo. Desse diálogo fronteiriço resultará a “nova raça” de que trata o narrador de Esquivel. Um povo marcado pela heterogeneidade de costumes, crença híbrida e mescla de genes, muitas vezes expostas nas reflexões e falas da protagonista. A esse respeito observemos o excerto:

___ ¡Qué puedes saber tú de Dios! Tus dioses exigen toda la sangre del mundo para existir; en cambio a nosotros Dios nos la entrega en cada comuni6n. Nosotros bebemos su sangre.
Malinalli no entendi6 del todo las palabras que Cort6s acababa de pronunciar. Lo que ella quer6a escuchar, y lo que su cerebro quer6a interpretar, era que el dios de los espa6oles era un dios l6quido, pues era en la sangre, en el secreto de la carne, en el secreto del amor, donde estaba contenida la eternidad del universo, y ella quer6a creer en una divinidad as6 (ESQUIVEL, 2006, p. 89).

Que evidencia o di6logo cultural, por meio do estabelecimento das diferen7as entre os deuses de Malinche e o Deus de Cort6s. O principal ponto, no entanto, n6o 6 a diferencia76o daquilo que um deus quer ou n6o de seus seguidores, mas aquilo que Malinche quer entender acerca do Deus de Cort6s. A representa76o a qual ela chega torna esse outro deus “bom”, pois 6 o deus que ela deseja e que 6 significativo dentro dos padr6es culturais e esquemas cerebrais que ela possui. Ou seja, a interpreta76o que a nativa realiza da fala do estrangeiro 6 aquela que a sua “comunidade interpretativa”⁶¹ lhe permite inferir.

Se este tra7o foi poss6vel na tradi76o cultural asteca, tamb6m incidiu fortemente na tradi76o cultural espanhola que dialogava, mesmo por meio da nega76o, com a cultura desses povos. Nesse prisma, percebe-se a ressignifica76o de identidades, personalidades e poder, como se observa em:

___ Cort6s, por siempre te agradecer6 el hijo y el esposo que me diste, el trozo de tierra que amablemente nos regalaste a Jaramillo y a m6 para que pudi6ramos echar ra6ces, pero no me pidas que declare, no en ese tono, ya no soy tu lengua, se6or Malinche.

⁶⁰ Cf. CHAVES, Fl6vio Loureiro. “A fronteira da literatura”. In: _____. *Ponta de estoque*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

⁶¹ A comunidade interpretativa advem do meio em que a personagem est6 inserida e dos padr6es pol6tico-s6cio-culturais que interferem nos valores de um grupo. A concep76o de comunidades imaginadas proposta por Benedict Anderson.

Hacia mucho que nadie lo llamaba Malinche. Lo habían dejado de llamar así cuando Malinalli se casó con Jaramillo, cuando dejó de ser su mujer, cuando se separaron. El fuego salió de sus ojos y con furia contenida se dirigió a ella:
— ¿Quién te crees que eres para hablarme así? (*Ibdem*, p. 180-1).

Com o passar do tempo e a intensificação do processo de hibridização⁶² cultural, as personalidades e poderes adquirem nova significação social. O poder não pertence mais a Cortés, e o título que antes era sinal de distinção, torna-se signo de depreciação, bem como de demonstração de força por Malinche. Esse fragmento coloca em destaque a força da cultura asteca e a representatividade da indígena no processo de conquista, ou seja, o grande dominador é reconhecido, antes, pela importância da intérprete perante os povos indígenas, do que pelo seu nome espanhol. A língua assume, nesse momento, papel preponderante, pois há a hipótese dessa designação para Cortés ocorrer devido à dificuldade que os indígenas possuíam em pronunciar a letra “r” do idioma espanhol.

É o código oral que desempenha toda a articulação nas relações que são estabelecidas entre os povos, atuando na consolidação da dominação espanhola, assim como no contato cultural entre as civilizações. A língua foi a força motriz durante a versão da colonização de Esquivel, pois ao passo que mediava, transformava padrões culturais e sociais na sociedade que começava a constituir-se, não sendo índia, tampouco espanhola.

Diante dessas reflexões, é possível afirmar: as culturas são errantes. Elas não respeitam os limites “nacionais”, convivem no espaço fronteiriço, adotam, assim, o nomadismo. Inevitavelmente, esta é uma prática que permite o diálogo entre povos e culturas, já que os limites e as fronteiras não ocupam espaço prioritário. O diálogo entre ‘outros’/partes é estabelecido, e a construção de uma narrativa desse contexto é desencadeada. Uma narrativa imaginada, inicialmente, em condição homogênea, mas que resulta vigorosamente heterogênea.

Quando da colonização, em situação contrária às culturas errantes, buscou-se consolidar o discurso da univocidade, no qual apenas uma história era narrada, um ponto de vista privilegiado, o ‘outro’ figurava como a representação de um único padrão, somente um deus e uma fé eram exaltados, bem como apenas uma língua foi convertida em oficial. A narrativa única buscava a anulação do outro enquanto sujeito, assim:

Evitar o bilingüismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que

⁶² Cf. COSER, Stelamaris. “Híbrido, hibridismo e hibridização”. In: *Conceitos de Literatura e cultura*. (Eurídice Figueiredo, organizadora). Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 163-188., que enfoca em profundidade o conceito.

conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua. Como dizia recentemente Jaques Derrida: ‘O signo e o nome da divindade têm o mesmo tempo e o mesmo lugar de nascimento.’ Uma pequena correção se impõe na última parte da frase, o suplemento de um prefixo que visa a atualizar a afirmativa ‘...o mesmo tempo e o mesmo lugar de renascimento’ (SANTIAGO, 2000, p. 14).

Inicialmente, o que ocorre é a construção de uma narrativa que busca tornar os cidadãos astecas em sujeitos sociais dirigidos pelos padrões europeus, mais especificamente espanhóis. Em que o culto politeísta seria substituído pelo monoteísmo cristão, o imperador asteca daria lugar ao rei da Espanha e as diversas línguas locais (nahuatl, maia e quéchua, para exemplificar) seriam suplantadas pelo castelhano. O padrão seria aceito e disseminado, assim:

[Malinche] Le había encantado escuchar en el sermón previo al bautizo – que Aguilar mismo había traducido para todos ellos – que los españoles les pedían que no se siguieran dejando engañar con dioses falsos que exigían sacrificios humanos. Que el dios verdadero que ellos traían era bueno y amoroso y nunca les exigiría algo por el estilo (ESQUIVEL, 2006, p. 52-3).

Os contornos locais, centrados nos sacrifícios humanos, de certo modo, acabavam por promover a aceitação de um Deus que se opunha aos sacrifícios humanos. Na realidade, a crença em vários deuses também facilitava a disseminação de um Deus, pois, nos matizes locais, era encarado apenas como mais um deus. A ausência de questionamentos por parte de Malinche denuncia a aceitação complacente de padrões culturais alheios à cultura “local”, assim como, a condescendência para com uma narrativa que colocava as civilizações nativas como inferiores e portadoras de padrões culturais equivocados. Uma mesma e antiga narrativa renascia, tornava-se ‘nova’ em outro solo.

No entanto, o diálogo cultural estabelecido entre as civilizações “ameríndias” e a espanhola não privilegiou uma ou outra cultura, ademais não seguiu a narrativa que era construída por valores exteriores/estrangeiros às características “típicas”, “regionais”. Ao contrário, houve a elaboração de contra-narrativas, que privilegiaram o desenvolvimento de narrativas no plural. Desse modo:

As contra-narrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas. Isto porque a unidade política da nação consiste em um deslocamento contínuo da ansiedade do espaço moderno irremediavelmente plural (BHABHA, 1995, p. 211).

Ou seja, a disseminação de uma narrativa única é combatida pela contra-narrativa do período em que a obra é escrita (século XXI). É desse período histórico, com todos os implicantes que interferem diretamente no padrão crítico-reflexivo dos sujeitos sociais, que se lança o olhar para o diálogo cultural estabelecido no século XVI. A narrativa única é combatida, também, pela apropriação que ocorre dos signos, símbolos disseminados, de modo diverso ao esperado pelo conquistador. Então, é evidente a construção de outra(s) narrativa(s) para o passado pontuado na obra. Narrativas onde:

A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo. (...) Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. (...) [A “nação”] torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado *internamente* pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural (*Ibdem*, p. 209-10).

A ideia de nação homogênea proposta pelo aparato de conquista espanhol, no início da obra, isto é, a narrativa única da história é questionada pela contra-narrativa dos momentos finais. A heterogeneidade é evidenciada por meio das representações proporcionadas pelo diálogo cultural e, do hibridismo, quando este último privilegia as particularidades culturais sem torná-las homogêneas e constituintes do projeto unificador do estado-nação.

A contra-narrativa torna possível a visualização dos povos da recém-encontrada América, segundo a sua especificidade híbrida e transcultural⁶³, ou seja, os astecas não são mais os mesmos de antes da chegada dos espanhóis, tampouco são o outro que se lhes apresentou, mas um terceiro resultado. O meio pelo qual o diálogo cultural é trazido à tona feito um retrato, onde não se borram as partes e a totalidade da cena é revelada. Essa é, também, a conclusão a que chega a avó de Malinche: “La vida siempre nos ofrece dos posibilidades: el día y la noche, el águila o la serpiente, la construcción o la destrucción, el castigo o el perdón, pero siempre hay una tercera posibilidad oculta que unifica a las dos: descúbrela.”, (ESQUIVEL, 2006, p. 62).

É dessa terceira possibilidade que trata *Malinche* (2006), onde o diálogo cultural se torna uma alternativa. Espaço em que os sabores e sangue se misturam sem que haja o prejuízo das partes, ou ainda, no âmbito em que dois tornam-se um, mas ao mesmo tempo

⁶³ Sobre transculturação, cf. AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra G. “O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. (Benjamin Abdala Júnior, organizador). São Paulo: Boitempo, 2004. p. 87-97.

seguem sendo os dois iniciais, pois reúne as características das duas partes. Importante, nesse caso, é a alimentação, primeiro retrato do diálogo/harmonização entre culturas:

Su corazón se alegraba cuando observaba los nuevos brotes de maíz en la milpa que tenía en la parte trasera de la casa. (...) Junto a la milpa, tenía una huerta en donde convivían en armonía las plantas de origen europeo con plantas mexicanas. Malinalli se deleitaba creando nuevos platillos. Jugaba con la cebolla, el ajo, el cilantro, con la albahaca, con el perejil, con el jitomate, con los nopales, con las granadas, los plátanos, los mangos, las naranjas, el café, el trigo, el maíz, el cacao. Los nuevos sabores en la comida surgían sin poner resistencia al mestizaje. Los diferentes ingredientes se aceptaban entre ellos sin problema y el resultado era sorprendente (*Ibdem*, p. 176-7).

Através da apropriação e hibridação dos alimentos, há a possibilidade de adentrar nos limites caros à interculturalidade. Quando o alimento é aceito como pertencente ao grupo, tem-se diante a dimensão exata do ponto em que as culturas se tocam, estabelecem trocas e junções culturais. Ademais da representatividade desempenhada pela associação de alimentos e sabores, a própria constituição dos sujeitos resultantes do diálogo cultural encena os pontos característicos da sociedade que se desenha. O resultado obtido no campo da culinária:

Era el mismo resultado que se había logrado en el interior de su vientre [de Malinche]. Sus hijos eran producto de diferentes sangres, de diferentes olores, de diferentes aromas, de diferentes colores. Así como la tierra daba maíz de color azul, blanco, rojo y amarillo – pero permitía la mezcla entre ellos – era posible la creación de una nueva raza sobre la tierra. De una raza que contuviera a todas. De una raza en donde se recreara el dador de la vida, con todos sus diferentes nombres, con todas sus diferentes formas. Ésa era la raza de sus hijos (*Ibdem*, p.177).

O desenlace do diálogo cultural são sujeitos heterogêneos, marcados pela união de todos os demais, nativos e estrangeiros. Tal assertiva permite transferir o detalhe a que se chega para o contexto mexicano atual, bem como para o latino-americano. Ou seja, o cenário cultural latino-americano é marcado pela interculturalidade, onde o diálogo cultural desenvolvido no passado leva à realidade contemporânea⁶⁴.

A contra-narrativa atua, assim, como desmistificadora da narrativa única que se buscou construir acerca dos povos pré-colombianos, serve, também, de metáfora para os sujeitos sociais da América Latina, pois evidencia uma narrativa que é heterogênea, ao modo dos atores sociais dessa região do planeta. Além de tornar claro o quanto esses sujeitos são constituídos por culturas errantes/nômades, já que são trespassados por várias faixas de influências que incidem diretamente na constituição de suas identidades.

⁶⁴ Cf. AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Editora Argos, 2009.

Nos momentos finais de *Malinche* (2006), deparamo-nos com a constituição de uma “nova raça” que é híbrida, um misto de europeu com indígena. Torna-se translúcida essa condição heterogênea que se forma em solo mexicano e que é *mister* do cenário cultural local desse povo, bem como da América Latina na atualidade.

No entanto, essa sociedade é marcada pelo trauma da “*maldición de malinche*”, que vê, nessa figura histórica, a representação da perda do povo asteca frente à invasão estrangeira (espanhola) à época da colonização. Tal ruína, que se estenderia até à contemporaneidade por meio da sujeição/aceitação daquilo que é estrangeiro, em detrimento do “local”, como se observa na canção já explorada nesse texto:

(...)hoy en pleno siglo XX/nos siguen llegando rubios/y les abrimos la casa/y los llamamos amigos/pero si llega cansado/un indio de andar la sierra/lo humillamos y lo vemos/como extraño por su tierra/hipócrita que te muestras/humilde ante el extranjero/pero te vuelves soberbio/con tus hermanos del pueblo/maldición de Malinche/enfermedad del presente/cuando dejaras mi tierra/cuando harás libre a mi gente” (OCHOA & PALOMARES, 1975).

Uma das personagens centrais da dominação recebe a encarnação da culpa pelo processo de conquista por ter se aliado aos conquistadores espanhóis em troca de algumas contas de vidro. A canção enfatiza, ainda, a perpetuação de um padrão de sujeição perante o estrangeiro, visto como superior e digno de maior admiração pelo povo mexicano. Maldição que leva à negação da realidade cultural em que os descendentes do período colonial estão imersos, e que é expressa nesse longo fragmento:

Nuestro grito es una expresión de la voluntad mexicana de vivir cerrados al exterior, sí, pero sobre todo, cerrados frente al pasado. En ese grito condenamos nuestro origen y renegamos de nuestro hibridismo. Al repudiar a la Malinche – Eva mexicana, según la representa José Clemente Orozco en su mural de la Escuela Nacional Preparatoria – el mexicano rompe sus ligas con el pasado, reniega de su origen y se adentra solo en la vida histórica.

El mexicano condena en bloque toda su tradición, que es un conjunto de gestos, actitudes y tendencias en el que ya es difícil distinguir lo español de lo indio. Por eso la tesis hispanista, que nos hace descender de Cortés con exclusión de la Malinche, es el patrimonio de unos cuantos extravagantes – que ni siquiera son blancos puros. Y otro tanto se puede decir de la propaganda indigenista, que también está sostenida por criollos y mestizos maniáticos, sin que jamás los indios le hayan prestado atención. El mexicano no quiere ser ni indio, ni español. Tampoco quiere descender de ellos. Los niega. Y no se afirma en tanto que mestizo, sino como abstracción: es un hombre. Se vuelve hijo de la nada. Él empieza en sí mismo.

Esta actitud no se manifiesta nada más en nuestra vida diaria, sino en el curso de nuestra historia, que en ciertos momentos ha sido encarnizada por voluntad de desarraigo. Es pasmoso que un país con un pasado tan vivo, profundamente tradicional, atado a sus raíces, rico en antigüedad legendaria si pobre en historia moderna, sólo se conciba como negación de su origen (PAZ, 1998, p. 36).

Corroborando com o autor, é possível afirmar que a sociedade mexicana atual está imersa em um passado que renega. Mais que renegar o seu passado, a sociedade mexicana negou durante muito tempo o diálogo cultural que a constituiu e a torna o que é hoje, isto é, um povo rico culturalmente porque traz as marcas da relação intercultural entre espanhóis e povos pré-colombianos. Tornar-se-ia lastimável que essa “nação” se concebesse, na atualidade, apenas por meio da negação de sua tradição como observamos na fala de Paz, contudo, é sabido que na América Latina essa civilização é uma das mais entusiastas quando se pensa em cultura e tradição.

Esse trauma, conflito interno e inerente à grande maioria dos mexicanos, os paralisa perante a necessidade de reconhecer as suas origens. Reconhecimento que vai muito além de aceitar uma descendência mestiça/híbrida, e chega ao patamar de compreender que o diálogo cultural é irreversível no México, incapaz de permitir o apagamento do passado, para que estes sujeitos adotem a ideia de filhos sem pais.

A ideia de contato, motivada pela fronteira tornada real pelos espanhóis presentes no território asteca/mexicano, se esvai, mas segue, metaforicamente, na América Latina – México, isso porque ainda se percebe o diálogo entre as culturas. Nesse contexto, onde o apagamento dos sinais do passado torna-se impossível, o que se tem a fazer é tomar consciência da realidade e buscar elaborar um discurso que seja próprio da América Latina, do México, que, ao invés de negar, exalte a sua natureza intercultural, e que não fique buscando a mera reprodução do outro do qual se origina.

3.3 Uma aproximação que distancia

Durante o desenvolvimento da humanidade, passamos por algumas palavras chaves, em sua grande maioria que tratavam de processos de subordinação, e, que davam conta de padrões característicos de um dado período. Talvez a mais “elevada” tenha sido “colonização”, ainda na Idade Média, que exprimia o domínio dos reinos e, também, da Igreja Católica enquanto instituição mais política que religiosa. Na contemporaneidade, ousamos afirmar que vivemos na era da RESISTÊNCIA.

No *Dicionário Houaiss Eletrônico* (2007, S/P), dentre as muitas acepções para a palavra ‘resistência’, nos deparamos com estas: “*s.f.* ato ou efeito de resistir. 1. Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. 3. Capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço. 4. Recusa de submissão à vontade de outrem; oposição, reação.” Superficialmente,

aceitamos tratar-se da ação de se opor a forças que agem sobre/contra nossos princípios ou estrutura física, ou seja, implica uma relação de causa e consequência.

Se pensarmos nestes termos, precisamos considerar que uma prática de resistência necessita de um contexto em que haja contiguidade entre partes, mas uma contiguidade que muito longe de ser pacífica ou violenta envolva debate/embate, sobretudo de posturas/posicionamentos. Tomemos a ideia de resistência como mote fundador da análise que ora se empreende do texto de Laura Esquivel em estudo, assim sendo, partimos do pressuposto inicial que para o desenvolvimento de uma prática de resistência na obra, temos como fato a existência de partes em diálogo.

Com uma história girando em torno do convívio entre culturas distintas, *Malinche* se apresenta dentro dos preceitos da resistência, que retira a América Latina da condição de pedra inerte, para colocá-la em constante caminhar, ação transformadora. Torna-se evidente no enredo a aproximação, ou melhor, o ponto em que se tocam os padrões culturais espanhóis e das diversas etnias que compunham o “Novo Mundo”.

Nessa conjectura, buscamos aproximações e distanciamentos no texto que revelem reações potenciais mexicanas quanto a ações, que, se não conseguia dilapidar toda uma cultura, ao menos sujeitava ao seu controle grande parcela social. Logo de partida temos consciência de que são as aproximações as responsáveis pela evidenciação das distâncias existentes entre as partes e, conseqüentemente, do desencadeamento de oposições de ambos os lados aos padrões do “outro”.

De um modo ou de outro estamos discutindo a construção da comunidade mexicana, bem como, os primeiros passos para a invenção do “Novo Mundo”. Significativa, nesse ponto, é a passagem que segue:

Cuando la ceremonia terminó, Malinalli se acercó a Aguilar, el fraile, para preguntarle cuál era el significado de Marina, el nombre que le acababan de poner. El fraile le respondió que Marina era la que provenía del mar.

— ¿Sólo eso? —preguntó Malinalli. El fraile respondió con un simple:

— Sí.

La desilusión se dibujó en sus ojos. Ella esperaba que el nombre que le estaban adjudicando los enviados de Quetzalcóatl tuviera un significado mayor. No se lo estaban poniendo unos simples mortales que desconocían por completo el profundo significado del universo, sino unos iniciados, como ella suponía. Su nombre tenía que significar algo importante (ESQUIVEL, 2006, p. 50-1).

Após um ritual cristão, que muito diferia dos ritos astecas, Malinche está às voltas com o frade Aguilar para saber o significado de seu “novo” nome. O significado do nome para os Astecas dizia muito das características dos sujeitos, assim como, de sua importância para o

sistema social do qual eram partícipes. Estamos diante de uma das primeiras relações entre colonizador e colonizado, sabendo que a troca do nome interfere diretamente na constituição da identidade dos sujeitos, promovendo a despersonalização dos atores sociais.

Ademais, estamos diante de um embate cultural e, mesmo que de modo não claro ou consciente, de uma célula de resistência. O batismo, nos moldes cristãos, não configurava prática local para as civilizações que estavam passando por um processo de (re)civilização, e a troca de nome interferia de modo muito incisivo nos padrões identitários existentes. Assim, a cultura espanhola buscava impor-se sobre a cultura asteca, e, em um curso ascendente de reação, a princípio não consciente, ocorre a negação da “simplicidade” de cultura outra, que é tomada em relação a sua própria.

Malinche se opõe aos aspectos culturais do outro, quando se nega a aceitar que seu nome signifique tão pouco, pois nome algum de sua sociedade é levado em tão pouca conta. É, pois, a partir da aproximação entre aspectos culturais que se visualiza o seu distanciamento, bem como, a invenção de um Novo Mundo pensado a partir de padrões outros, tendo em vista que são as características espanholas as que são priorizadas. Podemos afirmar, então, que só se inventa ou fabula tomando-se como ponto de partida nossos próprios esquemas imaginativos, ou do grupo ao qual pertencemos.

Ao tomarmos imbricamentos e distanciamentos provenientes do contato entre uma ou mais civilizações, tornadas factíveis pela obra, colocamos em relevo todo um percurso que envolve as relações entre colonizador e colonizado, dito de outra maneira, adentramos em contexto de investigação predominantemente pós-colonial. Isso significa mencionar que não destacamos aspectos pós-passageiro do colonizador em territórios colonizados, mas o momento mesmo da interação.

(...) podemos definir a literatura pós-colonial como toda a literatura, inserida no contexto de cultura, ‘afetada pelo processo imperial, desde o primeiro momento da colonização europeia até o presente’ (ASHCROFT *et al.*, 1991, p. 2). A crítica pós-colonial, portanto, abrange a cultura e a literatura, ocupando-se de perscrutá-las durante e após a dominação imperial europeia, de modo a desnudar seus efeitos sobre as literaturas contemporâneas. De fato, todas as literaturas oriundas das ex-colônias europeias, sejam elas portuguesas, espanholas, inglesas ou francesas, surgiram da experiência da colonização e reivindicaram-se perante a tensão com o poder colonial e diante das diferenças com os pressupostos do centro imperial (BONICCI, 2009, p. 267).

Ashcroft *et al* (1999, p. 3-4) situa a literatura pós-colonial como um modo de produção que trata da forte influência exercida pelo colonialismo na vida/cotidiano de mais da metade da população mundial, sendo que como uma arte, ela seria capaz de evidenciar essa influência

mais contundentemente. Ou seja, preocupa-se com o durante e após da colonização, tomando como base a produção literária. O termo pós-colonial seria utilizado para cobrir a produção literário-cultural de toda a extensão que ficou sob o poder colonial europeu. Os autores tomaram como *corpus* para o desenvolvimento de seu pensamento a literatura em língua inglesa produzida por ex-colônias britânicas, mas o fato é que há várias outras literaturas, em tais condições, disseminadas pelo mundo.

Nesse contexto, a língua ocupa papel fundamental para o tratamento de uma literatura que seja pós-colonial, pois é por meio da subversão do código escrito dominado pelo conquistador que o colonizado lança as bases para a (re)invenção de seu mundo já inventado, ou melhor, para a revelação de seu contexto de produção, sobretudo, de sua existência.

Para mim a crioulação não é crioulisto: é, por exemplo, engendrar uma linguagem que teça as poéticas, talvez opostas, da língua crioula e da língua francesa. O que eu chamo de poética? O contador de histórias crioulo se serve de procedimentos que não pertencem ao espírito da língua francesa, que lhe são mesmo opostos: os procedimentos da repetição, reduplicação, insistência, circularidade. As práticas da listagem (...) que esboço em muitos de meus textos, essas listas que tentam esgotar o real não numa fórmula, mas numa acumulação, a acumulação precisamente como procedimento retórico, tudo isso me parece muito mais importante do ponto de vista da definição de uma linguagem nova, mas muito menos visível (GLISSANT *apud* FIGUEIREDO, 1998, p. 88).

É o que percebemos no parecer de Glissant quanto à utilização de uma língua que é em sua síntese híbrida, fugindo da língua pura do colonizador, signo de sua dominação e, conseqüentemente, da subjugação do outro. Tal proposição evidencia a tentativa de reação, oposição às forças possuídas pelo colonizador e que seguiram durante muito tempo interferindo nas sociedades que estiveram baixo o jugo do “exploit”⁶⁵ europeu.

Na América de ‘língua espanhola’, a apropriação do idioma do explorador pelo colonizado pode ser percebida na larga produção de Augusto Roa Bastos, que focaliza em seu texto castelhano o guarani, a língua do indígena subjugado. Em *Malinche*, não é perceptível a utilização do idioma indígena local em meio ao espanhol, o que seria descrito por Ashcroft *et al* (*Idem*, p. 6) em termos de ab-rogação resultando em lacunas metonímicas. No entanto, é perceptível a clara consciência⁶⁶ por parte do colonizador europeu do quanto à falta de

⁶⁵ Verificar distinção entre ‘explore’ e ‘exploit’ na língua inglesa. No primeiro caso trata-se de uma exploração em sentido positivo, isto é, explorar para descobrir/conhecer. Na questão do “exploit” pensamos em uma exploração que prejudica, engana para obter vantagens, tira proveito e beneficia-se com isso.

⁶⁶ Clara consciência é utilizada quando se aceita o princípio da verossimilhança como inerente às produções literárias.

domínio do idioma local pode ser comprometedor para o desenvolvimento de sua sanha “desbravadora”.

A todo lo largo de su vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que un buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado. ¿Cómo podría utilizar su mejor y más efectiva arma ante aquellos indígenas que hablaban otras lenguas? (...) Cortés sabía que no le bastarían los caballos, la artillería y los arcabuces para lograr el dominio de aquellas tierras. (...) Los cañones y la caballería surtían efecto entre la barbarie, pero dentro de un contexto civilizado lo ideal era lograr alianzas, negociar, prometer, convencer, y todo esto sólo podía lograrse por medio del diálogo, del cual se veía privado desde el principio. /En este nuevo mundo recién descubierto, Cortés sabía que tenía en sus manos la oportunidad de su vida; sin embargo, se sentía maniatado. No podía negociar, necesitaba con urgencia alguna manera de manejar la lengua de los indígenas. Sabía que de otra forma – a señas, por ejemplo – le sería imposible lograr sus propósitos. Sin el dominio del lenguaje, de poco le servirían sus armas (ESQUIVEL, 2006, p. 41-2).

O não domínio linguístico certamente constituiu grande empecilho para os conquistadores. A aproximação dos códigos orais acabou por demonstrar o quanto de distanciamento existia na relação entre os opostos, o que acabava por figurar como uma célula de resistência à penetração de padrões culturais outros em domínios nunca antes explorados. A constatação de Cortés de que sem o conhecimento das mais distintas línguas da civilização asteca seria impossível levar a cabo seus objetivos, desperta mais uma vez a sede por conquista, dúvida se aprofundarmos a reflexão, pois a conquista da língua é convertida em conquista do outro.

Essa relação dialógica entre colonizador e colonizado, pautada na conquista, ademais de enfrentar a resistência imposta pela língua, enquanto código oral, veículo de comunicação, enfrenta a resistência consciente de Malinche, a intérprete de Cortés, que fere a língua, órgão responsável pela manifestação das mensagens. Quando a ‘língua’ de Cortés segue esse caminho, ela está consciente das consequências que busca causar.

(...) La lengua los había unido y la lengua los separaba [Malinche e Cortés]. La lengua era la culpable de todo. Malinalli había destruido el imperio de Moctezuma con su lengua. Gracias a sus palabras, Cortés se había hecho con aliados que aseguraron su conquista. Decidió entonces castigar el instrumento que había creado ese universo. (...) Como resultado, la expedición a las Hibueras fue un fracaso. La derrota de Cortés se hundía en el silencio. La realidad los regresaba vencidos (*Ibidem*, p. 163).

Através da autopunição, Malinche acaba por punir o seu arremedo de espelho, o que nos leva à discussão inicial (desse item) e empreendida até o momento, isto é, a resistência. Não nos termos da abrogação enquanto apropriação da linguagem do outro, hibridizando-a

com a sua, para causar a lacuna metonímica ou o vazio de compreensão por parte do outro que a si se opõe. A resistência nesse caso é consolidada pela consciência de que privando o colonizador da linguagem de domínio se estará imputando-o ao fracasso. É o que se constata na derrota mergulhada em silêncio, pois é na não possibilidade de comunicação provocada por Malinche que a derrota de Cortés se alicerça.

A ausência de um código que seja compreensível é convertida em reação ao trabalho de dominação. Concordamos, então, tratar-se de uma resistência que ultrapassa os limites do controle individual exercido por Cortés sobre Malinche, para ganhar *status* mais abrangente. Ao se negar em ser a ‘língua’ de Cortés em determinada batalha, Malinche está negando todo o aparato colonizador. Em síntese, está resistindo a tudo que Cortés representa para a civilização asteca. A obra, por sua vez, acaba evidenciando um processo de resistência sócio-histórica e cultural em relação aos padrões europeus.

As produções literárias possuem condições reais para a transformação das sociedades das quais são metonímias constitutivas? Quiçá essa afirmação possa ser verdadeira, mas até que ponto textos, que durante grande parte do tempo foram tomados como atividades para o deleite, podem ser transformados em meios que justifiquem os fins sociais? Consideramos que determinadas obras podem, e até mesmo, devem ser tomadas como veículos estruturadores de uma ‘nova ordem’, seja esta social, histórica, cultural ou ideológica.

Na contemporaneidade, os fazeres científicos que carregam a carga de um pensamento pós-colonial, feminista, ou, outros conglomerados que centram suas forças em áreas sociais marginalizadas, periféricas ou das sombras – para exemplificar a larga nomenclatura que pontos esquecidos da estrutura social recebem – atuam de modo determinante na estruturação de outros padrões sociais, na ressemantização dos esquemas ideológicos de uma formação social.

Malinche se encontra na ordem dessas produções compelidas por faculdades transformadoras. Uma obra marcada pela reconfiguração do pensamento latino-americano, bem como ressignificação da nação mexicana enquanto comunidade imaginada. Afinal, como postula Anderson (2008, p. 12), não há comunidades que sejam verdadeiras, pois são todas imaginadas fora do signo da falsidade ou autenticidade, conforme o “estilo” seguido pelo ‘nós’ coletivo dentro de sua diversidade. Se assim ocorre, a obra em foco é capaz de interferir na apreensão coletiva do México quando subverte a estrutura social, desenvolvendo “quimeras” acerca dessa nação inventada/imaginada.

Com um projeto estético literário, e também, crítico social voltado para uma comunidade que se constrói a partir da resistência ao outro, sem deixar de considerar os aspectos inerentes a um contato hibridizante, nos pontos que há de positivo no termo, *Malinche* possibilita a percepção do México no momento do diálogo entre dominador e dominado, com o claro propósito de transportar esse período para o que é apresentado no livro por a ‘nova raça’ e que remete à sociedade mexicana contemporânea.

Quando deparamos com o excerto: “Ellos, que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres – la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena y la sangre del medio” (ESQUIVEL, 2006, p. 186), temos a certeza de que há um projeto maior que a simples retratação de um encontro, marcado por processos de resistência mútua ao que o outro representa. Isso porque, essas frases são construídas não de modo negativo, mas pelo contrário, de modo a exaltar a constituição de um ‘mundo novo’, híbrido por excelência.

Chegar nesse ponto requer discernimento para entendermos que não refletimos mais sobre um cenário cultural específico do México, mas do mundo que se torna plural. “Como o futuro depende do esgotamento de paradigmas, ele depende da pertença a duas ou mais culturas (...), [o que gera] uma mudança na maneira de percebermos a realidade, de nos vermos, e de nos comportarmos” (ANZALDÚA *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 96). Logo, a humanidade de modo geral adentra cada vez mais no espaço em que se constituem sujeitos híbridos, assim como, culturas e sociedades, também híbridas. Isto é, sujeitos e formações sociais que não pertencem a nenhum e a todos os cantos ao mesmo tempo.

Então, afirmar que México possui uma constituição híbrida é não falsear a realidade, mas é, principalmente, admitir, pela representação trazida pela obra, que esta nação configura uma verdade momentaneamente plural. O ‘nós’ coletivo coaduna com um pertencimento múltiplo, envolvendo todos os seus implicantes, sejam eles benéficos ou maléficos. O que significa dizer que o multicultural é uma expressão marcadamente maniqueísta. Claramente, a comunidade imaginada mexicana possui o sentimento de pertença ligado a um cenário cultural híbrido.

Quando aderimos à concepção de que uma obra literária torna possível apreender comunidades imaginadas, que pertenceriam mais a uma empreitada de investigação sociológica ou antropológica, estamos admitindo – no caso do texto de Esquivel, que possui forte apelação para a interdisciplinaridade com a história – tratar dita produção seguindo os matizes ficcionais em sua ampla relação com a historiografia.

[Pois] Ambos os discursos unem-se numa função comum: tanto a historiografia como a ficção são uma alegoria da vida, para além de seus tons e modalidades, são vitalizações e revitalizações, instâncias e formas de novas existências, fragmentos de vida produzidos numa luta agônica contra o esquecimento, numa luta dramática contra a morte (PIZARRO, 2006, p. 43).

Assim, a associação realizada entre narrativas ficcionais e historiográficas transita no espaço singular da tentativa de desenvolvimento de um discurso que desse conta, não apenas da literatura, mas de aspectos culturais da América Latina, o que permitiria conhecê-la mais a fundo, ou, ao menos visualizá-la a partir de uma outra perspectiva.

Por otro lado, el interés que los españoles y Cortés en particular mostraban por el oro no le parecía correcto. Si en verdad fuesen dioses, se preocuparían por la tierra, por la siembra, por asegurar el alimento de los hombres, y no era así. En ningún momento los había visto interesados en las milpas, sólo en comer (ESQUIVEL, 2006, p.76).

Aos olhos de Malinche, personagem que não ocupava posição de destaque na sociedade que se estruturava, os colonizadores, longe de serem desbravadores audazes, comparáveis a deuses, pareciam suspeitos demais, comportando-se como verdadeiros aproveitadores. Visão muito distinta da apresentada pelos manuais oficiais que dão conta do “descobrimento” da América. Retomando o passado histórico, mas com uma ressignificação da ‘realidade’ colocando em destaque outras possibilidades de leitura, podemos afirmar que a produção em questão, atua como veículo para a constituição de uma ‘nova ordem’, sobretudo, sócio-ideológica. Afinal, interfere nos padrões ideológicos de determinada formação social, modificando concepções ético-morais primeiras, ou, de outra forma, interferindo na comunidade imaginada mexicana.

Outro ponto que remete à constituição de uma ‘nova ordem’, e que ao mesmo tempo retorna a nossa questão inicial, a resistência, passa pela apropriação da língua do colonizador. É por meio de uma língua que não é sua, mas que é tomada de assalto ao colonizador, que o colonizado irá subverter a ordem convencional dos contextos apreçados, e, instaurar uma ‘nova ordem’ mais condizente com o cenário ‘real’ dos fatos acontecidos, tanto em termos ficcionais quanto em relação aos contextos/condições de produção.

Repentinamente, la tarde adquirió un tono gris y el sol fue devorado por la humedad del cielo. Malinalli tenía los ojos (...) como sí (...) quisieran callar de imágenes el cerebro y borrar de la memoria toda forma y todo reflejo de una conquista y un mundo ilusorio, engañoso.

Pronunciando la palabra “Cortés” con una voz grave, le dijo:

— Cortés, (...) pero no me pidas que declare, no en ese tono, ya no soy tu lengua, señor Malinche.
 Hacía mucho que nadie lo llamaba Malinche. (...)El fuego salió de sus ojos y con furia contenida se dirigió a ella:
 — ¿Quién te crees que eres para hablarme así?
 Jaramillo, que conocía a su mujer como nadie, vio en sus ojos un arrebatado de rabia y supo que iba a vomitar sobre Cortés todo su odio (*Ibdem*, p. 180-1).

É apropriando-se da língua do colonizador que Malinche irá expressar, com todo rancor, a mágoa e a compreensão quanto ao processo de colonização empreendido por Cortés, que é ao fim, a representação da colonização espanhola. Esse fragmento é a preparação para que Malinche deixe às claras o que pensa a respeito de Cortés, e, de toda a “desgraça” por ele imputada à civilização Asteca. Nesse tom, e tentando apagar todos os reflexos de “um mundo ilusório”, a personagem em questão seguirá enumerando as “desgraças” da conquista – a mais representativa, atesta a “maldição” dos espelhos negros que roubaram todo o discernimento de seu povo.

Pelo idioma que “não é seu”, a personagem principal irá se rebelar/resistir quanto a tudo o que é personificado pela pessoa de Cortés. Assim, a língua instaura uma ‘nova ordem’ na narrativa, onde o colonizado deixa de “baixar a cabeça” para o colonizador assumindo um discurso diferenciado do em voga para um contexto de exploração, e, ao mesmo tempo, promove a instauração de uma ‘nova ordem’ quando se enfatiza o contexto de produção de *Malinche*.

Laura Esquivel utiliza a língua espanhola, a mais marcada pelos anos de evolução em contato com outras línguas, para narrar um texto possível. Ninguém pode garantir que um diálogo desses possa ter ocorrido entre os dois pólos em comunicação, mas ousamos dizer que, no modo latente de pensar a sociedade contemporânea/pós-moderna, a autora ao menos despertaria em seu leitor a reflexão sobre o processo de colonização – descrito, durante muito tempo, como um benefício para os povos não civilizados, garantido pelas grandes nações conquistadoras/exploradoras.

Onde a metrópole espera silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação. Desta forma, como Bhabha, Santiago também acredita que o intelectual à margem, ao dominar a língua do opressor, tem um contradiscurso, mais prático e eficaz uma vez que “É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida”⁶⁷ (BARZOTTO, 2011, p. 71-2).

⁶⁷ O conteúdo entre aspas expressa o posicionamento de Silviano Santiago, para maiores informações: Cf. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-29.

Deste modo, apropriar-se de língua outra para desvelar os fatos, tornando-os acontecimentos, é condição recorrente para nações que já ocuparam durante muito tempo a insígnia de colônia do mundo, ao menos do mundo ocidental. Assim, conhecer a língua da metrópole é antes um combate, resistência que submissão, é um não calar-se e obedecer quando é essa a atitude que se tem como certa, é rebelar-se quando se esperava águas mansas para aprisioná-las. Em síntese, é desbravar às avessas, conhecer *quem somos* e não permitir que o outro diga *quem somos*.

A América Latina tem elaborado um contradiscurso em contexto pós-colonial, tem instaurado uma ‘nova ordem’. Quando se apropria da língua do colonizador (francês, espanhol ou português) retira as amarras que unia metrópole e colônia em uma relação desproporcional, baseado no ‘eu mando’ e ‘você obedece’, respectivamente, instaurando, a seu modo, uma maneira diferenciada de conceber seu mundo.

No somos lo que fuimos ni hay vuelta atrás. La velocidad del cambio nos obliga a repensarnos, a re-posicionarnos, a reubicarnos. Eso, la tarea hoy es reubicarnos. Necesitamos nuevas cartas de marear, nuevas brújulas de navegar en este mundo de hoy. Encontrar el lugar del intelectual latinoamericano hoy en día implica volver a encontrar la grieta, la hendidura, el intersticio desde donde hablar. Discurso y poder, poder y discurso, exigen antes establecer desde dónde hablamos. (...) Decidir desde donde hablamos implica decidir quiénes somos y sobre todo quienes queremos ser (ACHUGAR, 2011, p. 28).

Ao retomar seu passado histórico, seja por meio de textos ficcionais, históricos ou de quaisquer que sejam as áreas, a América Latina assume o seu direito de dizer quem é, e quando isso ocorre, não mais reflete a imagem distorcida, inventada para ela. A obra *Malinche* figura, nestes termos, como um exemplo, entre vários outros que poderiam ser destacados, esclarecedoras da “verdadeira” identidade latino-americana, híbrida por excelência, e com alto poder de resistência a padrões subjugadores. Ou seja, o texto de Esquivel, em contexto latino-americano, possibilita a instauração de uma ‘nova ordem’, onde Latino América se escreve com letras maiúsculas, e os tons do poder europeu para o controle tornam-se, a cada dia, mais desbotados.

Passamos, até este momento, por alguns pontos que causaram certo incômodo, até chegarmos a uma conclusão ressoante em toda a América Latina, isto é, estamos em franco processo de transformação sócio-histórica e ideológica. Observamos que a prática da resistência, seja em objeto ficcional ou na vida, configura uma das principais características de nossos tempos, afinal, é por meio dela que empreendemos uma caminhada distinta daquela que para nós foi inventada.

Malinche nos proporciona refletir não apenas acerca do processo de colonização mexicano, mas também, sobre nossa própria constituição que começou a se consolidar desde o primeiro contato com o colonizador. Situação que ao mesmo tempo em que permitia a aproximação de diferentes elementos culturais, garantia que o distanciamento revelasse as sinuosidades de uma trajetória conflitante, de resistência.

Tomar algumas passagens do texto literário facultou conhecer, por meio de representações e contato, não apenas a produção de Laura Esquivel, mas, primordialmente, matizes primeiros da constituição identitária e social mexicana. Isso nos leva a pensar, no potencial que um texto possui de transformar o cenário no qual ele está inserido, realidade que pode ou não ser possível.

O fato é que acreditar que uma obra, ou várias seguindo a mesma corrente, seja capaz de mudar o mundo, muitas vezes pode soar como fantasia de nefelibatas. Mesmo que a literatura não possuísse toda essa força, ao menos a sua característica de representação das sociedades em seus mais variados matizes, seria uma certeza. Por isso, seguimos crendo no potencial transformador da literatura e que ela é capaz de dar movimento a pedras inertes.

Considerações finais

UM FINAL?

*Hay que dormir con los ojos abiertos, hay que soñar con
las manos
Soñemos sueños activos de río buscando su cauce, sueños
de sol soñando sus mundos,
hay que soñar en voz alta, hay que cantar hasta que el
canto eche raíces, tronco, ramas, pájaros, astros,
cantar hasta que el sueño engendre y brote del costado del
dormido la espiga roja de la resurrección (...).*
(Octavio Paz, 1955)

Como toda história possui um início, ela traz também um final, mesmo que este não seja imutável com o passar dos anos, como é no caso da ciência. Foi longo o caminho até esse momento, passamos por diversas perspectivas teóricas, levantamos variados questionamentos, e representamos, por meio da escrita, uma “verdade” que acreditamos ser possível em relação ao nosso objeto de estudo. Contudo, alguns pontos precisam ser retomados e ideias reafirmadas para que encontremos, ao final de nossa caminhada, um posicionamento que seja aceitável, para que não sejamos seres inertes diante de nossa sociedade.

Estivemos, por certo tempo, diante de uma percepção profunda daquilo que pode ser desenvolvido quando o que está em jogo é um processo de representação. Através de um “simples” texto literário, observamos que as sociedades podem e são orientadas por padrões que representam as suas “características” e, diante dessas pseudo-realidades afirmadas, acabam por manipular a maneira de pensar e agir dos atores sociais. Como consequência dessas malfadadas representações, acaba por ocorrer, e de maneira muito forte, a descaracterização dos padrões culturais específicos de um povo. Compreendemos, ainda, ao tratar de padrões representacionais, que, apesar de possuírem um fator altamente destrutivo/negativo, a representação originária das populações espanholas desenvolveu ao menos um ponto positivo em solo mexicano: o contato entre povos, o que resultou naquilo que é ser mexicano na atualidade.

Em seguida, pudemos nos familiarizar com a questão dos discursos que foram elaborados em torno do “Novo Mundo”, também com base no texto de Esquivel, que exigiu para este momento reflexões históricas sobre a “verdade” que pode estar contida ou não em uma “metaficção historiográfica”. Bem como, uma investigação mais profunda daquilo que os discursos podem nos revelar da obra, da sociedade/identidade contida no objeto literário, e, aquilo que se pode compreender quando a investigação dos discursos em torno do outro se dá. Esse momento é muito importante para entendermos o processo de que apreender as características de outrem(ns) é fundamental para compreendermos melhor quem somos. Deparamo-nos naquele espaço de discussão com um contexto no qual discursos são construídos a partir, sobre e pelas personagens presentes na obra, o que conseqüentemente nos evidencia discursos não apenas sobre a verdade ficcional trazida pela autora, mas “verdades” acerca do próprio sujeito mexicano.

Por último, entramos em um espaço predominantemente cultural sem deixar, contudo, de considerar as contribuições que o meio literário produz em ambiente humano (cultural, ideológico e social). Nesse momento, nos deparamos com um contato que iria muito além do

estágio de presunção, vez que se tornou imprescindível para a concepção do México, do “Novo Mundo”. Um contato cultural que como tal não deixou de se dar em todos os níveis/estratos da sociedade, ao passo que a tornava híbrida, e, distante dos dois pólos originários. Convencemo-nos, então, que a literatura, quando possuidora dos múltiplos pontos que puderam ser levantados ao longo dessa investigação, serve a um propósito muito maior que o simples deleite de um leitor, ela possui um caráter de intervenção na sociedade muito complexo, e porque não afirmar, necessário.

Em síntese, representamos Malinche porque representamos o México e seus sujeitos sociais enquanto nação latino-americana, espaço territorial, mas primordialmente humano que esteve sob o jugo incessante de um processo exploratório que repercute até os dias atuais. Evidenciamos como se deu/dá o processo de “desenvolvimento” do “Novo Mundo”, isto é, um mundo marcado por apropriações e conduções do pensamento e do fazer. Espaço não apenas territorial feito/criado por representações sejam essas pela negação do que se era ou acreditava-se ser, pela sensação de menosprezo perante o homem, o não-escravo ou o estrangeiro, ou ainda, pela crença em padrões socioideológicos e discursivos direcionadores de sujeitos “bem comportados”.

No entanto, com toda essa movimentação, compreendemos que apesar de todos os pontos pesados desse ambiente de colonização, considerando toda a carga negativa trazida pelo termo, discutir de que é feito o “Novo Mundo” nos possibilitou a aprendizagem/apreensão de que em todo mal há um pouco de bem⁶⁸. É por toda a empreitada exploratória europeia que o processo de contato entre os diferentes se deu, resultando em sujeitos híbridos, ou como mencionado por Santiago (2006) ainda em nosso item 2.2, sujeitos únicos/autênticos. Quadro positivo dado o seu caráter produtor de identidades únicas (conflituosas em grande medida), vez que é por meio dessas que o processo de representação/dominação não pode ser contestado/negado, e conseqüentemente, ações empreendidas.

Qual a relação estabelecida entre o todo contido nesse texto? Servem de que tantas considerações inerentes à nação e povos tão distantes? Perguntamo-nos, já impacientemente. Ora, somos humanos, somos latino-americanos. Isto posto, passamos por processos de representação iguais ou similares, já tivemos nossas índias⁶⁹ como signo da “luxúria” europeia, já fomos alvo de um processo massacrante de exploração, seja de riquezas ou de nossa moral/integridade. Logo, aproximamo-nos mais e mais de um cenário que

⁶⁸ Princípio Yin e Yang, em todo mal há um pouco de bem, em todo bem há um pouco de mal.

⁶⁹ Na atualidade, o que somos as brasileiras para o homem europeu?

aparentemente se nos apresenta distante e isso se deve à ciência considera “fútil” por grande parte da ciência que “realmente faz algo pela sociedade”, a literatura.

A literatura como já tivemos acesso é um modo de representação assim como o discurso. Em verdade, obras literárias são discursos que deixam perceber como ocorrem as representações, a literatura permite, então, o desencadeamento/percepção de discursos a respeito de temas diversos. Na obra investigada não foi diferente, deparamo-nos claramente com um discurso que preconiza a natureza híbrida da sociedade mexicana, bem como a intenção latente pelo desenvolvimento de uma aceitação dessa natureza como algo positivo para aquela sociedade, uma vez que prima pela compreensão de que o contato, ressalvadas as exceções, foi benéfico para o México.

Tivemos a percepção da construção de um discurso que retoma o século XVI para modificar as representações futuras, pois parte do contexto de exploração para incentivar a reflexão sobre o período e rever os padrões e posicionamentos atuais, seja em relação aquela época, seja com relação à maneira como aquela sociedade encara as marcas de seu passado. Poderíamos afirmar que se trata de uma literatura que vai além dos limites da fruição ao propor a adoção de um discurso diferenciado para o México e seus cidadãos. Um posicionamento que abandona o ódio irascível pela ação consciente e transformadora, o que leva em efeito em cascata ao desenvolvimento social, cultural e ideológico. E porque não arrematar com uma proposta que ultrapasse os limites do solo mexicano, como já introduzido anteriormente?

Sim, a investigação possível pela crítica literária nos faz pensar que esse discurso que visa uma nova adoção/compreensão de comportamento pode e deve ser adotado em escala crescente por toda a América Latina, tendo em vista a proximidade de contextos de desenvolvimento social. Essa pode até ser uma realidade em domínio latino-americano, isto é, a adoção de um posicionamento diferenciado frente a seu cenário de dominação/exploração, mas é preciso que isso seja mais incisivo, que tenha mais ações em prol e resultados, pois somente assim abandonaremos a posição de vítimas do mundo. Compreendemos que a apropriação dessa “ação transformadora” deve fazer parte de toda a América que primeiro passou pelo colonialismo português-espanhol e agora vem enfrentando os assaltos maquiados do novíssimo neocolonialismo⁷⁰.

Ora, se esse deve e é um discurso latino-americano é também um discurso brasileiro, sul-mato-grossense, douradense e de todos aqueles que conseguem ver na cor de sua pele, nos

⁷⁰ Recordem o que faz a “grande” potência capitalista que atende pelo nome de Estados Unidos, como ele entra em nossas casas, como dita modas e padrões alimentares.

costumes que nos cercam e na comida que comemos aquilo que nos torna autênticos/únicos, a nossa natureza/condição híbrida. Uma voz que precisa SE FAZER OUVIR em toda parte e a qualquer momento, que não aceita menosprezos, diferenciações e preconceitos, que não permite ao outro e si mesmo o espaço para se colocar na posição de vítima, de inferior.

É preciso, necessário e nosso dever que representemos de que “matéria” somos feitos para que essa representação, assim como tem ocorrido ao longo dos séculos, converta-se em “ação transformadora”/mudança, para que não sejamos pedras inertes sendo arremessadas para a parte que convenha a nossos orientadores socioculturais e ideológicos. Como essa prática seria possível? Pelo conhecimento, sem dúvidas, mas também por algo que se aproxime das sugestões de nossa epígrafe. Assim, cantemos o discurso latino-americano para que ele reverbere, ganhe cada vez mais espaço, multiplique-se e transforme-se em resultado/realidade com raízes profundas.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. ¿Existe un lugar para el intelectual latinoamericano?. In: FIGUEIREDO, Eurídice; REIS, Livia (orgs.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: 7Letras; Santiago, Chile: Usach, 2011. p. 15-28.
- _____. *Planetas sem bocas: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. (tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AMOSSY, Rute (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Theory and practice in post-colonial literatures*. London: Routledge, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.
- BARZOTTO, Leoné Astride. *Interfaces culturais: The ventriloquist's Tale & Macunaíma*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BHABHA, Homi K. *DissemiNação: Tempo, Narrativa e as Margens da Nação Moderna*. Trad. Maria Luiza Cyrino Valle. FALE/UFMG, Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação em Letras, 1995.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-286.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. México: Suma de letras, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EDUFF, 1998.

_____. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na Teoria Feminista. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FRANCO, Jean. Introducción: la imaginación colonizada. In: _____. *História de la literatura hispanoamericana*. México: FCE, 2005.

FREIRE, Wilson & NÓBREGA, António. “Chegança”. Intérprete António Nóbrega. In: António Nóbrega. *Madeira que cupim não rói*. [S.I.]: Gravadora Microservice p1997. 1 CD. Faixa 3.

FOUCAULT, Michel. A mulher. In: _____. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FUENTES, Carlos. 1492: El año crucial. In: _____. *El espejo enterrado*. 3. ed. México: FCE, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico da língua portuguesa*. Editora Objetiva, 2007.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti; Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir, não tradutologia*. Tradução de Eduardo Domingues. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

NAVARRO, Márcia Hoppe. A invenção da América e questão de gênero. In: SCHMIDT, Rita Teresinha (Org.). *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

OCHOA, Amparo & PALOMARES, Gabino. ‘La maldición de Malinche’. 1975. Disponível em: <<http://lenguaeempalibertad.blogspot.com.br/2010/10/palomares-gabino-la-maldicion-de.html>> Acesso às 18hs43min. de 15 de agos. de 2013.

PALERMO, Zulma. “De fronteras, travesías y otras liminalidades. In: COUTINHO, E. F.; BEHAR, L. B. & RODRIGUES, S.V. (Orgs.). *Elogio da lucidez: a comparação literária em âmbito universal; textos em homenagem a Tânia Franco Carvalhal*. Porto Alegre: Evangraf, 2004. p. 237-244.

PAZ, Octávio. *El laberinto de la soledad*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História e literatura: uma velha-nova história”. História Cultural do Brasil – Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento. Publicado em *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006.

PIETRI, Arturo Uslar. *El hombre latinoamericano 500 años después*. In: _____. *La creación del nuevo mundo*. México: Editora MAPFRE, 1989.

PIZARRO, Ana. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Tradução de Irene Kallina & Liege Rinaldi. Niterói: EDUFF, 2006.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n 61, especial, p.253-269, 2003. Editora UFPR.

RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

_____. O tecer da intriga: uma leitura da poética de Aristóteles. *Tempo e narrativa I*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 55-84.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 7-46.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. *Revista crítica de ciências sociais*, n 78, outubro, p. 3-46, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.